

DEL

ndri VI.

Cap d' Orange

del No

Olba Fl Amazonum 340

PRINCIPATVS Tapuyi

BRASILLIA

REGIO TAPIQVI

SCRVCIS

de

AUTA DE SOUZA

MACAHYBA

SENADO FEDERAL



Auta de Souza

Phalias

(1893 - 1897)

Macahyba

DÁLIAS, “doce nome floral”, como disse Câmara Cascudo, é um caderno manuscrito que contém poemas de amor, saudade e religiosidade escritos por Auta de Souza entre os anos de 1893 e 1897. O manuscrito completo é inédito, mas parte dos poemas foi inserida no único livro publicado em vida pela autora, *Horto*. Muitos desses poemas apresentam modificações em relação ao manuscrito original, mas não se sabe se foram realizadas por Auta ou por seu irmão Henrique Castriciano de Souza, político e também escritor, que editou a obra.

Os belos e místicos versos presentes em **Dálias** muitas vezes trazem figuras maternas e infantis. Auta dedica muitas de suas composições a crianças. Há também vários poemas de amor.

Nas palavras de Edgar Ferreira Barbosa, Auta “era como um perfume de novena trazido num sopro de familiaridade lírica. Menina e moça, levada de casa para o colégio, esvaiu-se em versos. Plantou um jasmineiro e deixou um livro de saudades que é o cancionero geral das nossas tristezas”. Não poderia ter sido mais preciso.

Esta primeira edição de **Dálias**, que a Biblioteca do Senado Federal tem o orgulho de apresentar, é acompanhada de fac-símiles de alguns poemas e trechos do manuscrito e contou com o decisivo apoio de intelectuais e instituições do Rio Grande do Norte, sem os quais o projeto não teria se realizado.



Auta Henriqueta de Souza, poeta negra potiguar, nasceu em 12 de setembro de 1876, na pequena cidade de Macaíba (RN). Perdeu os pais num curto espaço de tempo e, aos 4 anos, já órfã, foi viver com a avó materna junto com seus 4 irmãos. Vivendo numa sociedade católica e arraigada às tradições, foi matriculada, aos 11 anos, no Colégio São Vicente de Paula, em Recife, dirigido por freiras francesas. Ali aprendeu alguns idiomas, além de literatura, música e desenho, o que lhe permitiu ler no vernáculo as obras de diversos escritores franceses.

Precisou abandonar o estudo formal ao ser acometida pela tuberculose. Aos 17 anos, começou a escrever poemas, estreando na imprensa no ano seguinte. Publicou um único livro, a coletânea de poemas *Horto*, que foi prefaciado por Olavo Bilac e se esgotou rapidamente. Deixou à posteridade um manuscrito de poemas, intitulado *Dálias*.

Conheceu o amor com João Leopoldo da Silva Loureiro, de quem foi obrigada pela família a se separar. Essa tristeza da poeta é externada em poemas presentes no manuscrito.

Considerada a principal poeta nordestino-grandense, faleceu em 7 de fevereiro de 1901, vítima da tuberculose.

DÁLIAS

Senado Federal
Mesa Diretora
Biênio 2021/2022

Senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG)	SUPLENTES DE SECRETÁRIO
PRESIDENTE	Senador Jorginho Mello (PL-SC)
Senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB)	1º SUPLENTE
1º VICE-PRESIDENTE	Senador Luiz do Carmo (MDB-GO)
Senador Romário (PL-RJ)	2º SUPLENTE
2º VICE-PRESIDENTE	Senadora Eliziane Gama (CIDADANIA-MA)
Senador Irajá (PSD-TO)	3º SUPLENTE
1º SECRETÁRIO	Senador Zequinha Marinho (PSC-PA)
Senador Elmano Férrer (PP-PI)	4º SUPLENTE
2º SECRETÁRIO	Ilana Trombka
Senador Rogério Carvalho (PT-SE)	DIRETORA-GERAL
3º SECRETÁRIO	Gustavo A. Sabóia Vieira
Senador Weverton Rocha (PDT-MA)	SECRETÁRIO-GERAL DA MESA
4º SECRETÁRIO	

Conselho Editorial
Senador *Randolfe Rodrigues*
PRESIDENTE

Secretaria de Editoração e Publicações
Rafael André Chervenski da Silva
DIRETOR

Secretaria de Gestão de Informação e Documentação
Daliane Aparecida Silvério de Sousa
DIRETORA

Coleção Escritoras do Brasil, Volume VIII

AUTA DE SOUZA

DÁLIAS

(1893-1897)

Preâmbulo e notas

Stella Maria Vaz Santos Valadares

Prólogo

Anderson Tavares

Apresentação, pesquisa e notas

Ana Laudelina Ferreira Gomes

Brasília
Senado Federal
2021

COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

Coordenação: Biblioteca do Senado Federal – COBIB/SGIDOC

Comissão editorial: Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares, Osmar Carmo Arouck Ferreira e Stella Maria Vaz Santos Valadares

Revisão e atualização ortográfica: Mariana Sanmartin de Mello (Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF)

Volume 8 – *Dálias* / Auta de Souza

Supervisão editorial: Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares, Osmar Carmo Arouck Ferreira e Stella Maria Vaz Santos Valadares.

Projeto Gráfico: Serviço de Formatação/SEGRAF

Capa: Rodrigo Corrêa Ribeiro

Imagem de capa: Capa do manuscrito *Dhalias* original, de Auta de Souza.

A produção literária de Auta de Souza está em domínio público, conforme a Lei nº 9.610/1998. O manuscrito *Dhalias*, coletânea de poemas escritos entre 1893 e 1897, nunca foi publicado integralmente. Uma significativa parte de seus poemas compõe a obra *Horto*, publicada em 1900 pela Tipografia d'A República/Biblioteca do Grêmio Polimático de Natal (RN). O original desta obra foi gentilmente cedido para digitalização pela Biblioteca Auta de Souza da Escola Doméstica de Natal (RN). A digitalização foi realizada pelo Laboratório de Imagens (LABIM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Souza, Auta de, 1876-1901.

Dálias (1893-1897) / Auta de Souza ; preâmbulo e notas Stella Maria Vaz Santos Valadares ; prólogo Anderson Tavares ; apresentação, pesquisa e notas Ana Laudelina Ferreira Gomes. — Brasília : Senado Federal, 2021.

329 p. — (Coleção escritoras do Brasil ; v. 8)

ISBN 978-65-5676-181-7

1. Poesia, Brasil, séc. XIX. 2. Literatura, Brasil, séc. XIX. I. Valadares, Stella Maria Vaz Santos. II. Tavares, Anderson. III. Gomes, Ana Laudelina Ferreira. IV. Título. V. Série.

CDD B869.1

Ficha catalográfica elaborada por Marcela Caldas CRB-1116

Senado Federal

Praça dos Três Poderes

Brasília – DF

CEP 70165-900

<http://livraria.senado.leg.br>

SUMÁRIO

PREÂMBULO	11
PRÓLOGO – <i>As Dhalias</i> de Auta de Souza	15
APRESENTAÇÃO – <i>Dálias</i> : singularidades de um feminino plural.....	19

DÁLIAS (1893-1897)

Primeira página	87
Angelina.....	89
Passando	93
Renato.....	95
Olhos azuis.....	97
Minh'alma e o verso	99
De longe	103
Partindo	105
Antonieta	107
Meu sonho	109
No templo.....	111
Noemi.....	115
No álbum de uma amiga.....	117
Dia de inverno.....	119
Lágrimas	121
A morte de Helena.....	123
Soneto.....	125

Regina Coeli.....	127
O beija-flor.....	131
Feliz.....	133
Ao luar.....	137
Desalento.....	139
Página triste.....	143
Morta.....	145
A alguém.....	147
Doloras.....	149
Cantando.....	151
Pobre flor!.....	155
Um sonho.....	157
Meu pai.....	159
A ti.....	161
Recuerdo.....	165
Minha mãe.....	173
Flores.....	175
Extinto.....	177
Ao meu bom anjo.....	179
Nunca mais.....	181
Estrada afora.....	183
Pelo passado.....	185
Versos ligeiros.....	187
Bendita.....	189
Poemeto.....	191
Jesus.....	197
A... ..	199
À memória de uma ave.....	201
Na Judeia.....	203
Visita a um túmulo.....	205

Ao mar	209
Quadras	211
Mágoas.....	213
Hoje	215
Meu coração	217
A volta do sertão.....	219
No álbum de Dolores.....	221
Força do destino.....	223
Melancolia	225
Pelos pobrezinhos	227
A noiva.....	229
No cemitério	231
***	233
Reminiscência	235
O coração e o beijo.....	237
A monja	239
A trança.....	241
Página azul.....	243
Ao clarão da lua	245
Rezando	249
Agonia do coração	255
À luz de teu olhar.....	257
Lídia	259
À Jovita.....	261
Olhando o céu.....	263
Na capelinha.....	265
Caminho do sertão.....	269
O que são estrelas.....	271
Celeste	275
Loli.....	277

Boêmias	279
Dolentes	281
Chorando	283
Simbólicas.....	289
Zirma	293
Tuas mãos	297
Simples	299
Sancta Virgo virginum	301
Fantasia	307
Goivos.....	309
Índice	313
FONTES CONSULTADAS.....	323
ANEXO 1 – Carta a Julieta	325
ANEXO 2 – Digitalização do livro <i>Dhalias</i> : descrição técnica...	329

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Poema <i>Primeira página</i>	88
Figura 2 – Poema <i>No templo</i>	113
Figura 3 – Poema <i>Desalento</i>	141
Figura 4 – Poema <i>A ti</i>	163
Figura 5 – Poema <i>Recuerdo</i>	169
Figura 6 – Poema <i>Rezando</i>	251
Figura 7 – Poema <i>Chorando</i>	285
Figura 8 – Poema <i>Sancta Virgo virginum</i>	304
Figura 9 – <i>Índice</i>	317
Figura 10 – <i>Carta a Julieta</i>	326

PREÂMBULO

Auta de Souza (1876-1901), em sua breve carreira literária, publicou em vida diversos poemas em jornais da época e apenas um livro, coletânea de poemas: *Horto*. *Horto* foi precedido de *Dálias*, ainda hoje um manuscrito, do qual foram retirados vários poemas publicados em *Horto*. O objetivo da presente edição é reproduzir o manuscrito *Dálias*.

Dálias, manuscrito encadernado, faz parte do acervo da Biblioteca Auta de Souza da Escola Doméstica de Natal (RN). Com o apoio do professor Francisco Anderson Tavares de Lyra (presidente da Academia Macaibense de Letras – Casa Auta de Souza), do professor Fábio Fidelis e do pesquisador Carlos Castim, solicitamos ao presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, Dr. Manoel de Medeiros Brito, a digitalização do manuscrito, serviço gentilmente realizado pelo Laboratório de Imagens (LABIM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), coordenado pela professora Íris Álvares Dantas, do Departamento de História da UFRN, a fim de que pudéssemos editar o material para posterior publicação. Contamos ainda com a colaboração da professora Ana Laudelina Ferreira Gomes, que realizou pesquisa para indicação de notas, além de ter elaborado a minuciosa apresentação da presente edição com importantes informações sobre Auta de Souza e sua obra. A esses apoiadores deixamos aqui nosso especial agradecimento.

O manuscrito, nunca antes publicado, apresenta diversas alterações e anotações ao longo do texto, ora com a mesma tinta da escrita inicial, ora com tinta diferente ou até a lápis, não tendo sido possível precisar. Nesta edição, todas as anotações e modificações são apontadas em notas, preservando no texto principal o original do manus-

crita. Há folhas, ao final do manuscrito, que parecem diferentes das anteriores, algumas apresentando pautas e sem a numeração de página no canto superior, como as precedentes. Não se pode afirmar que todas as folhas pertencem ao manuscrito original.

Como o manuscrito apresenta a numeração da maioria das páginas, notou-se a ausência de várias delas: 13-14, 17-20, 23-24, 41-44 e 155-158. Os professores que tiveram contato com o material atestaram a falta dessas folhas no original. As páginas 23 e 24 deveriam conter as duas primeiras estrofes e os dois primeiros versos da terceira estrofe do poema *Minha alma e o Verso*. Para permitir sua leitura completa, optou-se por reproduzir do *Horto* o trecho ausente, que foi grafado em itálico.

Observou-se que várias das citadas marcações do manuscrito combinam com a grafia dos poemas publicados em *Horto*. Conforme os estudiosos consultados, nem todas as marcações e modificações foram realizadas pela autora, mas também por seu irmão Henrique Castriciano (1875-1947) após o falecimento de Auta. Como nosso objetivo foi publicar *Dális*, somente anotamos a diferença de títulos de mesmo poema, deixando as demais discrepâncias para análise dos estudiosos.

As datas encontradas ao final de alguns poemas se referem sempre ao século XIX, quando foram escritos. A autora não padronizava a forma de indicação das datas dos poemas, apresentando-os, muitas vezes, apenas com a designação da década, em dois dígitos. Da mesma forma, muitos poemas do manuscrito trazem os títulos com ponto-final. Escolheu-se manter a marcação da autora. O texto original foi produzido numa época em que não existia ainda a devida normalização e padronização editorial.

Quando encontradas, foram incluídas informações em notas sobre as pessoas a quem a autora dedicou seus poemas.

Consta entre as páginas 76 e 77 do manuscrito carta escrita por Auta de Souza e endereçada à sua amiga Julieta. Na presente edição, a reprodução dessa carta foi colocada após o índice, como anexo.

Ao final do manuscrito há um índice da obra, com várias rasuras, anotações, números, riscos, frases e títulos riscados, com caligrafias

diferentes a tinta e a lápis. Foram mantidas somente as informações supostamente originais. Também são enumerados vários poemas que não constam no manuscrito.

A grafia dos nomes próprios em língua portuguesa foi atualizada, conforme determina o Acordo Ortográfico de 1990.¹ Os nomes próprios estrangeiros permaneceram como se apresentam. As palavras em idiomas estrangeiros tiveram a grafia mantida conforme aparecem, acompanhadas por definições, quando encontradas. Foram incluídas notas no decorrer da obra com os significados dos termos que não são mais encontrados nos dicionários atuais, como também notas com a tradução das frases em outras línguas. No restante, procurou-se manter a fidelidade ao texto original, limitando-se as modificações à atualização ortográfica. Nesse sentido, as pontuações foram preservadas, mesmo as consideradas incompatíveis com as normas atuais e as não usuais, como, por exemplo, o ponto-final após reticências, muito utilizado pela autora.

Visando ilustrar a cuidadosa caligrafia da autora, bem como as rasuras, anotações e demais alterações presentes na obra, reproduzimos, nesta publicação, as imagens do manuscrito referentes ao Índice, à carta de Auta para sua amiga Julieta e aos poemas: *Primeira página*, *No templo*, *Desalento*, *A ti*, *Recuerdo*, *Rezando*, *Chorando* e *Sancta Virgo virginum*.

O manuscrito pode ser conferido na íntegra na Biblioteca Digital do Senado Federal, através do escaneamento do Código QR abaixo. Esperamos, assim, que ele possa ser conhecido, lido e estudado, como merece a autora.



Dhalias

Brasília, agosto de 2021

Stella Maria Vaz Santos Valadares
Bibliotecária do Senado Federal

¹ BRASIL. **Decreto n. 6.583**, de 29 de setembro de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm. Acesso em: 27 set. 2021.

PRÓLOGO

AS *DHALIAS* DE AUTA DE SOUZA

Em meados de dezembro de 2020, tive a grata e singular emoção de visitar a Escola Doméstica de Natal, onde estão guardados os manuscritos originais dos livros *Dhalias* e *Horto*, escritos pela ilustre conterrânea Auta de Souza, a maior poetisa potiguar desde o século XIX. Em companhia do amigo Carlos Castim, estudioso da obra, tivemos acesso aos históricos volumes que evidenciam muito mais que uma simples coletânea de poemas; *Dhalias* e *Horto* representam a síntese poética da história de vida de uma jovem negra na superação da dor e do sofrimento causados pela tuberculose que lhe ceifou a existência entre nós, aos 24 anos de idade.

Em que pese serem duas obras distintas, *Dhalias* transformou-se posteriormente no *Horto*, principal e única obra legada pela *Cotovia das Rimas* ou *Trovadora das Serenatas*, epítetos carinhosos que lhe foram atribuídos pelos famosos poetas Francisco Tavares Pereira Palma e Palmira Wanderley. Entretanto, nem todos os poemas existentes nesse manuscrito foram transcritos posteriormente para o manuscrito *Horto*, permanecendo inéditos, quando Auta de Souza decidiu alterar o nome e conteúdo daquela obra poética inicial. Anos após a sua morte, parte desses poemas foi publicada no *Horto*, 2ª edição (1910), impressa em Paris, sob os auspícios de Henrique Castriciano. A outra parte seguiu desconhecida do público até 2009, quando a pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) Ana Laudelina Ferreira Gomes a incluiu em sua obra *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas*, publicada pela EDUFRN.

Em janeiro desse ano, dois importantes contatos vieram a alterar a minha rotina de trabalho, emprestando um sentido real à visita realizada à Escola Doméstica no mês e ano anterior. O primeiro foi um telefonema da própria professora Ana Laudelina, que, residindo em Portugal, informava-me sobre a intenção da Gráfica do Senado Federal em publicar o manuscrito *Dhalias*, a primeira versão original dos poemas de Auta de Souza. Naquela oportunidade, ressaltava a ilustre pesquisadora, eu seria procurado pelos responsáveis pela editoração do livro, em busca de orientação sobre como poderiam materializar a intenção, uma vez que se trata de obra muito rara e preservada pela Escola Doméstica, não sendo de fácil acesso ao público.

De fato, alguns dias após, recebi um ofício do Senado Federal solicitando a minha colaboração, como presidente da Academia Macaibense de Letras, na materialização desse intento literário absolutamente inédito.

Sabedor de que uma das pessoas que possuíam acesso ao referido manuscrito era Carlos Castim, recorri imediatamente a ele, colocando-o a par da fecunda iniciativa daquela Casa legislativa. A partir de então, uma rede de contatos envolvendo dirigentes do Complexo Educacional Henrique Castriciano, do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI/RN), da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi desencadeada em prol desse nobre propósito cultural.

Somente por meio da mobilização de todas essas pessoas foi possível o escaneamento do manuscrito original do *Dhalias*, através de um equipamento de última geração da UFRN, e o envio do arquivo digital correspondente ao Senado Federal para publicação.

Portanto, deixo a minha gratidão, em nome da Academia Macaibense de Letras – Casa Auta de Souza, às seguintes pessoas:

- Daladier Pessoa Cunha Lima, magnífico reitor do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI/RN);
- Hênio Ferreira de Miranda, vice-reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);
- Manoel de Medeiros Brito, presidente da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte;

- Maria das Graças Soares Rodrigues e Josenildo Soares Bezerra, diretora e vice-diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);

- Lucilla Ramalho Pessoa de Lima, diretora do Complexo de Ensino Noilde Ramalho (EDHC) (antiga Escola Doméstica de Natal);

- Professora Íris Álvares, responsável pelo Laboratório de Imagens da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (LABIM-UFRN);

- Ana Laudelina Ferreira Gomes, escritora e pesquisadora da obra de Auta de Souza;

- Adriana Tinoco de Andrade, secretária do Complexo de Ensino Noilde Ramalho (EDHC);

- Fábio Fidelis de Oliveira, professor do Centro Universitário do Rio Grande do Norte e pesquisador da obra de Auta de Souza;

- Carlos Santa Rosa d'Albuquerque Castim, ex-procurador-geral do município de Natal e pesquisador da obra de Auta de Souza.

Sem a colaboração e o apoio dessas pessoas, este livro não seria publicado, privando-se a imensa legião de admiradores e leitores da obra de Auta Henriqueta de Souza de se deliciar com o suave perfume emanado das *Dhalias* do seu *Horto*.

Natal, 7 de maio de 2021

Francisco Anderson Tavares de Lyra
Presidente da Academia Macaibense de Letras
Casa Auta de Souza

APRESENTAÇÃO

***DÁLIAS*: SINGULARIDADES DE UM FEMININO PLURAL**

*Ana Laudelina Ferreira Gomes*¹

Desde que nos chegou o convite da Biblioteca do Senado, em março de 2020, temos participado de grande parte do processo de publicação do livro *Dálias*. Enquanto autora da peça de apresentação da poeta e da obra, quero registrar nestas linhas iniciais a síntese de um percurso que nos torna a todos os envolvidos nesta publicação novos personagens de um enredo histórico sobre Auta de Souza; uma narrativa que se tece cotidianamente nos espaços escritos, falados e vivenciados em que sua memória vem buscar guarida.

O trabalho de parceria transatlântica, em meio a uma pandemia mundial, trouxe limitações diversas, em especial no que se refere ao acesso a fontes de pesquisa importantes, entre elas a principal: o original do manuscrito, documento que, desde a morte, em 1947, de Henrique Castriciano de Souza, irmão da poeta, ficou sob a guarda da Escola Doméstica de Natal, no Rio Grande do Norte. Até 30 de maio de 2020, nossa busca foi pelo acesso a alguma cópia do ma-

¹ Doutora em Ciências Sociais com estágio pós-doutoral em Filosofia das Imagens. Possui uma ampla produção intelectual sobre Auta de Souza, destacando-se a publicação de um livro (GOMES, 2013), a coorganização das *Obras reunidas* da poeta (SOUZA, 2009) e a realização e direção de um filme sobre ela (GOMES, 2008). É professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde atua junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN) e ao Grupo de Pesquisa Mythos-Logos: imaginário e parcerias do conhecimento. E-mail: analaufferreiragomes@gmail.com.

nuscrito com qualidade técnica suficiente para garantir a identificação de seu conteúdo. A pesquisa em cópia digital publicizada nos anos 2000 (GOMES, 2008) iniciou em junho de 2020. No entanto, a falta de nitidez em algumas partes do texto levou a novos esforços para consultar o original. Paralelamente, continuamos realizando o confronto do arquivo digital existente com outras fontes dos poemas (SOUZA, 2009; CASCUDO, 2008), produzindo nossas primeiras sistematizações da pesquisa sobre o manuscrito. A tratativa para o empréstimo do manuscrito original, visando seu escaneamento em Natal para posterior entrega à Biblioteca do Senado, foi noticiada em novembro de 2020. O manuscrito foi recebido pelos parceiros de Natal no início de fevereiro de 2021, os quais cuidaram também de seu escaneamento. Em 8 de março, tivemos finalmente acesso à nova cópia digital. Com ela em mãos, foi possível melhor desenvolver e aprimorar o trabalho de editoração iniciado no começo de junho pela equipe do projeto, bem como dirimir dúvidas que ainda persistiam em relação ao conteúdo original.

Acreditamos que a publicação do livro *Dálias*, pautada por todo um rigor profissional e qualidade técnica, é mais um resultado do pioneirismo da Biblioteca do Senado na *Coleção Escritoras do Brasil*, aliado à cooperação e a parcerias nacionais e transnacionais entre pessoas e instituições que confiaram no projeto e o abraçaram, colocando-se a serviço da causa. Um feito memorável para a história das letras de autoria feminina do Brasil oitocentista.

A seguir, abordaremos o *Dálias* e a biobibliografia de sua autora.

***Dálias*: singularidades de um feminino plural**

Dálias é originário do manuscrito de mesmo nome, nunca antes publicado, embora todos os poemas que nele aparecem já tenham sido publicados antes, a maior parte no livro *Horto*, único lançado em vida pela poeta.²

² Até onde sabemos, o *Horto* foi editado nove vezes (SOUZA, 1901; 1910; 1936; 1970; 2000; 2001; 2009; 2019a; 2019b).

Esta apresentação versará sobre o conteúdo imagético do livro *Dálias*, além de oferecer uma visão panorâmica sobre sua autora, a poeta norte-rio-grandense Auta de Souza, a qual tem sido considerada a primeira poeta negra brasileira de livro publicado (LOPES, 2018). Sua poesia, altamente espiritual, apresenta traços místicos, mas não deve ser entendida exclusivamente dentro dessa categorização (GOMES, 2013). Poeta que foi amada e enaltecida pela crítica católica dos anos 20 e 30 do século XX e pelos espíritas ao longo do século XX até hoje (GOMES, 2013). Para o espiritismo, seu espírito desencarnado é considerado um exemplar das mais altas hierarquias espirituais, protetor e mentor de ações de caridade e assistência social (BORBA, 2008). Poeta que caiu no gosto popular desde os primeiros versos publicados na imprensa no final do século XIX, muitos dos quais se tornaram canção (GALVÃO, 2001), sendo autora de um cancionário que até hoje parece não parar de crescer, com melodias nos mais diversos estilos musicais. Poeta que cada vez mais tem se consagrado como uma das mais importantes vozes das letras femininas do Brasil oitocentista (CUNHA, 2008), uma voz de mulher que escreveu principalmente para outras mulheres, uma voz de mulher negra. Poeta que nasceu e viveu num tempo em que os estudos em demasia e a escrita literária não eram recomendados para a mulher, não sendo, por isso, incentivados, quando não até mesmo rechaçados. Mas Auta de Souza estudou e, quando não pôde frequentar mais o colégio, tornou-se autodidata (GOMES, 2013). Escreveu, deixou dois cadernos de poemas manuscritos: *Dálias* e *Horto* (SOUZA, 1893-1897; SOUZA, 1894-1897), publicou em importantes jornais e revistas da época, publicou seu livro *Horto* e, até poucos dias antes de sua morte, ainda na mocidade, escreveu poemas (CASCUDO, 2008; GOMES, 2013).

Teve uma vida trágica, perdendo para a morte boa parte de sua família, assim como um grande amor (CASCUDO, 2008). Poeta que escreveu tuberculosa na iminência da morte, lutando contra ela também com sua palavra poética. Escreveu e publicou apesar da tuberculose. Lutou para fazer-se poeta respeitada, apesar de mulher (GOMES, 2013).

Uma poeta que, segundo ela mesma, “sofreu muito e [...] amou demais”, de seu poema *Ao pé do túmulo*, do livro *Horto* (SOUZA, 2009,

p. 207). E esse transbordamento de amor e sofrimento está presente em seus poemas, assim como sua vontade de viver, fazendo da escrita poética e da fé e devoção religiosas fontes de fortalecimento do espírito na luta pela vida; luta não só por sua própria vida, mas pela vida de outras mulheres, pela vida das crianças, dos doentes, dos moribundos, pela vida da natureza e do humano como parte integrante do cosmos, amando todas suas criaturas, pessoas, pássaros, o céu, o mar, as flores e seus perfumes.

Através da palavra, deu expressão ao seu amor pelos feitiços encantatórios tanto da natureza como da cultura, como os círios, os altares, os templos, as vestes, os adornos, os tecidos, os mantos, as tessituras, o trançado iluminado dos cabelos das meninas e moças (dourado ou negro), os lábios róseos em botão desenhando beijos, os olhos (azuis ou negros) e os olhares, as modulações musicais da voz etc. Em seus poemas, natureza e cultura voltam a juntar-se, numa verdadeira ode ecológica ao que os latinos chamavam *anima mundi*, a alma do mundo, ode a um mundo com alma, um mundo almado, com profundidade, com coração, tal como James Hillman (1993) compreende o termo.

Já se vão mais de 20 anos desde que iniciamos nossos estudos, falamos, escrevemos e publicamos sobre essa escritora e seus poemas (GOMES, 2000a; 2000b; 2001; 2003; 2007; 2008; 2009; 2009a; 2009b, 2009c, 2013, 2016, 2020; 2021a; 2021b) e, a cada vez que voltamos a ela e a seus escritos, encontramos algo novo a dizer. Auta está sempre a nos surpreender. Espero que os leitores e leitoras deste belo livro, *Dálias*, possam se encantar com ele, tal como aconteceu conosco na leitura cuidadosa para orientar suas notas e fazer esta apresentação.

A novidade do *Dálias*

Os poemas do manuscrito *Dálias* (SOUZA, 1893-1897) já estavam publicados em sua totalidade. A maior parte deles (67 poemas) foi publicada na 1ª edição do livro *Horto*, de 1900. Mais 47 poemas esparsos foram agregados, totalizando 114 poemas nessa edição do livro. Destes, 8 foram publicados por Henrique Castriçano (SOUZA, 2009), irmão da poeta, numa seção anexa à 2ª edição, de 1910, a que ele chamou *Inéditos*, dos 17 que ele para lá levou.

Poemas do *Dálias* que não constaram na 1ª ou na 2ª edição do *Horto* foram publicados no livro *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas* (SOUZA, 2009), do qual fomos coorganizadores³ (GOMES, 2009a).

Considerando-se essas publicações anteriores dos poemas originários do manuscrito *Dálias*, sua publicação completa em livro, pausada pelo que encontramos no manuscrito digitalizado, tem sua originalidade enquanto um conjunto integrado de poemas organizados e ordenados pela própria poeta, que dizem respeito à maior parte de seus primeiros escritos, cobrindo o período de 1893 a 1897.

Em 1897, Auta fechou o manuscrito *Dálias* e resolveu abrir um novo, o *Horto*, para o qual transferiu parte dos poemas do primeiro e acrescentou outros, novos ou já publicados na imprensa até então (CASCUDO, 2008). Foi esse segundo manuscrito que deu origem ao livro *Horto*, o qual teve sua primeira edição em junho de 1900. Na verdade, esta seria a única edição autêntica, pois Auta participou de sua organização; as demais sofreram alterações em relação a ela (CASTIM, 2021b).

A nosso ver, a grande novidade do livro *Dálias* está no fato de tratar-se de uma escrita de mulher voltada a outras mulheres e sobre outras mulheres, inclusive sobre si mesma enquanto mulher. E isso se dá logo em seus primeiros poemas. Há alguns que não têm esse tom, é certo, mas estão em absoluta minoria.

Este ano completaram-se 120 anos do falecimento de Auta de Souza, a 7 de fevereiro de 1901, e é um ótimo momento para trazer à baila o *Dálias* na sua completude e naquilo que o singulariza, independente do *Horto* e de suas repercussões. Fazemos alusão especialmente ao fato de o *Horto*, logo em sua 1ª edição, ter contado com prefácio de Olavo Bilac em 1901 e, na 3ª edição, de 1936, com o de Alceu Amoroso Lima. Além disso, recebeu comentários elogiosos da grande crítica católica da primeira metade do século XX, como de Perillo Gomes (1923), Jackson de Figueiredo (1924) e outros, incluín-

³ Hoje entendemos que não se tratou de um *Horto* ampliado, mas de poemas do *Horto* juntados a “outros poemas e ressonâncias”, por isso o subtítulo *obras reunidas*, mesmo que restritas às pesquisas realizadas até aquele momento.

do o próprio Tristão de Athaíde.⁴ Essas narrativas contribuíram para construir representações culturais sobre Auta de Souza,⁵ que – agora damo-nos conta – estão mais vinculadas ao *Horto*, e o consequente repasse acrítico por gerações, com raras exceções (GOMES, 2013).

Por isso mesmo, *Dálias* nos permite maior liberdade de leitura poética, soltando um pouco as amarras das constantes cristalizações da cultura ao longo do tempo. A obra traz essencialmente o mundo feminino e das mulheres, não somente as do tempo de Auta, pois as questões existenciais que convoca não são somente históricas, mas também trans-históricas, atravessando tempos e lugares, como perceberam Souza e Carvalho (2021) em relação ao todo de sua obra: “os poemas de Auta não se limitam a exprimir ideais culturais, mas tentam expor os sentimentos por ela experimentados, forças de sua realidade imaginária” (p. 82).

Mais especificamente, no *Dálias* aparecem mulheres diversas, amigas dos tempos do colégio, amigas do dia a dia, familiares (mãe, avó, tias), viúvas que choram a perda de seus maridos, noivas à beira da morte, moças e meninas encantadoras, geralmente em espaços religiosos ou locais públicos permitidos às mulheres, mães e filhas etc. Souza e Carvalho (2021) atentam para o fato de que, “no universo autaniano, as mulheres possuem múltiplos anseios e ansiedades” (p. 83). Embora as autoras não tenham comentado o fato, talvez nem o percebido, os três poemas que elas tomam para reflexão são originários do manuscrito *Dálias: Zirna, Versos ligeiros e A noiva*. O terceiro não foi publicado no livro *Horto* em qualquer das suas edições, mas somente no *Horto, outros poemas e ressonâncias* (SOUZA, 2009).

Articulando essa singularidade do *Dálias*, com as múltiplas expressões do feminino que contempla, chegamos ao título desta apresentação: “*Dálias*: singularidades de um feminino plural”.

Nossa meditação sobre essas diferentes mulheres em situações quase sempre de dor ou de dificuldade, mas também de prazer e

⁴ Pseudônimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983).

⁵ Sobre as cristalizações da cultura em termos de representações sobre Auta de Souza e sua obra, a maioria de nossos estudos e publicações sobre a poeta remetem a esse problema; recomendo consultar: Gomes (2000a; 2000b; 2001; 2003; 2009c; 2013; 2016).

deleite, remete-nos ao “arquétipo da Mulher Selvagem”, categoria criada por Clarissa Pinkola Estés (1994) para falar das imagens que são consteladas a partir desse arquétipo: “Ela é amiga e mãe de todas as que se perderam, de todas as que precisam. E aprendiz de todas as que têm um enigma a resolver” (p. 11).

Mas, antes de falarmos dos poemas do *Dálías* dentro dessas singularidades de um feminino plural, vamos conhecer um pouco melhor a biografia de Auta de Souza.

Pinceladas biográficas

*“Quando me vires chorar
que sou infeliz não creias,
Eu choro porque no Mar
Nem sempre cantam sereias.”
(Boêmias, Auta de Souza)*

Vamos começar por lembrar que toda personagem histórica está inserida num mundo de representações culturais que dela foram feitas pelas pessoas que a conheceram e deixaram algum registro, por matérias da imprensa, pelos estudos anteriores. Enfim, toda personagem histórica está assentada num conjunto de narrativas mais ou menos acordadas entre si, mais ou menos conflitantes. Não há uma verdade absoluta sobre uma personagem histórica nem sobre sua obra. Toda visão faz parte de um olhar. E se percebe melhor o que primeiro se imagina: toda ciência é feita também de imaginação (WUNENBURGER, 2003). E é isso que permite que ela seja constantemente revista sob novas lentes e possibilidades interpretativas.

Assim também se dá com a personagem histórica Auta de Souza; por isso, gostamos de usar um expediente escrito por Luís da Câmara (2008) na biografia que escreveu sobre a poeta: diz que Auta poderia ser outra, mas aquela sobre quem escrevia era a dele. E dizemos aos leitores e leitoras: a Auta que apresentaremos aqui pode ser outra,

mas é a nossa!! O mais precioso documento que nos deixou sobre si enquanto poeta foram seus poemas. Não cremos que se trate de poemas biográficos, mas de uma vida que se deixou envolver pela poeticidade do mundo, mesclando vida e poesia, imaginando muitas vidas dos muitos que somos, como neste fragmento do poema *Dolentes*: “Quanta tristeza se encerra / Do mundo no escuro véu!... / Não quero morar na terra, / Me deixem subir ao céu...” (SOUZA, 1893-1897, p. 179).

Sua vida foi matéria para sua poesia, mas não é um retrato de acontecimentos que viveu. Sua imaginação poética é a lente pela qual filma o acontecer da vida, na base da imaginação estão suas emoções e, na fonte das emoções, um corpo-ampulheta a marcar a vida que se esvai a cada tosse, a cada falta de ar, a cada dor. Ter que se despedir da vida tão cedo, da vida que tanto amava, da juventude que tanto gostaria de viver em sua plenitude, talvez essa tenha sido sua maior dor, e, por isso, pôde sentir e expressar tão bem a dor das mulheres moribundas e das que perderam entes amados. Falar de si, conectando-se a outras mulheres, falar delas reconectando-se aos seus sentimentos, medos e desejos, é assim nossa empática Auta.

Cascudo (2008) narra emocionado uma história de pequeno contada por sua mãe. E nela está sua mãe a fazer-lhe o mingau enquanto o Cascudinho grita pelo leitinho. A mãe entrega-o para Auta segurar, ela o balança, e eis que o choro passa e o pequeno futuro biógrafo da moça se deixa acolher no regaço de seus braços, esquecendo-se do alarme da fome.

O relato cascudiano parece dar contornos compreensíveis à aura de amorosidade que nos toma ao ler seu apaixonado e belo *Vida breve de Auta de Souza*. E isso tem muito a ver com a poeta.

Ela é uma personagem histórica muito amada, muito admirada, não somente no Rio Grande do Norte, sua terra natal, mas em muitas partes do Brasil. Arriscamos dizer que esse amor (ou simpatia) por Auta e a popularidade de sua pessoa e de seus poemas andam de mãos dadas, e vêm de longa data. Cascudo (2008), Henrique Castriciano (1970) e Eloy de Souza (1975) contam que Auta, desde muito menina, costumava emocionar uma plateia de mulheres do povo e velhos

escravizados para os quais lia estórias em voz alta.⁶ Entre esses livros que Auta lia em voz alta estava a *História de Carlos Magno e os doze pares de França*, história de cavalaria outrora muito comum nas fazendas do sertão brasileiro; segundo Meyer (1993), Guimarães Rosa e Monteiro Lobato a teriam lido quando crianças. Auta contadora de histórias, como os *griots* da África. Curiosamente, seus poemas tornaram-se canções que, por quase um século, permaneceram sendo repassadas quase exclusivamente na oralidade, assunto que trataremos mais à frente.

A primeira infância e a família – origens étnico-raciais e condições sociais

Auta nasceu em Macaíba, Rio Grande do Norte, limítrofe com Natal, e a cidade era na época um importante centro comercial e político do estado. Foi a única menina em meio a quatro irmãos, a quarta dos cinco (SOUZA, 2008). Seu pai, Eloy Castriciano de Souza, era filho de Félix José de Souza, brilhante vaqueiro de Francisco Pedro Bandeira de Melo – senhor de vastas terras na região –, cuja filha (adotiva ou natural)⁷ Cosma Francisca Pedro Bandeira de Melo foi-lhe “dada em casamento” pelo pai (SOUZA, 2008).⁸

Por sua vez, Félix do Potengi é referido pelo neto Eloy em suas *Memórias* (SOUZA, 1975) como o avô negro. Perguntamo-nos por que um homem branco e rico como Francisco Pedro daria a mão de uma de suas filhas para um vaqueiro negro e pobre? Cascudo (2008) diz que o fato denotava a confiança que o patrão depositava nesse vaqueiro. Faz sentido. Mas também podemos pensar que essa filha poderia não lhe valer tanto como a outra (legítima), cuja mão deu a um homem branco e rico. Cosma é designada por Cascudo (2008) como pertencendo à “velha raça”. Vemos que era assim que as desigualdades sociais e raciais iam sendo reproduzidas no Brasil dos Oitocentos.

⁶ Auta nasceu em 1876 e a Abolição se deu em 1888, ou seja, sendo seu avô materno e seu bisavô paterno ambos senhores de escravizados, ela conviveu de perto com alguns. Seu irmão Eloy (SOUZA, 1975) e Cascudo (2008) trazem algumas histórias a respeito.

⁷ Cascudo disse que ela era filha “adotiva”, já Eloy de Souza (1975) disse “natural”.

⁸ Não era incomum os patriarcas das famílias terem filhos de relações extraconjugais, muitas vezes com escravizadas; é plausível supor que Cosma tenha sido gerada nesse tipo de relação.

Félix nasceu no sítio Ferreiro Torto, área povoada desde o século XVII, que desde 1630 era pertencente a “[...] brasileiros natos, que eram os tribais e os muitos miscigenados na região já nascidos, mas com os seus domínios invadidos e apossados pelos portugueses” (DANTAS, s/d, p. 250). Isso nos leva a crer que Félix descendia de escravizados negros, de povos indígenas da região ou da mistura de ambos com brancos, possivelmente um descendente de escravizados ou um escravizado forro, pois, segundo Cascudo (apud PINHEIRO, 1996), os vaqueiros costumavam ser ex-escravizados fugidos do litoral que se abrigavam nas fazendas, tornando-se agregados. Dos pais de Félix não se tem notícia, podendo ter sido escravizados. Então, ambos os avós paternos de Auta de Souza tinham origem negra, dos povos originários ou da mistura destes com o branco.

Filho de Cosma e Félix, Eloy Castriciano de Souza teve pouca instrução, mas o suficiente para, aos 17 anos, tornar-se guarda-livros na *Casa Guarapes*, cuidando da contabilidade da empresa do tio materno Fabrício Gomes Pedroza – casado com Damiana Bandeira de Melo, a irmã de Cosma (CASCUDO, 2008).

Depois de mais de uma década nesse trabalho, Eloy Castriciano conheceu Francisco de Paula Rodrigues, homem de posses, pernambucano, comerciante do ramo de exportação, que vivia no Recife com a família e de quem acabou por tornar-se sócio na *Paula, Eloy & Cia*. Cascudo (2008) afirma tratar-se de uma financiadora de algodão e açúcar, que tinha *Macaíba* como ponto distribuidor, onde a empresa vendia mercadorias vindas de *Pernambuco*: farinha de mandioca, arroz, milho. Logo em seguida, Eloy Castriciano desposa Henriqueta Leopoldina Rodrigues, filha do sócio, moça de 20 anos incompletos, ele por volta de 10 anos mais velho (CASCUDO, 2008). Assim Cascudo (2008) a caracteriza: “[...] lida em livros, morena cor de jambo, pele macia como cambraia, olhos submissos e lábios de amorosa, cabeleira esplêndida, seduzindo pelas ondas aneladas dos cachos, torneados e excitantes, findando na pequenina fivela de oiro, luzindo” (p. 29). Ora, o fenótipo do avô materno era branco, mas o da mãe de Auta não, afinal o que mais pode querer dizer a referência de Cascudo (2008) a ela como “morena cor de jambo”?

Henriqueta era filha de Silvina da Conceição e mais conhecida por Dindinha. Era baixa, morena, tinha cabelo emaranhado e negava-se a aprender a ler e a ser fotografada, pois achava que a alma poderia ser prejudicada ao fotografar-se (CASCUDO, 2008). De acordo com seu neto Eloy de Souza (1975), era ela católica, mas sua religião era a da oração e da caridade, preocupada em não afligir ou humilhar ninguém. Pelas características físicas descritas por Cascudo (2008), Dindinha devia ter origem negra, dos povos originários ou da mistura destes; pelas informações que temos não é possível precisar.

Já Francisco de Paula Rodrigues, pai de Henriqueta, foi caracterizado como alto, espigado, falador, inquieto, o tipo de negociante clássico que usava corte inglês, sobrecasaca de pano preto, calças claras, colete sem abas, gravata de seda e cartola reluzente, conhecido como Chico Lateja (CASCUDO, 2008; SOUZA, 1975). Sintetizando, ao que tudo indica, o fenótipo de Auta como negra remonta aos avós paternos, Cosma e Félix, e também à avó materna, Silvina. Ou seja, o pai e a mãe de Auta tinham raízes etnoraciais que remetem à negritude, embora, como vimos, possam também estar associadas aos povos originários tanto do Rio Grande do Norte como de Pernambuco.

Após o casamento com Eloy Castriciano, Henriqueta partiu do Recife e seguiu com o marido para Macaíba, onde nasceram os cinco filhos do casal: Eloy, Henrique, Irineu, Auta e João Cância (SOUZA, 2008). Como era comum naquela época, Henriqueta teve os filhos um após o outro; sabemos que os métodos anticoncepcionais eram muito precários, além de a Igreja Católica nem aprovar que se controlasse a concepção. Assim, as mulheres chegavam à porta dos 30 anos com a saúde muito desgastada, quando não morriam em partos ou devido a suas consequências mais imediatas. Cascudo (2008) comenta isso brevemente, lembrando que, na época, gestações sucessivas enfraqueciam a saúde da mulher.

Henriqueta e Eloy Castriciano viveram casados por uns 7 ou 8 anos. Ela foi uma das mulheres jovens que ficou com a saúde fraca após 5 gestações e partos sucessivos e contraiu tuberculose, vindo a falecer aos 27 anos, antes de Auta completar 3 anos de idade. Aí começava uma grande dor para Auta e seus irmãos. No velório compareceu parte significativa da aristocracia rural local (CASCUDO, 2008).

Após o enterro da mãe, uma grande mudança de vida apontava no horizonte na vida das crianças, que seguiram com os avós maternos para com eles viver no Arraial do Recife. O pai permaneceu em Macaíba, pois era deputado provincial e preparava sua candidatura à reeleição (CASCUDO, 1961; 2008).

A vida no Recife e o colégio

Após apenas um ano vivendo com os avós no Arraial da família no Recife, as crianças perdem o avô. Permanecem com a avó Dindinha (CASCUDO, 2008). Passado mais um ano, morre também o pai, Eloy Castriciano, que, embora vencedor numa disputa política acirrada, não sobrevive à tuberculose surgida logo em seguida à eleição. Muitas perdas demasiado dolorosas para Auta, seus irmãos e Dindinha. Teriam que ser muito fortes. A vida precisava continuar, apesar da tristeza e da dor do luto.

Tudo leva a crer que Dindinha fez o possível e o impossível para encher de amor o coração dos netos órfãos, tornando-se mãe e pai adotivos dos cinco. Embora fosse uma mulher do povo, simples e analfabeta, teve muita garra, sabendo conduzi-los e educá-los. Todos estudaram e foram pessoas de projeção pública, respeitados e de bem. Na vida adulta, dos cinco, apenas João Câncio⁹ e Eloy¹⁰ constituíram família.

Além de Henriqueta, Dindinha teve mais dois filhos, e ambos frequentaram o ensino superior. A mãe de Auta não; vale notar que esse nível de ensino nem era aberto às mulheres ainda. Exceto Auta e Irineu, os outros três netos cursaram nível superior (SOUZA, 1975).

⁹ João Câncio Rodrigues de Souza (1877-1933) foi casado com Maria Hermelinda Barros de Souza, com quem teve três filhos: 1) Elza Barros de Souza (1914-2005); 2) Auta Barros de Souza (1915-2007) e 3) Haroldo Barros de Souza (1918--). Sâmia Moraes Zarzar (1956--), neta de Elza, é atualmente a principal interlocutora da família para assuntos que envolvem Auta de Souza (ZARZAR, 2021). Seus pais vivem no Recife, e ela, seu marido e filhos moram na Holanda.

¹⁰ Eloy foi casado com senhora viúva e não tiveram filhos biológicos. A filha de sua enteada é a jornalista e escritora Rejane Cardoso, que vive em Natal, sendo ela a organizadora do livro *Memórias* (SOUZA, 1975), de Eloy, publicado postumamente. A vida de Eloy pode ser conhecida através desse livro, e a de Henrique Castriciano, em biografia escrita por Cascudo (2008b), duas belas obras.

Na infância, Auta aprendeu as quatro operações matemáticas e as primeiras letras em casa, no Arraial, com professor particular, e rudimentos de francês com umas moças da localidade (CASCUDO, 2008). Portanto, seus estudos, mesmo que ainda informais, começaram no Recife, à época um importante centro cultural e político do País.

Infelizmente, outra tragédia familiar teve lugar quando Auta era uma menina de somente 11 anos. Irineu, o irmão um ano mais velho, morreu incendiado num acidente com um candeeiro. Auta teria presenciado o ocorrido, segundo Cascudo (2008). Um grande choque para a menina, uma mágoa que levou para toda a vida! Quando moça, lembrando do acontecido com o irmão, ela escreveu o poema *Goivos* (último poema anotado no manuscrito *Dálias*); veja-se o trecho:

Um dia destes enferma, / Eu recordava, a chorar, /
Um sonho que vi brilhar / Em minha vida tão erma. // E
cheia de desconforto / Fui evocando o perfil / Sereno, mei-
go e gentil, / De meu irmãozinho morto (SOUZA, 1893-
1897, p. 203).

Talvez esse fato tenha concorrido para que Dindinha a enviasse para um colégio interno, a pensar que nele, além de poder continuar seus parcos estudos, Auta poderia fazer novas relações de amizade com moças da sua classe social e começar nova vida; seria uma forma de superar esse trauma da morte trágica do irmão, que, certamente, atualizava a dor da perda dos pais.

Pois foi logo após a partida de Irineu que Auta seguiu para o Colégio São Vicente de Paulo, no bairro da Estância, no Recife (CASCUDO, 2008); um colégio de freiras de congregação francesa, como outros espalhados pelas cidades mais importantes do País desde a segunda metade dos Oitocentos, quando foram criados no Brasil, voltados para a recristianização das filhas das elites, as futuras mães dos homens dirigentes do País.¹¹

Podemos imaginar a dor que assolava o peito de Auta quando chegou ao Colégio da Estância. E, a partir de então, sendo tudo novo de novo, haveria de ter muita facilidade de adaptação. Pelo que Cas-

¹¹ Sobre isso, consultar o capítulo II de nosso livro (GOMES, 2013).

cudo (2008) narra na biografia da poeta, e pela dedicatória que ela escreveu às freiras do colégio em seus dois manuscritos e no livro *Horto*, ela parece ter gostado da experiência. Assim Auta se referiu às freiras em dedicatória do *Dálias*: “Às boas irmãs do Colégio da Estância, almas piedosas e simples que me educaram o coração e o espírito, ofereço o que houver de mais singelo e puro neste livro de versos” (SOUZA, 1893-197, p. 5).¹²

Mostrando-se muito aplicada nos estudos e de ilibado comportamento como aluna, talvez tenha sido no colégio que Auta descobriu sua vocação intelectual. Mas não só. Nele, aprofundou-se nos preceitos do catolicismo, não mais o catolicismo popular que devia ser o da sua prática religiosa cotidiana até então, mas modelou-o com a disciplina religiosa das freiras e com a leitura de obras de autores católicos franceses e de hagiografias de santos, como era usual nesses colégios então (CASCUDO, 2008; GOMES, 2013). Talvez essa formação religiosa católica mais formalizada haja oferecido novos contornos a uma espiritualidade espontânea e mais livre nascida das entranhas da sincrética cultura religiosa popular da época. O que Auta leu no colégio? Segundo Câmara Cascudo (2008), teria conhecido um pouco da literatura francesa, através da antologia *Pages choisies*, tendo contato com escritos de Jacques-Bénigne Bossuet, François de Salignac Fénelon, François-René de Chateaubriand e “alguma coisa” de Alphonse de Lamartine. Deste último, o livro *Horto* traz alguns versos em epígrafe (SOUZA, 2009).

Conforme Cascudo (2008), no colégio, Auta estudou música, inglês e vivenciou a língua e a cultura francesas no dia a dia de suas atividades. Lá teria feito muitas amigas e passado a integrar a União Pia das Filhas de Maria, o que implicava apresentar comportamento cristão exemplar (CASCUDO, 2008), segundo os critérios da associação, é claro (GOMES, 2013).

Passaram-se três anos de internato no Colégio da Estância, de 1888 a 1890 (CASCUDO, 2008). Veio a descoberta da tuberculo-

¹² No *Horto*, a dedicatória foi um pouco modificada, assim: “Às boas irmãs do Colégio da Estância, em Pernambuco, as almas formosas e santas que me educaram o coração e o espírito, ofereço o que há de mais puro nestes singelos versos” (SOUZA, 2009, p. 27).

se (CASCUDO, 2008). A mesma “dama branca” que levara seus pais agora chegava até ela. Mais uma dor. Teve que deixar o colégio (CASCUDO, 2008). Mais uma grande perda para um coração já bastante magoado.

A família paterna de Auta de Souza tinha relações de compadrio e laços de sangue com a oligarquia dos Maranhão, do Rio Grande do Norte, e, na mesma época em que Auta saía do colégio, seu irmão Eloy foi convidado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão – maior chefe político da Província – a disputar um cargo político no Rio Grande do Norte (CASCUDO, 2008). Aceito o convite, voltaram todos para Macaíba: Eloy, Auta, Henrique, João Cânciao e a avó Din-dinha (CASCUDO, 2008). Assim inicia o destino político de Eloy, o qual chegou mais tarde a deputado federal (CASCUDO, 2008).

De volta à terra natal: ocupando-se em meio a crises, leituras e amizades

Foram as relações da família com a política que trouxeram Auta de volta a Macaíba. Agora tuberculosa, não volta a estudar em escola alguma; talvez isso não fosse permitido ou recomendado, uma vez que se tratava de doença possivelmente contagiosa. Além disso, estudar demais não era coisa para mulher naqueles idos, mesmo para as oriundas da elite, como era o caso de Auta (GOMES, 2013). A regra da cultura no tocante à mulher de elite era que ela só estudasse o suficiente para um lustro social, bem como para acompanhar a educação dos filhos e comportar-se socialmente sem envergonhar o futuro marido em atividades sociais (GOMES, 2013). Um pouco de piano caía bem, assim como crochê, bordado e outras prendas artísticas podiam ter lugar na vida dessas mulheres (GOMES, 2013). Estudar mais do que isso poderia ser objeto de alguma cisma social, e Auta já tinha estudado bem mais do que as moças de seu tempo em Macaíba, como lembra Cascudo (2008).

Apesar de não poder continuar na escola, Auta não parou de estudar: tornou-se autodidata (GOMES, 2013) e lia tudo que lhe chegava às mãos, conforme escreveu seu irmão Henrique Castriciano (SOUZA, 1970). E ele o sabia bem, pois os livros que ela lia eram,

na maior parte, de sua farta e diversificada biblioteca (CASCUDO, 2008). Como um de seus frequentadores, Cascudo (2008) comentou que era a melhor do estado, com obras em várias línguas, atualizadas, livros, jornais e revistas que Henrique mandava buscar na capital do País e no exterior. Eloy dedicou-se tanto ao jornalismo quanto à carreira política, enquanto Henrique voltou-se mais aos estudos e à escrita, tornando-se escritor, poeta, fomentador da cultura e defensor da educação feminina (CASCUDO, 2008; SOUZA, 1975). Ocupou cargos no governo do estado e participou da criação da Escola Doméstica de Natal, a qual presidiu por muitos anos (CASCUDO, 2008; 2008b). João Câncio seguiu a carreira inicial do avô Eloy Castriano, atuando no mundo contábil, mas, quando moço, também andou escrevendo versos (CASCUDO, 2008). Uma família de irmãos intelectuais negros, criados pela avó mulher simples do povo.

Auta e seus irmãos tiveram trajetórias que ganharam reconhecimento público e mostraram grande resiliência, considerando tratar-se de intelectuais que tiveram que enfrentar a discriminação racial por serem negros (SOUZA, 1975). Para superar essa mazela, estudar e alçar uma vida digna, foram decisivas as relações de amizade, familiares e de compadrio com gente poderosa. Mas eles fizeram a parte deles, como Auta, e souberam aproveitar as oportunidades boas que se colocaram no caminho, enfrentando o estigma e o preconceito racial com talento, esforço e inteligência.¹³

Vivendo entre irmãos intelectuais, o ambiente de estudos era propício. Mas a tuberculose se colocou no caminho de Auta. Uma doença que ela conheceu de perto muito cedo, primeiro a de seus pais, depois a sua. Mas Auta não esmoreceu. Em 1893, depois de três anos de retorno à terra natal, dá a volta por cima e começa a escrever versos, então com 17 anos de idade (CASCUDO, 2008). O que teria feito entre 1890 e 1893? Provavelmente leu muito e procurou se

¹³ Essa família brasileira de negros exitosos nos mostra sobretudo que nossa história social seria outra se os negros de nosso país não tivessem saído da senzala para serem jogados na rua sem uma política pública decente que lhes oportunizasse acesso a condições de vida digna, mobilidade e ascensão social. Auta e seus irmãos são exemplos de que o sucesso social depende menos do mérito do que de condições econômicas e sociais adequadas, oportunidades políticas oferecidas pela história.

integrar melhor em Macaíba, cultivando amizades novas, já que com as amigas do internato do Recife basicamente só se comunicava por carta, pelo que indica Cascudo (2008). Deve ter frequentado com regularidade a Igreja para orações, missas e ajuda no catecismo de crianças. Cascudo (2008) noticia esses fatos, mas não explicita o período. As narrativas biográficas não são precisas sobre esse intervalo de tempo em sua vida, nem em Cascudo (2008), nem em Eloy (SOUZA, 1975). Sabe-se apenas que as crises de tuberculose pioraram em 1893, e, junto com Dindinha e uma ou outra amiga, esteve em constantes viagens em busca de melhores climas para a recuperação da saúde, especialmente na cidade de Angicos, espécie de sanatório do agreste de então (CASCUDO, 2008).

Além da literatura oferecida pelo colégio e de outros livros que leu na infância, o que Auta teria lido ao longo da vida? Reunindo as informações de Cascudo (1961; 2008) e de Henrique Castriciano (SOUZA, 1970) e as contidas nas epígrafes dos manuscritos e do *Horto*, pode-se presumir que Auta conheceu: Tobias Barreto, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompeia, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Henrique Castriciano, J. Estácio de Azevedo, Gonçalves Crespo, Garcia Redondo, Guerra Junqueiro, João de Deus, Soares de Passos, Bulhão Pato, Antonio Nobre, Antero de Quental, Luiz Murat e Edmundo de Amicis. Cascudo (2008) acreditava que Auta talvez conhecesse escritos de Victor Hugo e Alfred de Musset. Henrique Castriciano (SOUZA, 1970) assegurava que, dos poetas místicos (cristãos), Auta lera San Juan de la Cruz e Santa Teresa de Jesus e que, em seus últimos dias, leu *Meditações*, do imperador romano Marco Aurélio. Além disso, tinha como livro de cabeceira o devocionário conhecido como *A imitação de Cristo*,¹⁴ presenteado por um irmão (SOUZA, 1970).

¹⁴ A autoria é comumente atribuída a Tomás de Kempis (1380-1471), cônego de Santo Agostinho nos Países Baixos (GOMES, 2013). No poema *Na primeira página da imitação de Cristo*, do livro *Horto*, encontramos uma alusão da poeta ao livro (SOUZA, 2009, p. 168).

No ano de 1893, Auta de Souza abre o manuscrito *Dálias* e nele começa a registrar seus poemas, possivelmente com o intuito de uma futura publicação (CASCUDO, 2008). Grande parte deles traz informações sobre ano e lugar onde foram escritos, muitos ao longo de viagens em busca de melhores climas (SOUZA, 1893-1897). Cascudo (2008) ajuda-nos a ter uma ideia sobre como ela viveu a tuberculose no período em que o manuscrito foi escrito (1893-1897). Com certeza não foi fácil: realizou várias viagens por terra no lombo do cavalo, com a poeira levantando. Chegadas e despedidas. Limitações físicas. Dores, sofrimentos, sobretudo nas épocas de crises. Mas houve momentos em que a doença esteve controlada e a poeta pôde viver certa quase normalidade, mas sempre consciente de que tinha que se cuidar muito o tempo todo, pois a situação poderia retroceder a qualquer momento.

Veremos que muitos de seus poemas falam da dor que afeta as almas doentes, como a sua própria. Tratam também da dor de saber-se com uma doença cheia de agruras, para a qual ainda não havia cura e que possivelmente a levaria deste mundo ainda na juventude. Certamente a perda das pessoas amadas (mãe, pai, irmão e outros) e a proximidade com a morte num tempo em que ela ainda não era um tabu¹⁵ aumentaram sua sensibilidade para com as mortes a sua volta, a morte das crianças, a morte das mulheres, a morte dos esposos das que ficaram viúvas, a morte dos filhos e, enfim, a sua própria morte. A tuberculose, as perdas e o luto delinearam seu espírito delicado na apreciação estética do belo em pequenos gestos, na natureza e no viver cotidiano. A convivência próxima com a morte (real e imaginária) afirmou sua grandeza humana, sua espiritualidade e sua devoção religiosa. Isso tudo Auta levou para seus poemas, mas eles não se

¹⁵ Na época de Auta, a morte não era assepsizada como modernamente. Pelo contrário, o século XIX é conhecido por uma dada estética da morte, não só na literatura mas também nas artes em geral. E isso se sentia no cotidiano, nas mortalhas que eram feitas para as crianças mortas e nos caixões pintados e decorados. Fotografia do começo do século XX do sertão do Rio Grande do Norte revela defuntos nos caixões, adultos e crianças como que em culto de celebração, além de velórios dentro das casas. Ver tese de doutorado de Evaneide Melo (2012).

resumem a essa dimensão, ou seja, essa dimensão de sua poesia é importante, mas não é exclusiva, sua poesia não se resume a ela. Auta voltou-se principalmente ao outro; pode-se mesmo dizer que é uma poesia de alteridade. Por isso, dizemos que, apesar da relação que a obra tem com a esfera biográfica da existência da poeta, a poesia não é apenas isso nem deve ser por ela explicada. Até porque poesia não se explica: no máximo se abrem caminhos de compreensão, de sentidos, de possibilidades de reflexão, meditação e sonho (BACHELARD, 1996; PAZ, 1992).

Foi durante a escritura do manuscrito *Dálias* que Auta enamorou-se de João Leopoldo da Silva Loureiro, promotor público de Macaíba entre 1892 e 1895 (CASCUDO, 2008). Segundo o biógrafo da poeta, o rapaz era um paraibano “alto, esbelto, dizendo versos e dançando valsas” (CASCUDO, 2008, p. 73). Talvez ele frequentasse o Clube do Biscoito, fundado em Macaíba por volta de 1884, espécie de associação em que se promoviam “reuniões dançantes nas residências dos associados, bailes até depois do galo cantar [...]” e tocava-se piano, declamavam-se versos e dançava-se (CASCUDO, 2008, p. 64). Auta frequentou essas festas, dançando e declamando versos de outros poetas e alguns dos seus (CASCUDO, 2008). Nesse tempo, a poeta é retratada por Cascudo (2008) como uma moça “cheia de corpo”, graciosa, mais baixa do que alta, dona de “uma voz inesquecível de doçura e musicalidade”, portadora de “grandes olhos negros sombreados pelas sobrancelhas espessas e os longos cílios [que] avivavam, coando o olhar penetrante [...]” (p. 63; 65).

A paixão por João Leopoldo parece ter sido avassaladora, e Auta entregou-se a ela fortemente. Mas acabou por ter que aceitar o fim da relação, que aconteceu antes de julho de 1896, pois é quando ela escreve o poema *Minh'alma e o Verso*, que, para Cascudo (2008), seria o revide ao golpe do romance rompido, “desviando o motivo do seu lirismo, a razão da tristeza poética” (p. 74).

Cascudo (2008) explica que os irmãos se opunham a um noivado dos dois, pois o pretendente não lhes inspirava confiança. O biógrafo acreditava também que o entrave se deveu à doença de Auta: os irmãos da poeta temiam que dessa união viessem filhos igualmente

tuberculosos. Cascudo não deixa claro se Auta soube ou não da interferência dos irmãos no assunto, mas, se ela soube, não nos parece que tenha se importado a ponto de evitar o rapaz, ao contrário. Pelo teor dos poemas referidos ao romance, por vezes ela tentou até persuadir o enamorado. Há mesmo um poema em que ela parece tirar satisfações com ele, cobrando-lhe alguma atitude; em outros confessa-se triste e desiludida com o desfecho do romance, como veremos à frente.

Não sabemos se o rapaz se mostrou ou não sensível aos apelos poéticos da moça. Em 1895, ele se licenciou e deixou Macaíba, acabando por falecer a 12 de junho de 1897 numa cidade paraibana (CASCUDO, 2008).¹⁶ E é justamente em 1897 que Auta desiste do *Dálias*, encerra-o e abre outro manuscrito, o *Horto*, cujo nome só é divulgado em 1898 (CASCUDO, 1961; 2008). Apesar de o fim do relacionamento dos dois ter acontecido antes da morte de João Leopoldo, esta deve ter enchido de dor o coração da poeta, também por então saber que qualquer resquício de esperança que ainda persistisse se extinguiu definitivamente.

O manuscrito Horto e seu percurso até a publicação

O manuscrito *Horto* nasce nesse ambiente de comoção, de perda do amado, de luto, dor, descrença e apego religioso na busca pelo enfrentamento dessa situação tão exigente do ponto de vista emocional. Mas, para compor o *Horto*, Auta não ignorou os poemas do *Dálias*.¹⁷ Os poemas referidos ao romance rompido não foram transferidos para o novo manuscrito e ficaram por muito tempo dispersos na im-

¹⁶ Em entrevista recente (GOMES, 2021a), afirmamos que o namorado faleceu também de tuberculose, mas não encontramos posteriormente a suposta fonte para essa afirmação. Após a entrevista ir ao ar, tivemos notícia de que parece existir um atestado de óbito de João Leopoldo, onde haveria o registro de complicações cardíacas como a causa da morte. De todo modo, a informação não contradiz o fato de ele poder ter sido contagiado pela tuberculose, apenas não o confirma, permanecendo como especulação.

¹⁷ Dos 114 poemas que figuraram na 1ª edição do *Horto*, 58 vieram do *Dálias*, além dos poemas *Chorando* e *Aonde vai a lágrima*, que foram escritos a partir do poema *Dolentes* (do *Dálias*). A contabilidade é nossa, a partir do cotejamento do *Dálias* (SOUZA, 1893-1897) com o *Horto*, outros poemas e ressonâncias (SOUZA, 2009).

prensa; alguns eram até mesmo desconhecidos, até Cascudo (2008) trazê-los à tona nos anos 1960.

Esses poemas são especialmente importantes para falarmos de um forte veio feminista na poeta do *Dálias*, coisa que quase não nos foi suscitada pelo *Horto*, o que, compreendemos agora, pode ter contribuído para que grande parte dos comentadores de Auta cristalizassem uma representação exclusivamente religiosa da poeta, como podemos ver no capítulo “Comentando comentadores”, de Gomes (2013). Mesmo concordando que a marca religiosa seja forte, ela aparece com mais vigor no *Horto* do que no *Dálias*. Por isso, a publicação e o estudo deste último, de modo específico e autônomo em relação ao *Horto*, nos possibilita uma compreensão distinta da poeta e de sua obra até agora compilada.¹⁸

Como já dissemos, Auta começou a escrever versos em 1893, ano em que as crises de tuberculose se acentuam e ela faz constantes viagens pelo sertão e agreste em busca de melhores climas para o restabelecimento de sua saúde, sempre em propriedades da família.

Em 1894, Auta começou a colaborar na revista *Oásis*, de Natal. Viajou, no ano seguinte, para o Recife em visita a amigas; imaginamos que talvez tenha visitado igualmente as freiras do internato. Em 1896, começou a publicar no jornal *A República*, também da capital potiguar. Publicou, em 1897, com assiduidade no jornal *A Tribuna*, de Natal. No mesmo ano, reuniu os poemas escritos de 1893 a 1897 no manuscrito intitulado *Dálias*. Ainda em 1897, publicou na revista *Oito de Setembro* e na *Revista do Rio Grande do Norte*, ambas de Natal.¹⁹ e ²⁰ É também em 1897 que denomina *Horto* o seu futuro livro, oriundo do manuscrito de mesmo nome, que traz 114 poemas.

¹⁸ Referimo-nos aos dois livros, *Horto* (1900) e *Dálias* (2021), e aos poemas que aparecem juntados em *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas* (SOUZA, 2009). Outros poemas dispersos na imprensa da época poderão aparecer com novas investidas de pesquisa e levar a nós e a outros a novos entendimentos.

¹⁹ Todas essas informações são de Cascudo (2008). Um detalhamento sobre o teor desses periódicos e editores encontramos em Gomes (2013).

²⁰ Além desses órgãos de imprensa, Auta teria publicado também na imprensa nacional, como na *Gazetinha*, de Recife, em *O Paiz* e em *A Mensageira*, ambos do Rio de Janeiro. Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br>. Acesso em 7 abr. 2021.

O manuscrito *Dálias*, de acordo com a imagem de sua digitalização em 2021 para a Biblioteca do Senado, apresenta 87 poemas. Destes, 58 (mais 1 que deu origem a 2 poemas do *Horto*, como já dissemos) foram transportados para a 1ª edição do *Horto*.²¹ Outros 5 integraram o conjunto de 17 poemas incluídos por Henrique Castriano na 2ª edição do *Horto* (SOUZA, 2009, p. 215-240). Mais 7 aparecem na biografia escrita por Cascudo²² (1961), e 9 permaneceram publicados apenas em periódicos (jornais e revistas) até passarem a figurar no livro *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas*²³ (GOMES, 2008). Voltamos a salientar que todos os poemas do *Dálias* já haviam sido publicados, mas nunca em sua unidade e num livro específico, e percebemos que isso faz toda a diferença na compreensão de suas singularidades.

Em 1899, Henrique Castriano pediu a Olavo Bilac, poeta de suas relações, um prefácio para o livro da irmã. Eloy de Souza, que exercia mandato político na capital da República, foi quem levou o manuscrito *Horto* da irmã para o Rio de Janeiro, a fim de ser entregue a Bilac. Dividindo o quarto de hotel com Eloy, o escritor gaúcho Artur Pinto da Rocha leu os originais e fez anotações elogiosas. Bilac escreveu o prefácio, objeto de muita polêmica que Cascudo comenta e que está viva até hoje.²⁴ O livro *Horto* foi impresso pela gráfica do jornal *A República*, do Grêmio Polimático de Natal, sendo lançado a 20 de junho de 1900.²⁵

²¹ Para a escrita deste texto, não tivemos acesso à 1ª edição do *Horto*, de modo que nos baseamos no conteúdo dele apresentado no livro *Horto, outros poemas e ressonâncias* (SOUZA, 2009, p. 29-214).

²² Os publicados por Cascudo foram: *Extinto, À, Visita a um túmulo, Meu coração, Força do destino* e ***** (CASCUDO, 1961; 2008). Nem todos aparecem na íntegra. Cascudo parece ter feito uma seleção de estrofes que davam força aos argumentos arrolados por ele.

²³ Dos “inéditos em livro”, antes dispersos na imprensa, foram publicados nessa obra: *Minha mãe, Jesus, Quadras, Pelos pobrezinhos, A noiva, No cemitério, A monja* e *Reminiscência* (SOUZA, 2009a, p. 263-273).

²⁴ Temos comentado a respeito desse prefácio na maioria de nossas publicações sobre Auta. Como esta apresentação é sobre o *Dálias*, não vemos necessidade de fazê-lo novamente. Consultar Gomes (2001, 2009, 2013). Mais recentemente, essa polêmica voltou à tona com Lopes (2018).

²⁵ As informações deste parágrafo todo vieram de Cascudo (2008), exceto a permanência da polêmica sobre o prefácio.

Menos de um ano depois da publicação do livro, as crises de tuberculose pioraram e Auta veio a falecer na madrugada de 7 de fevereiro de 1901, em Natal, sendo sepultada no Cemitério do Alecrim (CASCUDO, 2008). Mais tarde, seus restos mortais foram transladados para o osuário da família na Igreja Matriz de Macaíba (CASCUDO, 2008) e, tempos depois, após muita polêmica sobre o assunto, recebeu como lápide versos autorais seus: “Longe da mágoa, enfim, no Céu repousa / Quem sofreu muito e quem amou demais” (CASCUDO, 1961; GOMES, 2013).²⁶

A receptividade da crítica católica e do espiritismo

Tanto seus poemas publicados de forma dispersa em jornais e revistas como seu livro *Horto* tiveram grande receptividade da imprensa regional, e sua morte suscitou muitas homenagens (CASCUDO, 2008; GOMES, 2013).²⁷ A descoberta e o enaltecimento de Auta de Souza pelos críticos católicos também é algo digno de nota, especialmente o artigo de Perillo Gomes (1923) e o livro de Jackson de Figueiredo (1924). Seguem-se outros trabalhos nessa linha, em especial o prefácio à 3ª edição do livro *Horto*, de 1936, escrito por Alceu Amoroso Lima (1970).

O poder dessa crítica dentro das letras brasileiras fez com que Auta ganhasse um pouco mais de espaço na história literária feminina do País, dentro de uma perspectiva de poesia católica, cristã, religiosa, espiritual e até mística, algo que ainda é objeto de controvérsia.²⁸ O próprio Cascudo (1998), biógrafo da poeta, em seu livro *Alma patrícia*, de 1921, argumentava que Auta era mística, mas, 40 anos depois, no livro *Vida breve de Auta de Souza*, passou a defender o

²⁶ Poema *Ao pé do túmulo*, que não consta do *Dálías* (SOUZA, 1893-1897), mas do *Horto* (SOUZA, 2009, p. 207).

²⁷ Sugiro consultar nosso capítulo “Comentando comentadores”, de Gomes (2013), onde apresentamos dezenas de comentários desses da imprensa, bem como de livros e de artigos em periódicos literários sobre ela ao longo de um século.

²⁸ Sobre isso, sugerimos a leitura dos capítulos “Controvérsia em torno de representações: comentando comentários” e “Escrita e transposição de um ideário de feminilidade”, do nosso livro, em Gomes (2013), e também a retomada dessa discussão em Lopes (2018).

oposto (CASCUDO, 2008). Apesar disso, ainda é possível encontrar *blogs* em que desavisados continuam citando Cascudo para aludir ao pretense misticismo de Auta. A polêmica sobre esse tema foi amplamente discutida por nós desde 2000, mas parece que não ficou conhecida o suficiente (ou não convincente o suficiente) para influenciar o debate de forma a resgatá-la e dialogar com ela. Da nossa parte, ainda não demovemos a convicção de que, apesar de sua poesia poder apresentar elementos que se referem ao misticismo literário, eles não acontecem no todo de sua obra e, no caso do *Dálias*, nem mesmo são predominantes. Talvez, o mais pertinente fosse dizer que o *Horto* traz mais elementos de misticismo literário que o *Dálias*; estas são suposições nossas ainda iniciais ao estabelecermos esse termo de comparação entre os dois livros pela primeira vez, enquanto obras autônomas e relativamente diferenciadas.

Quanto à ideia de esse misticismo literário traduzir a espiritualidade da mulher Auta de Souza, daí é outra discussão, que nos parece ainda mais complexa e que acreditamos que pode e deve ser mais aprofundada pelos estudiosos. Nós realizamos um pouco desse trabalho (GOMES, 2000a; 2013), mas pensamos que mereça ser revisitado, especialmente por investigadores que desenvolvam estudos transdisciplinares dialogando com o campo das ciências da religião e com estudos sobre a espiritualidade mística em diferentes tradições, particularmente a tradição mística cristã, da qual a poeta se colocava explicitamente como devota.

Essa maior notoriedade de Auta a partir da crítica católica acabou se intensificando dentro do campo da religiosidade e espiritualidade cristãs, com a expansão crescente do nome da poeta dentro do espiritismo, desde quando poemas psicografados foram atribuídos ao seu espírito desencarnado. O livro *Parnaso de além-túmulo* (PARNASO, 1932) é uma das primeiras e mais conhecidas obras em que aparecem as publicações dessas psicografias atribuídas à poeta desencarnada. Talvez o fato de o livro ser assinado por Francisco Cândido Xavier, o maior médium da história do espiritismo brasileiro, tenha contribuído para essa notoriedade. Além das psicografias atribuídas a Auta que aparecem em *Parnaso de além-túmulo*, um conjunto de outras, também

psicografadas por Chico Xavier, foram reunidas no livro *Auta de Souza* (SOUZA, 1991). Mas temos notícias de haver outros médiuns que psicografaram poemas de Auta.

De lá para cá, o nome de Auta entrou em escalada ascendente dentro do espiritismo, nominando centros espíritas e entidades de assistência social espírita, além de estar relacionado diretamente à Campanha de Fraternidade Auta de Souza, que remonta a 1953 e abrange todo o País (GOMES, 2013). A campanha carrega o nome de Auta porque Francisco Cândido Xavier teria confirmado aos devotos que o espírito desencarnado que incentivou sua criação foi o de Auta de Souza (GOMES, 2013). Nessa esfera religiosa, a poeta é considerada um espírito muito elevado dentro de sua hierarquia espiritual (BORBA, 2008). Esse foi outro fato que pode ter colaborado para que o nome de Auta fosse mais amplamente divulgado e ganhasse mais espaço nas mídias e nas redes sociais, já que a devoção espírita a sua figura é bastante significativa e fervorosa. Talvez ela seja hoje um dos espíritos de devoção mais cultuados dentro do espiritismo brasileiro. Chama-nos a atenção o fato de Cascudo (2008) não ter feito alusão à presença de Auta no espiritismo, quando, em 1960, ano em que publicou a 1ª edição de seu livro sobre a autora, já fazia mais de 40 anos que existia essa relação entre a figura de Auta e o espiritismo. Que motivos teria o biógrafo para omitir tão importante fato? Pensamos que valha especular um pouco – fica a sugestão para outros pesquisadores.

Nós ficamos sabendo da relação do espiritismo com Auta de Souza por volta de 1996-1997, muito possivelmente através da leitura da dissertação de mestrado de Nalba Leão (1986). Acabamos por confirmar essa associação por meio da pesquisa de campo que fizemos em 1997 para nossa tese (GOMES, 2000; 2013) e, posteriormente, através de conversas informais com espíritas de nossas relações. Além disso, notícias dessa vinculação chegavam a nós sem estarmos a buscá-la, pelas vias mais diversas. Percebemos que onde quer que se falasse sobre o espiritismo ou se praticasse essa fé, ali se sabia de Auta enquanto espírito elevado que trabalharia no plano espiritual em acordo com a doutrina espírita. Isso é o que temos ouvido

em diferentes casas espíritas que tivemos oportunidade de frequentar nas últimas duas décadas e lido em diversos espaços e veículos de divulgação espírita espalhados pela internet.

Apesar de frequentar esses espaços e vivenciar pessoalmente fenômenos espirituais abrangidos por explicações do espiritismo, não nos consideramos espíritas, no sentido de professar a doutrina, mas sim espiritualistas. Talvez por essa razão nunca nos sentimos à vontade para fazer um estudo sistematizado sobre esses materiais escritos e depoimentos orais do espiritismo, nem sobre os poemas psicografados atribuídos ao espírito desencarnado de Auta de Souza. Mas acreditamos que nossas pesquisas, publicações e exposições orais sobre a poeta acabaram por contribuir para divulgar o espaço simbólico e devocional que lhe é conferido dentro do espiritismo no Brasil. Sendo assim, não iremos oferecer leituras nem da compreensão espírita em relação a Auta de Souza como espírito desencarnado nem de poemas psicografados atribuídos a ela. Essa é outra área que merece investimentos de pesquisa científica, dentro de uma concepção de parcerias de conhecimento, em que pesquisadores e sujeitos estudados possam estabelecer um diálogo frutífero e respeitoso sem romper com a distinção de cada um desses campos de conhecimento – ciência e espiritualidade/religião –, preservando sua natureza e regras específicas de operação.

Assim como o campo da religiosidade e da espiritualidade se constitui num mundo próprio de saberes, também o da literatura o é. E é nele que aparece a discussão do enquadramento estético literário de Auta, que até hoje é assunto controverso, no qual também nunca nos detivemos, justamente porque nossa perspectiva de estudos é outra. Desde o princípio nos ativemos a abordagens dentro de um campo pluri e transdisciplinar, que melhor condiz com a perspectiva dos estudos do imaginário. Essa via estética tem nos levado a conhecimentos significativos sobre a imaginação poética suscitada pela obra de Auta de Souza. Deixamos, pois, essa discussão do pertencimento literário para os especialistas.

Por isso, não apresentaremos as polêmicas da crítica literária em torno da poesia de Auta de Souza, as quais não são poucas. No en-

tanto, para apontar alguma discussão, sugerimos duas dissertações de mestrado oriundas do campo da literatura: a de Nalva Leão (1986), pelo ineditismo do trabalho extremamente minucioso e sistemático, defendido há 35 anos, quando a crítica literária feminista brasileira ainda não tinha colocado nossas primeiras escritoras como preocupação de pesquisa, com exceções, é claro. A outra dissertação é de Zélia Lopes (2018), que defende o não enquadramento da poesia de Auta em uma estética literária específica, considerando-a ora simbolista, ora parnasiana ou neorromântica. Há ainda um trabalho que visa à discussão numa perspectiva literária de diáspora afrodescendente, do qual falaremos um pouco mais à frente (CALLAHAM, 2011).

Consciência negra e pertencimento literário

Sobre a consciência que Auta tinha acerca de sua raiz etnorracional negra e da relação dessa raiz cultural com sua estética literária, à primeira vista não parece haver na poesia da autora algo que nos leve a dizer que ela tinha consciência de sua negritude, enquanto uma condição subalternizada na sociedade, nem que, de alguma forma, tentasse externar a condição de escritora negra, ou a condição de submissão e exploração dos negros na sociedade escravista de sua época.

No entanto, há alguns indícios que merecem ser considerados, como a epígrafe de Castro Alves ao livro *Horto* (SOUZA, 2009, p. 25). Há também o fato de ela participar do Grêmio Literário Tobias Barreto, que lutava por ideias abolicionistas e que contava com seus irmãos no grupo dirigente (GOMES, 2013). Além disso, Auta colaborava na revista católica *Oásis*, liderada por Padre João Maria, um abolicionista assumido (GOMES, 2013).

Mas não nos convencemos que a epígrafe com versos de Castro Alves e sua participação em agremiações literárias ligadas ao abolicionismo nos autorizam a dizer que Auta leva para a sua poesia uma consciência (crítica) de sua negritude, no sentido da condição de subalternidade negra que lhe foi conferida em razão de um tipo de dominação social racializada, de mentalidade e prática escravistas.

Porém, há quem veja na sua poesia um movimento de enfrentamento da opressão negra no sistema escravista e o consequente enfrentamento político e libertação pela palavra que remeteria a marcas de afrodescendência (CALLAHAN, 2011). Monique Adelle Callahan comparou Auta com mais duas poetisas afrodescendentes das Américas: Cristina Ayala (Cuba) e Frances Harper (dos Estados Unidos). Citando nosso trabalho de tese sobre Auta de Souza, a pesquisadora o coloca como um divisor de águas para uma redefinição do cânone literário para a poeta numa perspectiva diaspórica feminina afrodescendente nas Américas. Da obra de Auta, toma para reflexão os poemas *Fio partido* – escrito poucos dias antes de seu falecimento e publicado na 2ª edição do *Horto*, de 1910 – e *Minh'alma e o Verso* (originário do *Dálías*). A partir de uma leitura que se pauta no trabalho da imaginação criadora, indica que é possível perceber na poesia de Auta de Souza a defesa da liberdade que se faz por meio da linguagem poética mesma.²⁹

No que diz respeito ao branqueamento da representação da figura de Auta de Souza pela sociedade e produções da cultura, essa realidade tem sido apontada de forma mais explícita desde meados dos anos 1980. O fenótipo negro de Auta foi quase sempre desconsiderado pela grande maioria dos comentadores da poeta até então. Nalba Leão (1986) foi uma das primeiras vozes acadêmicas a tocar no assunto e explorou sua poesia visando buscar índices não só da consciência de sua negritude, mas também de seu branqueamento ou apagamento pela sociedade e cultura. Quanto ao primeiro ponto, encontrou o excesso da cor branca, o diminutivo característico do crioulo brasileiro, a ancestralidade musical e vocabular africana, entre outros elementos que, mais recentemente, Zélia Lopes (2018) revisitou, agregando a conexão da Virgem Maria, figura de maior devoção religiosa na poesia de Auta, com o sincretismo que articulou o catolicismo à religiosidade dos africanos que vieram para o Brasil durante a escravidão, onde Nossa Senhora é associada a Iemanjá. É

²⁹ Embora Callahan (2011) não tenha trabalhado com a mesma abordagem que trabalhamos em nossa tese para a leitura dos poemas, ela dialoga com nossas reflexões e chega a conclusões muito próximas.

uma via instigante para seguir pesquisando; acreditamos que merece investimentos.

Por sua vez, Genilson Farias (2012) mostrou esse branqueamento da representação de Auta como estratégia memorialística para evitar uma dissociação de sua condição de elite. Vale notar que os irmãos da poeta foram objeto de piada por parte de adversários políticos que buscaram desqualificá-los publicamente, aproveitando-se do racismo da sociedade, maculando a imagem deles ao associá-la a conteúdos visivelmente preconceituosos em relação aos negros. Mas com Auta parece que isso não teria acontecido. O fato de ela ser tuberculosa talvez tornasse esses adversários políticos dos irmãos um pouco mais comedidos – seja por piedade, seja por esperteza – no tocante ao que viessem a afirmar sobre a poeta tão amada, contendo suas posturas racistas. É o que podemos inferir a partir de Cascudo (2008).

Uma problematização insuficiente sobre a questão racial talvez explique em parte o fato de o próprio Cascudo referir-se a Auta como “morena” em plenos anos 1960. Isso nos revela que o branqueamento continuava também na negação do termo “negro”, mesmo que de forma inconsciente ou não deliberada. O apagamento da negritude de Auta é nítido. E só há uma década, com o maior desenvolvimento das lutas identitárias raciais no Brasil, vindas com os ventos que sopram primeiro nos Estados Unidos e só depois na *terra brasilis*, é que Auta passa a ser considerada uma poeta negra, sendo colocada inclusive como primeira poeta negra de livro publicado no Brasil (LOPES, 2018).

Os cancioneiros tradicional, contemporâneo e psicografado³⁰

Salta aos olhos o veio popular de Auta na facilidade com que seus poemas são musicados e bem recebidos pelo público. A repercussão dos poemas que foram musicados por compositores regionais

³⁰ A distinção entre um cancionero tradicional e outro contemporâneo foi cunhada por nós no livro *Auta de Souza: a noiva do verso* e a temos usado desde então (GOMES, 2013). Mas hoje compreendemos que é importante agregar mais uma distinção, o cancionero psicografado, o que fazemos neste texto.

ainda em sua época, modinhas, serestas, canções de ninar, hinos líricos, serenatas, nos impressiona muito.

Auta chegou a conhecer um ou outro poema musicado seu no final da vida, segundo a escritora Palmira Wanderley (1956, p. 16):

Contam que Auta de Souza, quando ouviu cantar pela primeira vez os seus primeiros versos musicados ao violão, sorriu de contentamento, enquanto em volta da poetisa os seus amigos e admiradores choravam. Já muito doente, num fim de dia quase a se apagar como a sua vida, ela se alegrou com a música dolente.

O número de músicas do cancionero tradicional de Auta varia segundo consideremos ou não as 2 músicas perdidas (ou desconhecidas). Se não as considerarmos, ele é composto por 14 poemas, originando 16 músicas, já que o poema *Caminho do sertão* conta com 3 versões melódicas diferentes (GALVÃO, 2001). Mas, se considerarmos as 2, o número de poemas do cancionero passa para 16, dando origem a 18 músicas.

Desse conjunto de poemas musicados (14 ou 16), 9 são originários do *Dálias*, os quais resultaram em 11 músicas: *Caminho do sertão* (3 versões), *Desalento*, *Agonia do coração*, *Ao luar*, *Nunca mais*, *Olhos azuis*, *Regina Coeli*, *A Eugênia* (que no *Dálias* chama-se *A ti*) e *Meu sonho*.³¹

Outras 5 músicas desse cancionero vieram de poemas que estão fora do *Dálias* e que aparecem no livro *Horto*, nomeadamente: *Têus anos*, *Ao cair da noite*, *Meu pai*,³² *Palavras tristes* e *Rezando* (como canção, ficou conhecida pelo nome *Róseo menino*).³³

Auta teria conhecido um ou mais de seus poemas musicados. O primeiro Cláudio Galvão (2001) diz tratar-se de *Agonia do coração*,

³¹ A fonte sobre quais são os poemas musicados desse cancionero tradicional é de Galvão (2001); a contabilidade e a discriminação de quais são ou não do *Dálias* é nossa.

³² Auta tem dois poemas com o nome de *Meu pai*, e somente um é originário do *Dálias*, mas este não é o musicado. O do cancionero é o poema que entrou no *Horto* a partir da 2ª edição, na seção de “Inéditos”.

³³ Os poemas têm como fonte Galvão (2001), e a distinção sobre as obras em que aparecem é nossa.

musicado por Heronides de França por volta de 1897. Auta, ao ouvi-la do próprio compositor, teria caído “[...] em prantos, numa tarde fria e tristonha” (GALVÃO, 2001, p. 22). O pesquisador afirma ser o primeiro poema da autora que foi musicado, e talvez o mais popular.

Seis canções do cancioneiro tradicional de Auta de Souza são do norte-rio-grandense Heronides de França,³⁴ considerado “um dos mais completos compositores modinheiros do RN” e quem mais musicou poemas desse cancioneiro de Auta (GALVÃO, 2001, p. 20). Nomeadamente: *Olhos azuis*, *Meu sonho*, *Ao luar*, *Nunca mais*, *Agonia do coração* e *Regina Coeli*, todos do *Dálias*. Suas respectivas partituras podem ser encontradas no livro de Galvão (2001).

Salta-nos aos olhos uma descoberta: o cancioneiro tradicional de Auta de Souza é quase todo oriundo do *Dálias*, contendo 9 poemas musicados que resultaram em 11 músicas, assim distribuídas entre seus compositores: 6 por Heronides de França (citados acima), 1 por Cirineu de Vasconcelos (*Desalento*), 1 por Abdon Álvares Trigueiro (*Caminho do sertão*), 1 por Deolindo Lima (*Caminho do sertão*), 1 por Eduardo Medeiros (*Caminho do sertão*) e 1 de autoria não identificada, conforme dados recolhidos e juntados pelo historiador musical Cláudio Galvão (2001).³⁵

Uma vez que o poema musicado *Rezando* não tem a autoria da composição identificada, isso pode nos levar a mais um compositor ou repetir para essa música um destes cinco já elencados. A canção foi também conhecida como *Róseo menino*, “[...] cantada em solenidades religiosas durante as festas natalinas” (GALVÃO, 2001, p. 43) principalmente. Tal como *Regina Coeli*, é uma canção inspirada em motivos religiosos (GALVÃO, 2001).

O poema *Desalento*, musicado por Cirineu de Vasconcelos, tornou-se uma “canção popularíssima nas serenatas e saraus da velha Natal” (GALVÃO, 2001, p. 29).

³⁴ Veja nota sobre ele na página alusiva ao poema *Olhos azuis*, aqui no *Dálias*.

³⁵ Todas as informações sobre os poemas musicados e seus respectivos compositores têm como fonte Galvão (2001). A contabilidade e a relação deles com o *Dálias* é nossa elaboração.

Como vimos, em cada uma de suas três versões melódicas, *Caminho do sertão* contou com um compositor diferente. As versões de Deolindo Lima e Abdon Álvares Trigueiro participaram de um concurso promovido pelo governo do Rio Grande do Norte por ocasião do 1º Centenário da Independência do Brasil, em 1922, tendo sido a versão do último a que ganhou o primeiro lugar (GALVÃO, 2001).

Temos usado a distinção entre cancionero tradicional e cancionero contemporâneo desde 2013 (GOMES, 2013). O primeiro abrange os poemas musicados na época de Auta até o fim da década de 1920, pelo menos. Quase todas as músicas desse cancionero sobreviveram exclusivamente na oralidade por todo o século XX, contando apenas com um ou outro registro em partitura e/ou gravação fonográfica (GOMES, 2013). Há 61 anos, Gumercindo Saraiva (1960) já lamentava que as modinhas do Rio Grande do Norte, entre elas as do cancionero (tradicional) de Auta, ainda não contassem com registro em pentagrama ou fonográfico a fim de que não se perdessem. E, de fato, segundo Galvão (2001), dois poemas musicados desse cancionero estão perdidos (*Hino* e *No templo*). A obra de pesquisa de campo e documental sobre esse cancionero (tradicional) de Auta, bem como o registro em partitura, foi realizada pelo historiador musical e compositor Cláudio Galvão (2001), sendo publicada um século após o falecimento da poeta. No livro, Galvão (2001) apresentou também um registro musical das composições dos poemas *No tempo* e *Hino* que ele mesmo fez. Por não se tratar de músicas enraizadas na memória oral coletiva, não as consideramos como integrantes do cancionero tradicional, mas pertencentes ao cancionero contemporâneo.

Além da memória oral, há alguns registros históricos da execução de algumas dessas músicas na virada do século XX e em suas primeiras décadas. Galvão (2001) traz alguns, mas há outros já na década de 1970. A exemplo, Mário de Andrade (1976) mostrou-se enebriado com a beleza das músicas que ouviu na Praia da Redinha, em Natal, entre elas algumas do cancionero (tradicional) de Auta:

Hoje estou gozando a vida na Redinha. [...] Chega um choro. Clarineta, violões, ganzá numa série deliciosa de sambas, maxixes, valsas de origem pura, eu na rede, tempo

passando sem dizer nada. Modinhas de Ferreira Itajubá e Auta de Souza... A boca da noite se abriu sem a gente sentir.

Outros nomes e narrativas sobre mulheres que no final dos anos 1990 ainda lembravam parte desse cancioneiro encontram-se em Gomes (2013).

Gumercindo Saraiva (1960), em seu livro *Trovadores potiguaras*, faz referência ao poder de popularização que os poemas de Auta concediam àqueles que os musicavam.

Nalba Leão (1986) apontou as características que aproximam a poesia de Auta ao trovadorismo medieval. Podemos pensar em canções de amor, canções de amigo, canções à Virgem Maria, canções de cavalaria, todo esse universo medieval ligado à oralidade, à música e à literatura oral tem relação direta com parte de sua poesia que se transformou em música no cancioneiro tradicional.

Em pesquisa de campo realizada em Macaíba e Natal em 1997, ainda encontramos mulheres que cantavam uma ou outra música desse cancioneiro (GOMES, 2013); vez ou outra ouvimos dizer que ainda há pessoas, especialmente as mais idosas, que têm memória de algumas dessas músicas.

Na década de 1980, músicas desse cancioneiro foram tocadas e cantadas no programa *Seresta do Coração*, que era transmitido ao vivo e com interação com o público, que escolhia as músicas que queria ouvir, na Rádio Rural de Natal (LEÃO, 1986). A própria professora Nalba Leão é uma pessoa que carrega na memória parte do cancioneiro de Auta. Ela nasceu em 1947, mas aprendeu as canções em casa, com sua mãe, Alba Leão (1927-2006), que, além de cantá-las, tocava-as ao violão (GOMES, 2013).³⁶

Através do CD *Cancioneiro: Auta de Souza*, de Cláudio Galvão, interpretado pela cantora Glorinha Oliveira (2015), pode-se apreciar parte das músicas desse cancioneiro. Notamos que todas as canções que estão nesse CD são de poemas originários do *Dálías*, lembrando

³⁶ Para a escrita deste texto, em 11 de agosto de 2021, consultamos por telefone João Leão, filho de Nalba, que nos forneceu as datas a que fazemos alusão aqui. Nalba mora em Navegantes (SC) há décadas, onde defendeu sua dissertação de mestrado sobre Auta (LEÃO, 1986).

que *Cantiga* é o nome que recebeu no *Horto* (SOUZA, 2019, p. 46) o poema *Olhando o céu*, do *Dális* (SOUZA, 1893-1897, p. 162-163).

Para os poemas que foram musicados e que não sofreram esse processo de sobrevivência basicamente pela transmissão oral de uma geração a outra, cunhamos o termo “cancioneiro contemporâneo” (GOMES, 2013) e temos feito uso dele em publicações e comunicações orais desde então. É um cancionero mais novo em relação ao tradicional e cobre um número muito maior de poemas e músicas resultantes, mas ainda não pudemos precisar a quantidade, embora saibamos que está em constante crescimento. Entre os compositores desse cancionero, estão: Alvamar Medeiros, Carlinhos Santa Rosa, Cláudio Galvão, Diógenes da Cunha Lima, Graciele Callado³⁷ e Mirabô Dantas.³⁸ Pode-se conhecer uma parte de suas músicas, bem como uma ou outra do cancionero tradicional, no filme *Noite Auta, céu risonho* (GOMES, 2008). Do cancionero tradicional pode-se ouvir, nomeadamente, *Rezando* e uma versão de *Caminho do sertão* (GOMES, 2008). Do cancionero contemporâneo, o filme traz a música *Nunca mais*, de Mirabô Dantas, e várias de Alvamar Medeiros (GOMES, 2008).

Uma terceira distinção a ser feita em relação ao cancionero de *Auta* é a que, a partir deste texto, passamos a denominar por cancionero de poemas psicografados, ou simplesmente cancionero psicografado. Este é integrado por músicas que foram criadas a partir de poemas psicografados atribuídos ao espírito desencarnado de *Auta* de Souza pela comunidade espírita. Entre os compositores desse cancionero, temos conhecimento de: Alvamar Medeiros, Carlinhos Santa Rosa e Graciele Callado.

³⁷ Tive acesso à canção *Místico*, musicada por Graciele Callado, por intermédio da própria compositora, que me enviou o arquivo em áudio por Whatsapp (LIMA, 2021). Segundo ela, o lançamento deverá acontecer ainda este ano em alguma plataforma de *streaming*.

³⁸ Na lista de fontes audiovisuais, consultar algumas dessas produções musicais: Mirabô Dantas (2005a, 2005b, 2008) e Alvamar Medeiros (2006, 2007). As partituras dos dois poemas musicados por Cláudio Galvão estão no seu livro sobre o cancionero (GALVÃO, 2001). Quanto aos demais compositores (Carlinhos Santa Rosa, Diógenes da Cunha Lima e Graciele Callado), soubemos da musicalização por intermédio deles próprios em conversa informal conosco, quando nos apresentaram algumas dessas músicas.

Em fevereiro deste ano, concedemos uma entrevista em áudio para o jornalista Tiago Rogero, que em junho passou a circular num episódio do programa *Vidas Negras*, da plataforma de *streaming* Spotify (GOMES, 2021a). O episódio editado junto com a entrevista da poeta Dona Jacira foi intitulado “Contadoras de Histórias”. Esse título e a alusão aos *griots* na entrevista com a poeta chamou-me a atenção e nos fez pensar: seria Auta de Souza uma espécie de *griot*? Mas o que são e o que fazem exatamente os *griots*?

Contadores de histórias, mensageiros oficiais, guardiões de tradições milenares: todos esses termos caracterizam o papel dos *Griots*, que na África Antiga eram responsáveis por firmar transações comerciais entre os impérios e comunidades e passar aos jovens ensinamentos culturais, sendo hoje em dia a prova viva da força da tradição oral entre os povos africanos.³⁹

Sabe-se que entre os *griots* a transmissão da cultura de seu povo para outras gerações se dá não somente pela narração de histórias mas também por meio do desenho e de músicas.⁴⁰ Sim, Auta em criança contava histórias para a gente simples do Arraial onde vivia, já dissemos. E tem um cancionero tradicional que sobreviveu um século quase todo sem registro escrito, passado de geração a geração, contendo muitas músicas com fortes marcas da tradição oral. Sim, talvez seja possível dizer que parte dos poemas de Auta, especialmente os do cancionero tradicional, tragam algumas marcas de ancestralidade negra, talvez de ancestralidade negra feminina, uma troca de mensagens e ensinamentos principalmente entre mulheres.

Sim, parece que Auta se assemelha a um *griot*, revelando-nos proximidade com sua ancestralidade negra feminina. Por ser uma reflexão ainda muito nova para nós, vem aqui figurar mais como sugestão de pesquisa ainda por ser realizada.

³⁹ Do artigo *Griots: os contadores de histórias da África Antiga*, escrito por Joseane Pereira, no portal Geledés. Disponível em: <https://www.xapuri.info/home/griots-os-contadores-de-historias-da-africa-antiga/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

⁴⁰ Fonte: <https://www.dicionarioinformal.com.br/griot/>. Acesso em 21 ago. 2021.

Tendo abordado esse conjunto de aspectos que conformam mais diretamente a biografia de Auta, vamos agora passar a nossa primeira leitura de seu livro *Dálias*, que acreditamos ser o que de maior novidade podemos oferecer sobre ela na atual trajetória de nossos estudos.

O feminino singular-plural do *Dálias*

Como já dissemos, o *Dálias*, tomado como um livro independente, vem como uma grande novidade, justamente por aquilo que o afasta de um conjunto de representações sobre o *Horto*; embora se considere que muitos poemas estão presentes nos dois, no *Horto* eles ficam menos proeminentes devido à ênfase naqueles de maior fervor religioso cristão. Além disso, o fato de *Dálias* não vir acompanhado dos textos introdutórios de Olavo Bilac nem de Alceu Amoroso Lima tira de cena uma série de contrapesos que poderiam influenciar na leitura.

Assim, o livro *Dálias* pode existir mais leve, tanto quanto a mocidade da poeta iniciante que, aos 17 anos, começou a escrever versos e o primeiro manuscrito que dá origem ao *Dálias*. Este tem o caráter de livro dos primeiros poemas de Auta, mas também de seus poemas de amor rompido, que, segundo Cascudo (2008), teriam sido censurados por obra da poeta.

Dálias é o livro da moça Auta se fazendo poeta e da moça-mulher que conhece o amor e a desilusão. *Dálias* é, nesse sentido, um livro libertador. Deixa-nos livres para perceber melhor essa outra Auta de Souza, mais próxima do mundo das mulheres oitocentistas, mas nem por isso menos próxima de nós mulheres do século XXI. A irmandade entre mulheres ainda não foi destruída, apesar dos esforços da cultura em querer colocar-nos umas contra as outras. E o apelo de Auta na contramão dessa estratégia patriarcal de nos dividir para nos debilitar é muito forte.

Temos no *Dálias* uma Auta que escreve para nós mulheres, preocupada que está consigo mesma, mulher, mas não só. Auta olha para muitas das mulheres a sua volta, as mocinhas, as viúvas, as noivas, as mães... Auta está de olho nas mulheres de seu tempo, e através

de seus poemas nos sensibilizamos para olharmo-nos umas para as outras, mulheres de hoje. Os tempos mudaram, nossa luta avançou, mas corremos o risco de nos perder umas das outras, de perder nossa força enquanto coletivo político e espiritual. Auta olha fundo nos nossos olhos, lê nossos olhares, sente nossos perfumes e os pequenos detalhes com que embelezamos a nós mesmas e ao mundo. Observa com atenção o laço de fita atado ao cabelo das moças de seu tempo, a trança bem-posta e iluminada de cabelos louros ou pretos, percebe um jeito de rezar, de chorar, de sofrer e de viver o luto das pessoas amadas. Diz a nós mulheres contemporâneas: #tamojuntonessa.

Souza e Carvalho (2021) comentam que “Auta fala por estas mulheres, sem colocar-se como elas, e, ao mesmo tempo, traduzindo seus anseios, angústias, sonhos e desejos, poetizando o universo feminino como nenhum homem de sua época [...]” (p. 57).⁴¹

No *Dálias*, Auta explora e amplia para nós um mundo feminino trazido na minúcia e no detalhe, mundo feito de palavras, mas que chega a nossa boca pelos lábios-botão-de-flor, que chega ao coração pela dor e alegria de sentimentos e emoções compartilhadas entre mulheres, palavras verbo que ataçam nossos sentidos. Com *Dálias*, Auta nos parece tão atual!

Lá está Auta a escrever poemas para amigas, como *De longe* à amiga Antonia Araújo, demonstrando afeto e intimidade, ou *No álbum de uma amiga* à amiga Eugênia, lamentando não poder pertencer ao seu “álbum, um berço de boninas”; ali não se sentia flor, talvez não acreditasse que ainda tivesse tempo o suficiente para o desabrochar por completo de sua juventude ainda em botão. Sabia-se diferente, sua condição de moça tuberculosa, negra, órfã a denunciava (SOUZA, 1893-1897, p. 29; 39).

Talvez por essa diferenciação a poeta se aproxime mais dos extremos e se sensibilize com a dor das moças, das mulheres, das meninas, da mais sutil à mais profunda, como em *Zirma*, onde diz: “pobre criança! / Que infinita mágoa!” (SOUZA, 1893-1897, p. 189). Isso

⁴¹ Embora não tenham se referido propriamente ao *Dálias*, os três poemas que usam para falar disso são originários dele, nomeadamente: *Versos ligeiros*, *Zirma* e *A noiva* (SOUZA, 1893-1897, p. 94; 189; 131).

acontece também em *A morte de Helena*, ao compadecer-se de uma jovem noiva moribunda (SOUZA, 1893-1897, p. 46); ou em *Estrada afóra*, ao perceber o contraste entre alegria e dor, esperança e saudade, gerado na presença da viúva junto ao filho ainda criança: a mulher não cansa de lastimar a perda do “sagrado afeto”, e ao lado vem junto a criança, “numa alegria descuidosa e mansa... beija-flor inquieto” (SOUZA, 1893-1897, p. 91). A dor da perda dos filhos aparece em *Poemeto* (SOUZA, 1893-1897, p. 98). Em *O cemitério*, Auta traz uma legião de figuras sofredoras, quase todas mulheres, chorando a morte dos que se foram: “a virgem descuidosa”, “a mãe estremecida”, “a pobre viúva que soluça” (SOUZA, 1893-1897, p. 132).⁴² Nessas passagens a força do amor civilizador da deusa grega Afrodite vem à tona.⁴³

Além da compaixão, Auta exalta também o encantamento pelas figuras femininas de seu mundo, sempre com muita sensualidade e beleza. Novamente Afrodite se personifica, com seu “embevecimento diante do belo” e sua capacidade de sensualização do mundo e das coisas: “A sensualidade da deusa se personifica no mundo como o tempero da vida, seja com um perfume, [...] com uma linguagem agradável num texto, [...] uma palavra acolhedora, um aperto de mão, ou uma bela pintura” (p. 194). Em muitos poemas do *Dálias*, os lábios, a boca, os olhos, o olhar, os cabelos, as tranças, os adornos, as cores (o branco, o preto, o dourado e o azul), tudo é motivo para sonhar com um mundo feminino de sensualidade e beleza. Nuances que aparecem em *Pobre flor*, *À Jovita*, *Celeste*, *Versos ligeiros*, *No templo* e outros poemas (SOUZA, 1893-1897, p. 72; 160; 172; 94; 36).

No poema *Renato*, o encantamento se dá com a criança de colo, o que alude à sedução celestial do “querubim” (SOUZA, 1893-1897, p. 15). Segundo Gustavo Barcellos (2019), a criança arquetípica apa-

⁴² Sobre esse tipo de relação mãe-filha falaremos ao tratar da maternidade arquetipal em *Dálias*.

⁴³ Vale ressaltar que, desde nossos primeiros trabalhos sobre Auta (GOMES, 2001), encontramos associações entre sua poesia e os atributos da deusa grega do amor e da beleza, mas nosso desenvolvimento teve por base especialmente a fenomenologia bachelardiana. Agora, no entanto, pesquisando dentro da Mitologia Arquetípica, conseguimos perceber muitas nuances mais que nos vêm de forma mais proeminente com o *Dálias* e que nos exigiram outras lentes teóricas.

rece na energia que está na base de todos os inícios e que se projeta ao futuro. Nesse poema percebemos a criança arquetípica e sua energia dos inícios projetada ao futuro.

Em *Antonieta*, o poema exalta o que a Mitologia Arquetípica chama por “criança divina”, remetendo-a ao extraordinário, como podemos perceber nessa passagem: “Essa criança, Senhor! É um mimo do teu amor. / Um anjo descido à terra” (SOUZA, 1893-1897, p. 32). Em ambos os poemas, a dimensão de Afrodite que percebemos é aquela de seu encantamento pelo deus Adônis, com base no que diz Lindenberg (2010): Adônis como “expressão da criança divina, símbolo da eterna renovação” (p. 184). Segundo Lindenberg (2010), esses dois deuses apaixonados se presentificam “quando olhamos o desabrochar das flores, o verdejar dos campos, os brotos novos nas plantações [...] com todo o seu frescor, sua paixão, suas cores e seus cheiros” (p. 184).

Ainda há aqueles poemas em que a mulher a quem Auta se volta é ela mesma, seus sentimentos, emoções e desejos mais profundos, ora lamentando a tuberculose e a iminência da morte, como em *Lágrimas* ou *Melancolia*, ora descrente como em *Doloras* (SOUZA, 1893-1897, p. 45; 126; 66). Aqui vemos o movimento dos arquétipos, transitando entre duas deusas da beleza: Afrodite, com a beleza das exterioridades, e Perséfone, com a beleza do submundo, na descida ao mundo dos mortos.⁴⁴ O sentimento de desilusão também aparece com frequência em seus poemas, como em *Nunca mais*, *Meu coração*, *Pelo passado* e *Desalento* (SOUZA, 1893-1897, p. 89; 121; 92; 60). Em *Simbólicas*, por exemplo, um dos poemas religiosos do *Dálías* (SOUZA, 1893-1897, p. 185), a Virgem Maria interfere na criação de Deus, a fala das flores é dada por ela! Ela lhes dá beleza e encanto e mostra que o feminino é criador (GOMES, 2013). Em *Agonia do coração* (SOUZA, 1893-1897, p. 151), que nos parece um dos poemas mais espirituais do *Dálías*, a hora da morte está em sintonia com os tempos da natureza, com o florescer e o fenecer. Vida e morte se encontram como dois destinos de um mesmo fluxo.

⁴⁴ Sobre Perséfone, sugerimos consultar Ana Célia R. de Souza (2010) e, sobre Afrodite, o texto de Sônia R. C. Lindenberg (2010).

No entanto, talvez como um diferencial substantivo em relação ao livro *Horto*, no *Dálías* o que prevalece é a vontade de viver, que faz um contraponto significativo à impotência, ao sofrimento, à dor física, ao desespero e à descrença. Com base em Lindenberg (2010), podemos dizer que é quando Afrodite faz ressoar a força do amor em todo seu esplendor e a beleza em toda sua exuberância, mostrando ter vindo para “amar e espalhar encantamentos”, assim como para levar as pessoas ao encantamento, associando-se sempre “aos prazeres de todo tipo e à beleza de todas as formas” (p. 194). O poema *Ao luar* (SOUZA, 1893-1897, p. 57) nos parece um bom exemplo disso.

Além da vontade de viver, vemos que aparece a vontade de criar, de fazer da palavra fonte de vida e de superação das mágoas, dores e sofrimentos. E, talvez, em intensidade semelhante, encontramos a evocação a uma espiritualidade profunda. Essa vontade de viver mostra-se no poema *Meu sonho* (SOUZA, 1893-1897, p. 33), em que se aborda a força de sonhar (criar, escrever, poetar). Ou em *Ao meu bom anjo* (SOUZA, 1893-1897, p. 87), no qual a poeta diz querer sonhar, querer voar e, para isso, pede ajuda ao anjo bom. Aqui vemos que Auta une espiritualidade com liberdade de criação. O poema *Caminho do sertão* (SOUZA, 1893-1897, p. 168) também traz essa união, revelando que a noite, que podemos tomar simbolicamente como o conjunto de aspectos mais inconscientes da psique, “ensina uma prece chorosa ao desespero e à dor”. E a prece nos aparece como o próprio caminho espiritual da recriação de si: recriar-se pelo aprofundamento espiritual, o que estará mais pungente no livro *Horto*. Em *Melancolia* (SOUZA, 1893-1897, p. 126), Auta faz ode ao desejo de viver. Em *Minh'alma e o Verso* (SOUZA, 1893-1897, p. 24), há o encontro com a poesia e a entrega ao poetar. Em *Recuerdo* (SOUZA, 1893-1897, p. 79), a autora faz elegia à infância de alma, à capacidade de sonhar. Pode ser que ela acreditasse na imortalidade da alma ou na reencarnação, mas, independentemente disso, parece-nos que sua aposta de felicidade estava muita mais na vida do que na morte! No *Dálías*, isso fica mais patente que no *Horto*, pois este é um livro que se dá em outro momento de sua trajetória mítica e espiritual. Talvez ela tenha de fato se resignado à dor e à morte, como disse Henrique Castriciano (SOUZA, 1970). E expressa isso em alguns poemas, em

especial poemas do *Horto*, mas, acima de tudo, era a vida que ela desejava, a vida terrena, apesar das dores e sofrimentos dos quais sua própria vida dava testemunho.

A maternidade arquetípica

Cascudo (2008) se refere à maternidade como algo importante na obra de Auta, e esta é também por nós percebida no *Dálias*, mas especialmente numa dimensão arquetípica, o que nos parece uma das marcas ou singularidades do feminino neste livro.

O medo da perda dos filhos pela mãe e desta pelos filhos talvez seja o tom principal dessa maternidade personificada; no caso, perda para a morte, o que traz uma dimensão trágica. A ansiedade e a dor envolvidas nessa perda costumam aparecer em alguns poemas do *Dálias*. Imagens que relacionam mães e filhos (moças, meninas, crianças) são muitas, como veremos logo mais.

De um ponto de vista arquetípico,⁴⁵ quando aparecem a criança e a mãe num texto é porque psiquicamente uma está na outra, uma não existe sem a outra. Em termos de Mitologia Arquetípica, é o tipo de maternidade simbólica da deusa grega Gaia, que está ligada à Criança Divina. Essa ligação faz com que essa deusa antiga nos remeta à maternidade de todas as origens, de todos os inícios, daquilo que está na base dos começos (BARCELLOS, 2019).

Barcellos (2019) traz a distinção de Patrícia Berry, para quem a maternidade arquetípica operaria em dois níveis: um sendo a maternidade de Gaia, e o outro a maternidade da deusa grega Deméter. Em cada situação seria possível observar qual das duas predomina.

Enquanto a maternidade arquetípica de Gaia está na base, no fundamento de toda a vida, a maternidade arquetípica de Deméter remete ao relacionamento das mães com suas filhas, no sentido do que nos traz a relação dessa deusa com sua filha em seus dois momentos da vida: como Coré – a ingênua menina antes de sofrer o

⁴⁵ Referimo-nos ao arquetipo da Criança Divina e da Grande Mãe Divina (Gaia), conforme expõe Gustavo Barcellos (2019). Esses arquetipos vão além de nossa relação com a criança real, embora possa incluí-la.

rapto por Hades – e depois como Perséfone – passa a ser a esposa de Hades (seu raptor), após ter aceitado comer a romã que lhe foi oferecida e, com isso, também tornar-se rainha do submundo (SOUZA, 2010; ALVARENGA, 2010). Segundo Barcellos (2019), nesse arquétipo, mãe e filha estão entrelaçadas e imbricadas, não podem ser pensadas separadamente.

A força arquetípica de Deméter, ou a deusa do cereal e da nutrição, vem à tona em muitos poemas do *Dálias*, como em *Página triste* (SOUZA, 1893-1897, p. 62), que é justamente dedicado “às mães” e traz a mágoa de se ver ferir a vida infantil. O poema aponta a dor e a angústia da mãe angustiada, da mãe que prefere ficar no lugar do filho, sentir a dor por ele a vê-lo sofrer. Auta exalta essa maternidade simbólica doadora que precisa morrer para que o filho possa viver.

Toda uma estética da morte (mortalha, flores, caixão funéreo) aparece no poema *Angelina* (SOUZA, 1893-1897, p. 8), que traz a morte de uma menina-moça de 12 anos. E a mãe a agonizar ao roçar o corpo frio da filha morta. Muita sensualidade (mesmo que um pouco mórbida) se dá nessa relação mãe-filha e na narrativa dessa morte prematura. A menina morta suscita a imagem de Coré sendo raptada para o mundo de Hades. Vale lembrar que Coré tem que morrer para que o que tem de mais singular na maternidade de Deméter possa emergir: toda a saga se abre a partir da perda da filha, como nos traz Ana Célia R. de Souza (2010). Metaforicamente, o dinamismo da imagem no poema parece nos dizer da morte psíquica que toda menina (e toda mãe) precisa viver para que ambas possam alcançar outros níveis psíquicos: a filha amadurecer e a mãe aprender o desapego do que lhe é mais caro.

De diferentes modos, o arquétipo de Deméter e Coré-Perséfone ressoam ainda em outros poemas do *Dálias*, como em *Celeste, Morta, Lágrimas, Desalento* ou *Agonia do coração* (SOUZA, 1893-1897, p. 172; 63; 45; 60; 151). Parece-nos um trajeto mítico potencial que vai se esboçando em *Dálias*, Auta indo ao encontro simbólico de Hades e Perséfone, rei e rainha do submundo, do reino dos mortos, delineando outro momento de sua jornada arquetípica, que irá se desenrolar

no livro *Horto*.⁴⁶ Podemos observar isso tanto no modo como ela parece enfrentar a doença como na busca da cura pela beleza, não mais ou não somente por meio de Afrodite, mas por Perséfone, beleza do mundo subterrâneo.⁴⁷

Poemas do romance rompido: uma marca feminista?

Os poemas que aludem ao romance rompido, como os designa Cascudo (2008) ao reportar-se a alguns, são peças surpreendentes na obra de Auta, porque a maioria não aparece no *Horto* – teriam sido censurados pela poeta, diz o biógrafo. Colocamos nessa categoria não somente os que Cascudo afirma que a poeta censurou, mas outros que ela publicou e, no nosso entendimento, também poderiam ser incluídos sob o mesmo guarda-chuva.

São poemas adoráveis, principalmente porque neles Auta mostra seu “feminino selvagem”, termo cunhado por Clarissa Estés (1994) para fazer referência ao que denomina Arquétipo da Mulher Selvagem.⁴⁸ Talvez a esses poemas possamos atribuir uma marca mais feminista, no sentido de um protagonismo feminino em relação à coragem de dizer o que quer e de assumir os próprios desejos e atos. Um dos mais emblemáticos é o poema *Minh'alma e o Verso* (SOUZA, 1893-1897, p. 24):

Cuidavas que era amor o que eu sentia / Quando
meus olhos, loucos de alegria, / Sem nuvem de desgosto,
/ [...] / Pousavam no teu rosto? // Cuidavas que era amor?
Ah! Se assim fosse! / Se eu conhecesse esta palavra doce,
/ Este queixume amado! / [...] / Mas não, escuta bem: eu

⁴⁶ Essa suposição foi levantada por Luciana Aires Mesquita, estudiosa de Mitologia Arquetípica, em conversa informal que tivemos a respeito durante a escrita deste texto, e nós a incorporamos por entendê-la bastante pertinente.

⁴⁷ Tanto Afrodite quanto Perséfone são deusas da beleza, a primeira do mundo exterior e a segunda do mundo subterrâneo. Por não ser possuidora desse tipo de beleza, Afrodite atribui a Psique a tarefa de buscar um pouco dela no submundo, junto a Perséfone, conforme o mito de Eros e Psique.

⁴⁸ Arquétipo no sentido de força propulsora de imagens, motor de imagens, força que nos faz imaginar.

não te amei; / Se me quiseste amar mesmo nem sei... / Meu sonho é tão diverso! / Tenho alguém a quem amo mais que a vida, / Deus abençoa esta paixão querida, / Eu sou noiva do Verso.

Apesar das palavras de consolo do homem amado, em *Partindo* (SOUZA, 1893-1897, p. 31), a mulher percebe o jogo de enganação e, prevendo o fim da relação, despede-se do enamorado munida dessa consciência, não se deixa enganar.

Em *Força do destino* (SOUZA, 1893-1897, p. 125), a poeta revela sua entrega à paixão, o deixar-se levar para viver o fogo inebriante e ardente da paixão, onde afirma seu desejo, mesmo que alucinante. Nesse poema, percebemos que a força de Afrodite ressoa na sua constelação com Eros, que, como diz Lindenberg (2010), é o “Deus do amor e do desejo [...]”, que “tem em sua natureza a competência para subjugar corações e causar arrebatamentos amorosos” (p. 187).

No poema intitulado *A...* (SOUZA, 1893-1897, p. 106), Auta decreta o fim de um amor que lhe causa dor e sem promessa de felicidade; seria uma relação tóxica? Toma nas mãos as rédeas do destino e dá um basta. O mesmo acontece em *Extinto* (SOUZA, 1893-1897, p. 86), no qual decide pôr fim ao que não lhe serve mais, apesar das dores causadas por essa separação. Esse poema nos suscita uma constelação de Afrodite com o marido Hefesto, conferindo à deusa o poder de não ficar presa pelo amor. A mítica desse casal arquetípico “[...] viabiliza o desfazer-se dos nós dos relacionamentos e do desatar-se das uniões desastrosas” (LINDENBERG, 2010, p. 183). Nesse caso, Auta estaria evocando essa faceta da deusa, a faceta de Afrodite que “[...] a mantém vinculada enquanto dura seu interesse, necessidade ou enamoramento”, como nos explica Lindenberg (2010, p. 183).

A alma enlutada em face do romance rompido aparece em *Meu coração* (SOUZA, 1893-1897, p. 121), em que o coração é como “um túmulo negro”, vazio e sem amor, a relação amorosa acabou e a poeta permite-se viver o luto da perda. Nesse caso, Auta nos sugere a mítica de Medeia, como suposto lado sombrio de Afrodite, que se descortina. Medeia é traída por Jasão, que lhe prometera amor eterno e

acaba por repudiá-la em razão do poder. E, então, Lindenberg (2010) faz um paralelo entre Afrodite e Medeia: “A paixão não correspondida, os favores não reconhecidos e o amor traído, caracterizados na história de Medeia, é a expressão do fracasso da fúria de *Afrodite*, que aparece no cotidiano, nos casamentos marcados pelo padrão amoroso representado por Medeia e Jasão” (p. 191). Mulheres traídas dentro desse padrão podem adoecer profundamente e até enlouquecer, tal como se deu com Medeia, diz a estudiosa. Esse peso no coração, caracterizado no poema de Auta, é incomum no *Dálías*, mas vem a aparecer no Horto de um modo bem mais forte, aparentemente não relacionado ao romance rompido.

Há também o pedido de satisfação no poema *** (SOUZA, 1893-1897, p. 134), em que a poeta toma a palavra para questionar o homem amado sobre o porquê do distanciamento e da rejeição. Aí vemos que ela não tem medo de parecer vulgar nem inadequada: usa a palavra para argumentar inteligentemente e mostra-nos uma denúncia sutil à hipocrisia do machismo, à covardia do homem amado: “Tu que não temes aos maus, / Que desafia os céus, / Será possível que temas / Fitar teus olhos nos meus?”. Nesse poema parecem se constelar Afrodite e seu amante Ares, acrescentando “determinação, força, saúde egoicas, além de amor próprio”, às mulheres que estão sob o domínio arquetípico desse casal mítico, de acordo com Lindenberg (2010, p. 183). A autora diz que ambos possuem as mesmas “características impetuosas. Ares, pela violência, para se defender quando ameaçado; Afrodite, pelo apaixonamento, sem pudores e sem amarras para viver seu desejo” (LINDENBERG, 2010, p. 183).

É essa Auta imperativa, madura e direta que encontramos em seus poemas de romance rompido, uma mulher inteira e madura que diz a que veio e não tem vergonha de mostrar e assumir seus sentimentos; não tem medo de cortar o mal pela raiz e seguir seu caminho sozinha. Sob o governo arquetípico de Afrodite, aparecem os vários poemas de romance rompido de Auta, trazendo-nos simbolismos dos diferentes casamentos e amores da deusa do amor e da beleza.

Com essas leituras, percebemos o quanto a poesia está no campo de manifestação dos arquétipos e como eles podem muito nos

ajudar a compreender as personificações míticas que neles têm lugar. No que diz respeito ao relacionamento amoroso que Auta traz em seus poemas de romance rompido, a Auta-Afrodite que emerge não parece pertencer ao mundo feminino da virada do século XIX para o XX. Essa Auta se associa muito mais a pautas das lutas feministas, que, no Brasil, só ganharam mais força a partir da segunda metade do século XX e que continuam em curso, sempre se reinventando, com novas bandeiras, compreensões e práticas. Para além do lugar comum “uma mulher à frente de seu tempo”, Auta adiantara-se, talvez porque Cronos pode controlar o tempo linear, mas o arquétipo é atemporal e, por isso, perpassa todos os tempos, apenas se atualizando e se matizando segundo os distintos tempos históricos de Cronos em que aparece. Então, através de uma leitura arquetipal, *Dálias* nos traz esse veio feminista de Auta num tempo aparentemente tão pouco propício para essa face ressoar, e isso é surpreendente e inovador! Deverá reencaminhar novas pesquisas e formulações sobre a poeta e sua obra. É o que esperamos, além de deleitarmo-nos com sua beleza! Salve Auta!

Considerações finais

Muito ainda poderíamos falar sobre os poemas do *Dálias* e sobre a figura de Auta que nos aparece por meio deles. Outras deusas e deuses poderiam ser mobilizados, inclusive de outras culturas além da grega, berço da civilização ocidental e da mitologia arquetípica com a qual estamos dialogando neste texto.

Com tudo que escrevemos aqui, tanto de Auta quanto de seus poemas, percebemos que a jornada arquetípica da poeta foi constelada no *Dálias* basicamente pelas deusas Gaia, Deméter/Coré-Perséfone e Afrodite, esta nas várias manifestações em que se dá segundo o relacionamento amoroso constelado. Mas, como dissemos desde o começo, essa é nossa Auta, pois fruto de nossa leitura (numa abordagem específica e por um pesquisador/leitor específico). Outras Autas podem ser percebidas pela imaginação do devaneio de leitura, como nos diria Bachelard (1988). Afinal, segundo faz atentar James Hill-

man (1988), a base da mente é poética e, por isso, é a imaginação que torna possível a percepção; imaginação criadora, é bom pontuar. Esperamos que tenhamos trazido um importante recado neste texto e que ele possa levar leitoras e leitores de *Auta* a muito imaginá-la para melhor percebê-la.

Notas pessoais de pesquisa sobre o acompanhar do processo de publicação

Quase todo o processo de pesquisa voltado à produção e edição do livro *Dálias* contou com nossa participação, desde quando fomos procurados e convidados a colaborar com a busca do manuscrito e com este projeto de publicação, no início de março de 2020. Apesar de já estarmos vivendo em Portugal, desprovidas da maioria de nossas fontes materiais de pesquisa sobre *Auta* de Souza, aceitamos a tarefa que nos foi pedida inicialmente: a busca e disponibilização de algum arquivo cópia do manuscrito *Dálias*. O único arquivo do gênero de que tínhamos conhecimento constava do DVD que traz o filme *Noite Auta, céu risonho* (GOMES, 2008). Devido à má qualidade em que o arquivo ao qual tivemos acesso se encontrava, foi necessário buscar reforços junto à empresa de Natal que realizou as impressões dele para o lançamento do filme em 2008.

Com esse segundo arquivo digital do manuscrito, junto com a equipe do projeto, pudemos começar o trabalho de leitura dos poemas e cotejamento com o livro *Horto, outros poemas e ressonâncias* (SOUZA, 2009), obra que, embora não utilizada na versão final das notas, foi minuciosamente pesquisada no início do processo, por tratar-se do único livro que, até então, trazia na íntegra todos os poemas originários do manuscrito *Dálias* com notas de pesquisa. Esse trabalho deu início à editoração preliminar do livro *Dálias* e inspirou a nossa indicação de notas e sugestão de seus conteúdos.

Ainda assim, não estava descartada a tentativa de cotejo do arquivo digital obtido com o manuscrito original. Foi quando, quase

no final do mesmo ano, sugerimos à equipe de publicação a participação de Anderson Tavares de Lyra neste trabalho, dado seu envolvimento em vários projetos voltados à memória de Auta de Souza no Rio Grande do Norte. Entre esses projetos, destaca-se a presidência da Academia Macaibense de Letras (AML), entidade que tem a poeta como patrona e da qual nós também fazemos parte ocupando a cadeira que leva o nome de Auta de Souza.

Com a entrada do presidente da AML no projeto e com as parcerias que conseguiu estabelecer, foi possível obter da Escola Doméstica de Natal o empréstimo do manuscrito *Dálias* para digitalização visando à sua publicação em livro pela Biblioteca do Senado Federal. No aniversário de falecimento de Auta de Souza, a 7 de fevereiro, veio-nos o anúncio. Devido a contratempos relacionados à situação pandêmica, a digitalização só aconteceu em 8 de março de 2021, e o arquivo foi disponibilizado para a equipe do projeto. Uma data providencial para trazer à baila, com maior qualidade de imagem, uma obra poética e histórica tão rica, concebida por uma escritora negra do Rio Grande do Norte do fim do século XIX.

A partir daí, foi possível, com a nova digitalização do manuscrito, melhor desenvolver e aprimorar o trabalho de editoração iniciado pela equipe do projeto, bem como dirimir dúvidas que ainda persistiam em relação a seu conteúdo original. A publicação do livro *Dálias* dentro de todo um rigor e qualidade técnica foi obra do pioneirismo da Biblioteca do Senado Federal, aliado à cooperação e parceria entre várias pessoas e instituições que confiaram no projeto e o abraçaram, colocando-se a serviço da causa. Um feito memorável para a história das letras de autoria feminina do Brasil oitocentista.

REFERÊNCIAS

Obras de Auta de Souza

SOUZA, Auta. *Dhálias*. Manuscrito (1893-1897). Consultado na Escola Doméstica de Natal, em 1997, em Natal (RN).

SOUZA, Auta. *Dhálías*. Manuscrito (1893-1897). Arquivo digital da Biblioteca do Senado Federal para publicação do livro *Dálías*. Brasília, fevereiro de 2021.

SOUZA, Auta. *Dhálías*. Manuscrito (1893-1897). Arquivo digital. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira. DVD *Noite Auta, céu risonho*. Natal (RN), setembro de 2008.

SOUZA, Auta. *Horto*. Manuscrito (1894-1898). Consultado na Escola Doméstica de Natal, em 1997, em Natal (RN).

SOUZA, Auta. *Horto*. Natal: Tipografia d'República, Biblioteca do Grêmio Polimático, 1900.

SOUZA, Auta. *Horto*. 2. ed. Paris: Aillaud Alves Cia, 1910.

SOUZA, Auta. *Horto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, 1936.

SOUZA, Auta. *Horto*. 4. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

SOUZA, Auta. *Horto*. 5. ed. Natal: EDUFRN, 2001.

SOUZA, Auta. *Horto*. Brasília: Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza/Editora Auta de Souza, 2000.

SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias*: obras reunidas de Auta de Souza. (Org. Alvarado Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo). Natal: EDUFRN, 2009.

SOUZA, Auta. *Horto*. Porto Alegre: Figuras de Linguagem, 2019.

SOUZA, Auta. *Horto*. Coleção Raízes. Formato e-Book kindle. Lebooks Editora, publicado em 18 dez. 2019. Fonte: <https://lebooks.com.br/product-tag/lebooks-editora/>.

Outras obras

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

- BARBOSA, Ana Maria M. de S. M. Deméter: deusa mãe da terra cultivada. In: ALVARENGA, Maria Zélia de (org.). *Mitologia simbólica: estruturas da psique e regências míticas*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 105-120.
- BARCELLOS, Gustavo. *Mitologias arquetípicas: figurações divinas e configurações*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2019.
- BILAC, Olavo. Prefácio à 1ª edição. In: SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas de Auta de Souza* (Org. Alvarado Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo). Natal: EDUFRN, 2009. p. 29-31.
- CALLAHAN, Monique-Adelle. *Between the lines: literacy transnationalism and African American poetics*. New York: Oxford Press, 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Recife: Imprensa Oficial, 1961.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patrícia*. Natal: Fundação José Augusto, 1998.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Natal: EDUFRN, 2008. Coleção Câmara Cascudo: memória e biografias.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Nosso amigo Castriciano*. Natal: EDUFRN, 2008b. Coleção Câmara Cascudo: biografias.
- DANTAS, Meneval. *Macaíba: imagens, sonhos, reminiscências*. 3. ed. Natal/Rio de Janeiro, Fundação José Augusto/Presença Edições, 1985.
- PÍNKOLA, Clarissa. *Mulheres que correm com os lobos*. Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldea Barcellos. São Paulo: Rocco, 1994.
- FARIAS, Genilson de Azevedo. *Auta negra: uma voz feminina no Rio Grande do Norte oitocentista*. Natal: Caravela Selo Cultural, 2018.
- FIGUEIREDO, Jackson de. *Auta de Souza*. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital/Tip. do Anuario do Brasil, 1924. (Coleção Eduardo Prado, série C).

GALVÃO, Cláudio. *A modinha norte-rio-grandense*. Recife: Massangana; Natal: Fundação José Augusto/EDUFRN, 2000.

GALVÃO, Cláudio. *Cancioneiro de Auta de Souza*. Natal: Fundação José Augusto/EDUFRN, 2001.

GOMES, Perillo. *Ensaio de crítica doutrinária*. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital/Alvaro Pinto, Anuario do Brasil, 1923, p. 159-176. (Coleção Eduardo Prado, série C).

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, abril 2000a.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Apresentação. In: SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas de Auta de Souza* (Org. Alvamar Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo). Natal: EDUFRN, 2009a, p. 11-14

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza: a noiva do verso*. Natal: EDUFRN, 2013.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Auta e Prometeu. In: GOMES, Ana Laudelina F.; BRITO, Silvia Barbalho (Org.). *Festins de seda: o Festival Mythos-Logos do imaginário e outras inventices bachelardianas*. Natal: EDUFRN, 2016.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Notas à Seção “Outros poemas”. In: SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas de Auta de Souza* (Org. Alvamar Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo). Natal: EDUFRN, 2009e, p. 243.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Uma poeta de múltiplas marcas culturais. *Revista da FARN*. Natal, v. 6, n.1/2, p. 161-181, jan./dez. 2007.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Vida e obra da poeta potiguar Auta de Souza. *Revista ObservaNordeste*, set. 2003. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/index.php/pesquisas-em-andamento-nees/192-observanordeste/observanordeste/2095-vida-e-obra-da-poeta-potiguar-auta-de-souza-1876-1901>.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Auta de Souza e a escrita feminina nos Oitocentos. *Cronos*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ano 1, n. 2, jul./dez., 2000b.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Introdução para um estudo da vida e obra de Auta de Souza. In: SOUZA, Auta. *Horto*. 5. ed. Natal: EDUFRN, 2001. p. 21-61.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Introdução. Vida, obra e ressonâncias. In: SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas de Auta de Souza* (Org. Alvar Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo). Natal: EDUFRN, 2009c, p. 15-28.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Outros poemas e escritos. (Pesquisa, organização e notas). In: SOUZA, Auta. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas de Auta de Souza* (Org. Alvar Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo). Natal: EDUFRN, 2008d, p. 241-274.

HILLMAN, James. *Psicologia arquetípica: um breve relato*. Tradução: Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Cultrix, 1988.

HILLMAN, James. *Cidade e alma*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

LEÃO, Nalva de Souza. *A obra poética de Auta de Souza*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1986.

LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio à 3ª edição. In: SOUZA, Auta de. *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas de Auta de Souza* (Org. Alvar Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo). Natal: EDUFRN, 2009. p.37-38.

LINDENBERG, Sônia Regina Crosariol. Afrodite: deusa do amor e da beleza. In: ALVARENGA, Maria Zélia de (Org.). *Mitologia simbólica: estruturas da psique e regências míticas*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 173-194.

LOPES, Zélia de Souza. *Hortografismo: negritude, espiritualidade e morte em Auta de Souza*. Dissertação (Mestrado). UFJF. Programa

de Pós-Graduação em Letras. Estudos Literários. Juiz de Fora (MG), 2018. 125f.

MEYER, Marlise. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1993.

MELO, Evaneide Maria de. *Álbuns fotográficos de/por Enoque Neves: uma poética visual*. 2012. 176 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

PAZ, Octávio. *Sor Juana Ines de la Cruz*. Las trampas de la Fe. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

PARNASO de além-túmulo: poesias mediúnicas psicografadas por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: Liv. da Federação Espírita Brasileira, 1932.

PINHEIRO, Rosa Aparecida. *Henrique Castriciano: educação e modernização no limiar do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Educação). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1996.

SARAIVA, Gumercindo. *Trovadores potiguares*. São Paulo: Saraiva, 1960.

SARAIVA, Gumercindo. A modinha no Rio Grande do Norte. *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*. Natal, v. 27, n. 15, nov. 1979/80. p. 99-105.

SOUZA, Ana Célia R, de. Coré-Perséfone. Um ritual iniciático da totalidade do feminino. In: ALVARENGA, Maria Zélia de (Org.). *Mitologia simbólica: estruturas da psique e regências míticas*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010, p. 311-324.

SOUZA, Auta de (Espírito). *Auta de Souza*. Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1991. 127p.

SOUZA, Eloy de. *Memórias* (Org. Rejane Cardoso). Natal: Fundação José Augusto, 1975.

SOUZA, Henrique Castriciano de. Nota (à 2. ed.). In: SOUZA, Auta. *Horto*. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p. 249-251.

SOUZA, Karlla C. A.; CARVALHO, Isabel C. A deusa sob ruínas: imagens do Feminino na poesia de Auta de Souza. In: GOMES, Ana Laudelina F.; FARIAS, Genilson de Azevedo (Org.). *Tecelãs da liberdade: trajetórias, narrativas e poéticas de mulheres*. Natal: EDUFRN, 2021 (no prelo).

WANDERLEY, Palmira. O elogio de Auta de Souza. *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*. Natal, ano IV, n. 4, 1956. p. 3-22.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Imaginário e ciências. In: ARAUJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (Coord.). *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Coleção Pensamento e Filosofia. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. p. 265-285.

Fontes audiovisuais, fonográficas e digitais

BORBA, Sandra. Depoimento concedido a Dayana Oliveira. In: GOMES, Ana L. F. (realização e direção geral). *Noite Auta, céu risonho*. Seção de depoimentos. Natal, TVU-RN/NCCEN/Patrocínio BNB, 2008. 1 DVD.

CALLADO, Gracielle. Mensagem de WhatsApp endereçada a Ana Laudelina Ferreira Gomes (junho de 2021).

CASTIM, Carlos. Informações sobre o manuscrito *Dálias*. E-mail endereçado a Ana Laudelina Ferreira Gomes (fevereiro de 2021), 2021a.

CASTIM, Carlos. Informações adicionais sobre os manuscritos de Auta de Souza e as publicações do livro *Horto*. Mensagem de WhatsApp endereçada a Ana Laudelina Ferreira Gomes (junho de 2021), 2021b.

DANTAS, Mirabô. *Mares potiguares*. Produzido por Jorge Lima. Natal: Megafone Estúdio, 2005. 1 CD.

DANTAS, Mirabô. *Auto do Natal 2005: Jesus de Natal*. Natal: Estudium Jota Marciano, 2005. 1 CD.

DANTAS, Mirabô. Nunca mais (audiovisual). In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (realização e direção geral). *Noite Auta, céu risonho*. Natal: TVU-RN/NCCEN/Patrocínio BNB, 2008. 1 DVD.

DANTAS, Mirabô. Depoimento concedido a Dayana Oliveira. In: GOMES, Ana Laudelina Ferreira (realização e direção geral). *Noite Auta, céu risonho* (vídeo documentário). Seção de extras: depoimentos na íntegra. Natal: TVU-RN/NCCEN/Patrocínio BNB, 2008. 1 DVD.

CUNHA, Diva. Depoimento concedido a Ana Laudelina Ferreira Gomes. In: GOMES, Ana L. F. (realização e direção geral). *Noite Auta, céu risonho*. Seção de depoimentos. Natal, TVU-RN/NCCEN/Patrocínio BNB, 2008. 1 DVD.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira (realização e direção geral). *Noite Auta, céu risonho*. Natal: TVU-RN/NCCEN/Patrocínio BNB, 2008, 1 DVD.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Entrevista concedida a Tiago Rogero, para o programa *Vidas Negras*, série original do Spotify, episódio “Contadoras de histórias”, publicado 23 jun. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1RfqvKeenIydm9qa0NXs86>.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Entrevista concedida ao evento Julho das Pretas (formato remoto). Natal: Mulherio das Letras, julho de 2020.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. Entrevista concedida ao Sebo Letra N’ativa (formato remoto). Santa Cruz (RN), 2021b.

LEÃO, Nalba. Entrevista concedida a Ana Laudelina F. Gomes. Praia de Búzios, Natal (RN), jan. 1997.

MEDEIROS, Alvamar (Org.). *Auta de Luz: poemas de Auta de Souza*. Natal: Studium Jota Marciano, 2006. 1 CD.

MEDEIROS, Alvamar (Org.). *Caminho do sertão*. Natal: Studium Jota Marciano. Natal, 2007. 1 CD.

MORAES, Elza Barros. Entrevista concedida a Ana Laudelina F. Gomes. Recife (PE), 1 out. 1998.

OLIVEIRA, Glorinha. *Cancioneiro*. Auta de Souza. Pesquisa e Projeto de Cláudio Galvão. Prefeitura do Natal. Lei Djalma Maranhão. Patrocínio Morada da Paz. CD. 2015.

PEREIRA, Joseane. *Griots: os contadores de histórias da África Antiga*. Aventuras da História. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.xapuri.info/home/griots-os-contadores-de-historias-da-africa-antiga/>.

SOUZA, Auta. Róseo menino (poema musicado Rezando). In: *Cantos de presépio*. Execução musical de Maria Augusta Rodrigues (canto) e Brás Pina Filho. Coleção Fontes Culturais da Música em Goiás, n. 4 (Cantos de Presépio). Goiânia, 1985. 1 LP.

SOUZA, Auta. *Caminho do sertão* (poema musicado). Composição musical de Abdon Álvares Trigueiro. Execução musical de Fátima Brito (canto) e Gerardo Parente (piano). In: HENRIQUE, Dejour (Coord. e Prod.). *Cancioneiro potiguar*. Natal: UFRN/Escola de Música. Projeto Memória, n. 18. Gravado nos Estúdios da Transamérica/RJ. s/d. 1 LP.

ZARZAR, Maria Lúcia. Depoimento concedido a Ana Laudelina Ferreira Gomes e a Dayana Oliveira. In: GOMES, Ana Laudelina F. (realização e direção geral). *Noite Auta, céu risonho*. Seção de depoimentos. Natal, TVU-RN/NCCEN/Patrocínio BNB, 2008. 1 DVD.

ZARZAR, Sâmia Moraes. Mensagem por WhatsApp trocada com Ana Laudelina Ferreira Gomes (12 ago. 2021).

DÁLIAS

(1893-1897)

“Nada do que está escrito é belo: o que há de mais divino no coração do homem nunca de lá sai. O instrumento é de carne; a nota é de fogos – Entre o que se sente e o que se exprime, há a mesma distância que entre a alma e as vinte e quatro letras de um alfabeto! Isto quer dizer o infinito. Queres traduzir numa flauta de cana a harmonia das esferas? O amor completo é paciente porque é absoluto e sente-se eterno.”

LAMARTINE – *Raphael*^{1 e 2}

¹ Nota colada na terceira página do manuscrito.

² Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869) foi um escritor, poeta e político francês. *Raphael* é um romance do autor publicado em 1849.

À memória de meu pai,
de minha mãe
e de meu irmão.³

Os túmulos dos teus dão-te regaços!
Ama-te a sombra do salgueiro aflito...
Vai, pois, meu livro! e como louro agreste
Traz-me no bico um ramo de... cipreste!
C. ALVES⁴

³ Os pais de Auta, Eloy Castriciano de Souza (1842-1881) e Henriqueta Leopoldina (1852-1879), faleceram de tuberculose antes de a autora completar 5 anos de idade. O irmão aludido é Irineu (Irineu Leão Rodrigues de Souza, 1875-1887), que, aos 12 anos, morreu incendiado num acidente com um candeeiro, fato que Auta presenciou. (CASCUDO, 2008, p. 55-56).

⁴ Fragmento da última estrofe de *Dedicatória*, de Castro Alves (Antonio Frederico de Castro Alves, 1847-1871), poema que abriu seu livro *Espumas flutuantes*, publicado em 1870, um ano antes de seu falecimento. No manuscrito *Dálias* (p. 1), o fragmento está grafado com uma tinta menos nítida ou lápis e vazando a margem direita do papel em movimento de descida.

À minha avó e a meus irmãos.⁵

⁵ A poeta se refere à avó materna, conhecida por Dindinda (Silvina Maria de Paula Rodrigues, 1828-1908), que vivia no Recife com seu marido, Francisco de Paula Rodrigues (m. 1882), e foi por ela que Auta e seus quatro irmãos – Eloy Castriciano de Souza (1873-1959), Henrique Castriciano de Souza (1874-1947), Irineu Leão Rodrigues de Souza (1875-1887) e João Cância Rodrigues de Souza (1877-1933) – foram criados após o falecimento da mãe (CASCUDO, 1961; GOMES, 2013).

Às boas Irmãs do Colégio da Estância,^{6 e 7}
almas piedosas e simples que me educaram
o coração e o espírito, ofereço
o que houver de mais singelo e puro
neste livro de versos.

⁶ Referência ao Colégio São Vicente de Paulo, do Recife, onde Auta estudou em regime de internato por três anos, de 1888 a 1890, além de levar dele amizades para toda sua breve vida (CASCUDO, 1961). Foi sua única experiência de instrução formal (GOMES, 2013).

⁷ “No *Colégio da Estância* (como a poeta o denominava), *Auta* teria aprendido a dominar o francês, falando fluentemente, lendo e escrevendo. Teria recebido noções de música e conhecido um pouco da literatura francesa [...]” (GOMES, 2013, p. 72.)

Meu Deus! nas folhas do meu livro d'alma
Sobram perfumes – e não falta amor!
C. DE ABREU⁸

⁸ Fragmento do poema *Na primeira folha dum álbum*, de Casimiro de Abreu (Casimiro José Marques de Abreu, 1839-1860), publicado em seu livro *As primaveras*, de 1859. O fragmento está grafado com uma tinta mais clara ou lápis, abaixo da dedicatória.

PRIMEIRA PÁGINA.⁹

(À minha avó)

Minh'alma vai cantar, alma sagrada!
Raio de sol dos meus primeiros dias...
Gota de luz nas regiões sombrias
De minha vida triste e amargurada.

Minh'alma vai cantar, velhinha amada!
Rio onde correm minhas alegrias...
Anjo bendito que me refugias
Nas tuas asas contra a sina irada!

Minh'alma vai cantar... transforma o seio
Num cofre santo de carícias cheio,
Para este livro – todo o meu tesouro... –

Eu quero vê-lo, em desejada calma,
No rico santuário de tu'alma...
– Hóstia guardada num cibório¹⁰ de ouro! –

⁹ Em *Horto* esse poema foi intitulado *À minha avó*.

¹⁰ Vaso com tampa onde se conservam as hóstias sagradas na Igreja Católica.

8

Primeira página .

(A' minha avó)

Minh' alma vai cantar, alma sagrada!
Raio de sol dos meus primeiros dias ...
Gotta de luz nas regiões sombrias
De minha vida triste e amargurada.

Minh' alma vai cantar, velhinha amada!
Rei onde correm minhas alegrias ...
Anjo bendito que me refugias
Nas tuas azas contra a sina irada!

Minh' alma vai cantar... Transforma o sei
N'um cope santo de caricias cheio,
Para este livro, - todo o meu thesouro... -

Eu quero vel-o, em desejada calma,
No rico santuario de tu' alma ...
- Hostia guardada n'um ciborio de ouro! -

Figura 1 – Poema Primeira página (Manuscrito, p. 7)

ANGELINA.

(À memória de Angelina P. da Silva)¹¹

*Brilhante como uma estrela,
Criança e já numa cova!*

J. EUSTÁQUIO DE AZEVEDO¹²

Ter doze anos somente
E nesta idade sofrer!
Sonhar um porvir ridente
E nesta aurora morrer!

Eis o que foi-te a existência,
Ó desditosa Angelina,
Doce lírio de inocência,
Pobre gota de neblina.

Como dois botões pequenos,
Duas flores orvalhadas,
Teus olhos dormem serenos,
Sob as pupilas cerradas.

¹¹ A dedicatória está riscada. Também há vários riscos na segunda página deste poema.

¹² José Eustáquio de Azevedo (1867-1943), poeta e prosador paraense, mais conhecido pelo pseudônimo de Jacques Rola.

Voaste, meiga criança,
Tão feiticeira e mimosa,
Como um riso de esperança,
Como uma folha de rosa.

É triste morrer no fim
De uma manhã d'esplendores!...¹³
A fronte ocultar assim
Numa grinalda de flores.

E sentir por entre a dor
Da derradeira agonia,
De mãe um beijo de amor
Roçar a fronte já fria.

Quando, num suspiro leve,
Est'alma que o corpo encerra
– Como uma pomba de neve
A desprender-se da terra; –

Num voo suave e franco
Fugiu para o Céu de anil...
Vestiram-te então de branco
Como uma noiva gentil.

No cetíneo¹⁴ caixãozinho
Mais puro que as alvoradas,
Depuseram teu corpinho
Entre as cambraias nevadas.

¹³ O verso apresenta exclusão do apóstrofo e inclusão da letra 'e' após o 'd', em tinta mais clara ou a lápis. Texto modificado: De uma manhã de esplendores!...

¹⁴ O mesmo que acetinado.

Aí no funéreo leito,
Toda coberta de rosas,
Tendo cruzadas ao peito
Duas mãozinhas formosas;

Pareces um anjo santo
Envolto em gélido véu,
Transpondo azulado manto,
Como em procura do Céu.

Eu sigo-te o voo alado
Pela esfera diamantina,
Ó meu anjo imaculado,
Ó minha santa Angelina!

PASSANDO...

(Ao talentoso poeta Dr. Celestino Wanderley, em
agradecimento a sua *Morte de Cecy*)¹⁵

Quando veem-me passar risonha e calma
Sem um pesar que me anuvie a fronte,
Olhar perdido além pelo horizonte,
Cuidam que levo o paraíso n'alma...

Mesmo já achei quem me dissesse um dia
“Invejo-te a existência descuidosa.”
Como se espinhos não tivesse a rosa
Ou fosse a vida isenta de agonia!

Porém enquanto, desdenhosa e altiva,
Eu vou passando, alegre ou pensativa,
A rir, a rir, como um feliz demente...

Meu pobre coração dentro do peito,
– Triste doente a agonizar no leito –
Vai soluçando dolorosamente...

¹⁵ Celestino Carlos Wanderley (1862-1942), escritor de *Auroras* (1890), que, conforme Cascudo (2008, p. 76), destinou o poema *A morte de Cecy* a Auta.

RENATO.

Um menino interessante
É o Renato de Carminha:
Um querubim tão galante
Cuidei que à terra não vinha!

E como lhe assenta bem
A roupinha azul que veste...
Dá-lhe os ares de quem vem
De uma paragem celeste.

Quando ele passa, tão lindo!
À tardinha a passear...
Todos lhe falam sorrindo
Com vontade de o beijar.

As mães o chamam: filhinho!
As moças dizem: meu bem!
Mas o capeta do anjinho
Não olha para ninguém.

Como ele fica engraçado,
– O pequenino tiful¹⁶ –
Com o seu boné, posto ao lado,
Todo de veludo azul.

¹⁶ Janota, elegante.

O seu cabelito louro
A se escapar do chapéu,
Parece uma nuvem de ouro
Querendo cair do Céu.

OLHOS AZUIS.¹⁷

(A Palmira Magalhães)

O teu olhar azul claro
Reflete não sei que luz,
O brilho fulgente e raro
Do meigo olhar de Jesus.

Eu cuido ver todo o encanto,
Toda a beleza do Céu,
Nestes teus olhos sem pranto,
Nestes teus olhos sem véu.

Sinto uma doce ventura,
Uma alegria sem fim...
Se deles a chama pura
Às vezes cai sobre mim.

São flores azuis boiando
À tona d'água, de leve,
Estes dous olhos beijando
O teu semblante de neve.

¹⁷ Poema musicado pelo norte-rio-grandense Heronides de França (1860-1926), considerado “um dos mais completos compositores modinheiros do RN” (GALVÃO, 2001, p. 20). Compõe o cancionero tradicional de Auta de Souza (GOMES, 2013).

MINH'ALMA E O VERSO¹⁸

*Não me olhes mais assim... Eu fico triste
Quando a fitar-me o teu olhar persiste
Choroso e suplicante...
Já não possuo a crença que conforta.
Vai bater, meu amigo, a uma outra porta.
Em terra mais distante.*

*Cuidavas que era amor o que eu sentia
Quando meus olhos, loucos de alegria,
Sem nuvem de desgosto,
Cheios de luz e cheios de esperança,
Numa carícia ingenuamente mansa,
Pousavam no teu rosto?*

*Cuidavas que era amor? Ah! se assim fosse!
Se eu conhecesse esta palavra doce,
Este queixume amado!
Talvez minh'alma mesmo a ti voasse
E num berço de flor ela embalasse
Um riso abençoado.*

¹⁸ No manuscrito faltam as páginas 23 e 24, que deviam conter as duas primeiras estrofes e os dois primeiros versos da terceira estrofe do poema. Para permitir sua leitura completa, optou-se por reproduzir do *Horto* o trecho ausente, que foi, aqui, grafado em itálico.

Mas não, escuta bem: eu não te amei;
Se me quiseste amar mesmo nem sei...
Meu sonho é tão diverso!
Tenho alguém a quem amo mais que a vida,
Deus abençoa esta paixão querida,
Eu sou noiva do Verso.

E foi assim... Num dia muito frio,
Achei meu seio de ilusões vazio
E o coração chorando...
Era o meu ideal que se ia embora
E eu soluçava enquanto alguém lá fora
Baixinho ia cantando:

“Eu sou o orvalho sagrado
Que dá alento e vida às flores,
Eu sou o bálsamo amado
Que sara todas as dores.

Eu sou o pequeno cofre
Que guarda os risos da aurora,
Perto de mim ninguém sofre,
Perto de mim ninguém chora.

Todos os dias bem cedo
Eu saio a procurar lírios,
Para enfeitar em segredo
A negra cruz dos martírios.

Vem para mim alma triste
Que soluças de agonia,
No meu seio o Amor existe
Eu sou filho da Poesia.”

Meu coração despiu toda a amargura
Embalado na mística doçura
Da voz que ressoava
Preso do Amor na suspirosa calma
Eu fui abrir as portas de minh'alma
Ao Verso que passava...

Desde este dia nunca mais deixei-o;
Ele vive cantando no meu seio
Numa algazarra louca!
Que seria de mim se ele fugisse,
Que seria de mim se não ouvisse
A voz de sua boca!

Não posso dar-te amor, bem vês; meus sonhos
São da Poesia os ideais risonhos
Em lago de ouro imersos...
Tu não sabes dourar os meus abrolhos,
E eu procurava apenas nos teus olhos
Assunto pra meus versos.

7-96

DE LONGE...

(À minha amiga Antônia Araújo)¹⁹

Para os teus anos, formosa,
Onde não vão meus desejos?
Mas longe de ti, saudosa,
Só posso enviar-te beijos.

Seria porém com pressa,
Cheia de muito receio
Que eu faria esta remessa
De beijos pelo correio.

E então, pelo Espaço alado
Eu vou soltá-los em bando,
Como um batalhão dourado
De passarinhos voando.

Podem assim, os amores,
Levar-te n'asa dispersos:
Minh'alma desfeita em flores
E meu coração em versos

26-11-96

¹⁹ Antônia Tavares de Araújo, “companheira amada [de Auta] dos tempos do colégio” (CASCUDO, 2008, p. 57).

PARTINDO.²⁰

“Espera eu voltarei.” ele dizia:
(Quanto era triste o seu olhar tão doce!)
Chorosa e terna a fala lhe tremia
Como se a corda de algum’ harpa fosse.

E ela, a pálida noiva estremeçada,
Fitou no amado os grandes olhos seus...
E murmurou, baixinho e comovida,
Quase a chorar e muito a medo: Adeus!

94

²⁰ Em *Horto* o poema é intitulado *Adeus*.

ANTONIETA

Esta criança formosa
Tem um sorriso argentino,
Como o gorjeio divino
Que solta uma ave saudosa.

Muito inocente e mimosa
– Semelha um lírio franzino, –
No rostinho pequenino
Guarda uma boca de rosa.

Se fala a voz adorada
Parece uma harpa encantada
Que os hinos de Além descerra...

Esta criança, Senhor!
É um mimo de teu amor
Um anjo descido à terra.

MEU SONHO²¹

(À estremecida amiga Eugênia B. de A. Mello)²²

Eu tenho um sonho que no Céu mora
Feito de luz e feito de amor:
Um sonho róseo como uma aurora,
Um sonho lindo como uma flor.

E eu vivo sempre, sempre sonhando,
O mesmo sonho de noite e dia,
O mesmo sonho suave e brando
De minha vida toda a alegria.

Quando eu soluço, quando minh'alma,
Cheia de angústia fica a chorar,
O sonho amado me traz a calma
E então minh'alma põe-se a rezar

Quando nas noites frias de inverno
Eu tenho medo da tempestade,
Ele o meu sonho, consolo eterno,
Transforma as sombras em claridade.

²¹ Poema musicado pelo norte-rio-grandense Heronides de França (1860-1926), considerado “um dos mais completos compositores modinheiros do RN” (GALVÃO, 2001, p. 20). Compõe o cancionário tradicional de Auta de Souza (GOMES, 2013).

²² Eugênia Bandeira de Albuquerque Mello, amiga de Auta.

Quando no seio, choroso e louco,
Palpita incerto meu coração,
O sonho doce vem pouco a pouco
Trazer-me a graça de uma ilusão.

E eu canto e rio na luz imersa
Deste dilúvio de fantasias...
Minh'alma voa no Azul dispersa
Buscando a pátria das harmonias.

Ilusão doce, visão dourada,
Quimera excelsa dos meus amores,
Pérola branca, carícia amada,
Bálsamo puro das minhas dores;

Ele, o meu sonho, farol que encanta,
Mostra-me a pátria da salvação,
Sorriso ingênuo, relíquia santa
Do relicário do coração!

NO TEMPLO²³

Que suave harmonia
Tem tua voz:
Tu roubaste-a, Maria,
Dos rouxinóis.

Aqui na Igreja santa
Se vens rezar,
Quanta piedade, quanta!
Trazes no olhar.

Maria! como és bela
Junto a Jesus!
O teu olhar de estrela
Parece luz.

E que doce brancura
Na tua cor
Tens a pálida alvura
De um lírio em flor.

²³ Conforme pesquisa de Cláudio Galvão (2001), este poema foi musicado, mas a música se perdeu na oralidade sem ter sido fonografada.

Junta estas mãos, formosa!

Assim... assim...

Deixa o lábio de rosa

Pedir por mim.

Vale tanto uma prece

Dita por ti...

Mas... a noute já desce

Vamos daqui.

Olha que eu tenho medo

Da escuridão:

Vamos... termina cedo

Tua oração.

No Templo.

Que suave harmonia
 Com tua voz:
 Tu roubaste - a, Maria,
 Dos roucinóis.

Aqui na Igreja santa
 Se vens recar,
 Quanta piedade, quanta!
 Graças no olhar.

Maria! como és bella
 Junto a Jesus!
 O teu olhar de estrella
 Parece luz.

E que doce brancura

Figura 2 – Poema *No templo* (Manuscrito, p. 36-37)

Na tua cõ
Cens a pallida alvura
De um lyrio em flôr.

Junta estas mãos, formosa!
Assim... assim...

Beica o labio de rosa
Pidis por mim.

Vale tanto uma prece
Dita por ti...

Mas... a noite já desce
Vamos d'aqui.

Olha que eu tenho medo
Da escuridão:
Vamos... termina cõdo
Uma oração.

NOEMI

Eu quisera saber em que ela pensa
Esta mimosa e santa criatura,
Quando indeciso o seu olhar procura
Alguma estrela pelo Azul suspensa.

E que tristeza indefinida, imensa,
Do seu olhar na flama ardente e pura
Intérmina e suave se condensa
Como as brumas no Céu em noite escura.

Pobre criança! Que infinita mágoa,
Punge-te o seio e te anuvia os olhos,
– Benditos olhos sempre rasos d'água! –

Choras?! E o mundo te oferece flores...
Deixa os espinhos, lágrimas e abrolhos
Só para mim, que só conheço dores!

NO ÁLBUM DE UMA AMIGA²⁴

(À Eugênia)²⁵

Tanta dor a boiar nos olhos das crianças,
Tanta gota a tremer no cálice das flores...²⁶
E aqui neste jardim plantado de esperanças,
Eu venho inda depor a lágrima das dores.

A lágrima é o meu nome escrito entre as formosas
Páginas de teu livro, um berço de boninas!
Pois não bastava o orvalho a tremular nas rosas,
Nem o pranto a rolar nas faces pequeninas?

²⁴ O título e a dedicatória estão riscados. O título ainda apresenta a inserção do nome 'Eugênia', a lápis. Título modificado: *No álbum de Eugênia*, este utilizado em *Horto*.

²⁵ Eugênia Bandeira de Albuquerque Mello foi uma grande amiga de colégio de Auta.

²⁶ As primeiras palavras dos dois primeiros versos foram alteradas, em tinta mais clara ou a lápis. Texto modificado: Quanta dor a boiar nos olhos das crianças, / Quanta gota a tremer no cálice das flores...

DIA DE INVERNO.^{27 e 28}

(À memória de meu irmão Irineu)²⁹

Num dia mesmo assim foi que partiste
Cheio de dor e de tristeza cheio...
E eu fiquei a chorar num doudo anseio
Olhando o Espaço enevoadado e triste.

Não sei se mágoa mais profunda existe
Do que a saudade que me oprime o seio,
Que esta amargura que ferir-me veio
Desde o momento em que tu me fugiste.

Os anos que já vão! Entanto eu cismo
A toda a hora no profundo abismo
Que veio a morte ante de nós cavar...

E cada noute n'asa de uma prece
Ou num raio de sol quando amanhece
Vejo tu'alma para o Céu voar!

²⁷ Em *Horto* o poema foi intitulado *Irineu*.

²⁸ O poema está completamente riscado no manuscrito.

²⁹ Irineu (Irineu Leão Rodrigues de Souza, 1875-1887) foi o irmão de Auta que, aos 12 anos, sofreu um acidente com um candeeiro e morreu. Nas brincadeiras de criança, Irineu teria sido "o companheiro preferido, mas ficava calado, desajudando a conversação" (CASCUDO, 2008, p. 54-56).

LÁGRIMAS.

(A meu irmão João Câncio de Souza)³⁰

Eu não sei o que tenho... Essa tristeza
Que um sorriso de amor nem mesmo aclara,
Parece vir de alguma fonte amara
Ou de um rio de dor na correnteza.

Minh'alma triste n'agonia presa,
Não compreende esta ventura clara,
Esta harmonia tão suave e rara³¹
Que ouve cantar além pela devesa³²

Eu não sei o que tenho... Esse martírio,
Essa saudade roxa como um lírio
Pranto sem fim que dos meus olhos corre...

Deve ser o suspiro doloroso,
O estertor prolongado e angustioso
Do último adeus de um coração que morre.

³⁰ João Câncio Rodrigues de Souza (1877-1933) foi o irmão caçula de Auta, um ano mais novo que ela. Segundo Cascudo (2008, p. 51), nas brincadeiras de criança, ele era o parceiro ideal, “quieto e obediente ao protocolo que Auta ditava”.

³¹ No manuscrito *Dálías*, a expressão ‘tão suave’ aparece rabiscada e substituída por ‘ma-viosa’.

³² Alameda ou arvoredo que circunda um terreno.

A MORTE DE HELENA

“Eu não quero morrer”, dizia a pobre Helena,
E a fronte a soluçar caiu no travesseiro...
Ela lembrava assim a pálida açucena
Ou do galho a pender a flor do jasmineiro.

“Não me deixem morrer assim na Primavera,
Esconde-me no seio, ó minha mãe querida!
A morte como é triste e o noivo que me espera
Há de chamar por mim. Quem restitui-me a vida?”

E se pôs a chorar: mas chegando o delírio
Esqueceu-se da morte e começou a rir...
Pobre noiva do Amor! Pobre folha de lírio!
Ela os olhos cerrou como quem vai dormir.

Misérrima criança! Estava ali bem perto
A morte a se abeirar de seu leito sagrado,
Para arrastar-lhe o corpo ao túmulo deserto
Onde não brilha o Sol nem um sorriso amado.

E quando despertou daquele doce encanto,
Conheceu que morria e cheia de pavor
Suplicou de Jesus por seu martírio santo
Que a deixasse na terra ao pé de seu amor.

“Mas sei que parto sempre”, acrescentou chorando,
“Mostrou-se-me da crença o doloroso véu...
Minha mãe vem comigo, a noute vai chegando
E eu talvez possa errar o caminho do Céu!”

.....³³

E nesta mesma noute, escura, tenebrosa,
Deixou a doce Helena a terra, pobre goivo!
Mas tinha para ungir-lhe a campa lutuosa
Uma prece de mãe e as lágrimas do noivo.

³³ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

SONETO

(À minha interessante afilhadinha Maurina Gomes)

Tudo o que é puro, santo e resplendente,
Neste mundo cruel de desenganos;
Toda a ventura dos primeiros anos
De uma que desbrocha³⁴ sorridente;³⁵

Tudo o que ainda vemos de potente
Na vastidão sem fim dos oceanos
E da terra nos prantos soberanos
Trazidos pela aurora refulgente;

Tudo o que desce do infinito ousado,
O Sol, a brisa, o orvalho prateado,
A luz do Amor, do Bem, das esperanças...

Tudo afinal que vem do Céu dourado
A despertar o coração magoado,
Deus encerrou nos olhos das crianças.

1893

³⁴ O mesmo que desbrocha.

³⁵ O verso apresenta inserção da palavra 'alma' em tinta mais clara ou a lápis. Texto modificado: De uma alma que desbrocha sorridente;.

REGINA COELI^{36 e 37}

(À minha amiga Antônia Araújo)³⁸

*Tudo o que sobe ao céu, tudo o que desce à terra
Balbúcia o teu nome...*

LUIZ MURAT³⁹

Teu nome santo, ó Maria!⁴⁰
Tem a doçura inocente,
De uma carícia macia,
De uma quimera dolente.

Nele se embala a Esperança
Numa meiguice diletta,
Como no berço a criança,
Como no verso o poeta.

³⁶ Poema musicado pelo norte-rio-grandense Heronides de França (1860-1926), considerado “um dos mais completos compositores modinheiros do RN” (GALVÃO, 2001, p. 20). Compõe o cancionero tradicional de Auta de Souza (GOMES, 2013).

³⁷ O nome Regina Coeli ou Regina Caeli, do latim, significa Rainha do Céu. No catolicismo esse título designa uma oração que remonta ao século X ou XI.

³⁸ Antônia Tavares de Araújo, “companheira amada [de Auta] dos tempos do colégio” (CASCUDO, 2008, p. 57).

³⁹ Texto escrito em tinta mais clara ou lápis no alto da página, acima do título. Luís Norton Barreto Murat (1861-1929) foi um escritor, filósofo e político fluminense e fundador da cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Letras. Esses versos fazem parte do poema *O dístico de Dante*, do livro *Ondas*, de 1890.

⁴⁰ Na tradição cristã, Maria de Nazaré, mãe de Jesus Cristo.

Do Céu teu nome nos desce
Numa harmonia divina
Como o cicio da prece
Nos lábios de uma menina.

Teu nome é cetíneo⁴¹ laço
Prendido em formoso véu,
Qual branca nuvem no Espaço,
Qual uma estrela no Céu.

Teu nome reflete a imagem
Da melodia serena
Que passa rindo n'aragem
E no voejar da falena.⁴²

Uma blandícia suave
Nele cantando divaga,
Como no Azul uma ave,
Como no mar uma vaga.

Teu nome, cheiroso lírio,
No níveo cálice encerra
Todo o mistério do Empíreo,⁴³
Toda alegria da Terra.

Como um contraste do encanto,
Neste teu nome diviso
Toda a saudade do pranto
E todo o afago do riso.

⁴¹ O mesmo que acetinado.

⁴² Mariposa, borboleta.

⁴³ Na mitologia: morada dos deuses. A mais elevada das esferas, Céu.

Ah! todo o perfume amado,
Toda a fragrância mimosa,
Que o colibri namorado
Bebe no seio da rosa;

Toda a pureza do Amor,
Todo o feitiço do olhar,
O orvalho a cair na flor,
Serenos a cair no Mar...

Tudo em teu nome palpita,
Tudo embriaga e seduz,
Como a delícia infinita
De um paraíso de luz.

E num canto repassado
De lirismo que extasia,
Teu nome vive embalado,
Teu nome santo, ó Maria!

O BEIJA-FLOR.

Acostumei-me a vê-lo todo o dia
De manhãzinha, alegre e prazenteiro,
Beijando as flores brancas do canteiro
No meu jardim – a pátria da ambrosia. –

Pequeno e lindo só me parecia
Que era da noute o sonho derradeiro...
Vinha trazer às rosas o primeiro
Beijo do Sol nessa manhã tão fria!

Um dia foi-se e não voltou... e eu quando
A suspirar me ponho contemplando
Sombria e triste o meu jardim risonho...

Digo a pensar num tempo já passado:
Talvez, ó coração alanceado,
Aquele beija-flor fosse o teu sonho!

FELIZ.⁴⁴

Me dizes que a ventura te foi dada⁴⁵
E contente tu'alma jamais chora,
Vive sorrindo à luz de uma alvorada
E a noute para ela é cor d'aurora?⁴⁶

Não creio nesta dita, me perdoa,⁴⁷
Ninguém na terra pode ser feliz:
Até o sino que na torre soa
Tem sua dor, nem sempre ele bem diz.

Além, além... lá pelo Céu voando⁴⁸
A modular uns hinos tão suaves
Pombas aos centos lá se vão cantando...⁴⁹
Mas...⁵⁰ tu crês na ventura dessas aves?

⁴⁴ No manuscrito há diversas palavras riscadas com alterações escritas acima, em tinta mais clara ou a lápis. Optamos por reproduzir o texto original informando as alterações em notas.

⁴⁵ Texto modificado: Tu dizes que a ventura te foi dada.

⁴⁶ Texto modificado: E para ti a noite é cor d'aurora?

⁴⁷ Texto modificado: Não creio neste sonho, me perdoa.

⁴⁸ Texto modificado: Além, distante... lá pelo Céu voando.

⁴⁹ Texto modificado: Pássaros meigos lá se vão cantando...

⁵⁰ Marcação ilegível acima da palavra 'Mas'.

Repara bem naquela que ficou
Pousada lá no cimo d'aroeira,
Ela chora, coitada, pois deixou
Muito longe perdida a companheira.

Aves da terra, em tímidos adejos,⁵¹
Também alegres como as rolas mansas,
Rostos corados, rescendendo beijos,
Correm cantando bandos de crianças.

E enquanto passa em revoada louca
Esses dourados batalhões de arcanjos,
Eu quero ouvir-te da risonha boca
Se é eterna a ventura desses anjos.

Já que tu'alma assim a crê também:
Se te mostrasse o coração a nu,
Uma criança que perdeu a mãe
Ouve e responde: que dirias tu?⁵²

Inda afirma esta boca perfumosa
Que neste mundo em meio da vertigem
Alguma cousa há sempre ditosa:
A consciência santa de uma virgem.

⁵¹ Ato de adejar; de bater as asas para se manter no ar.

⁵² Toda a estrofe está circundada.

As moças também choram... Áureo cofre⁵³
Guarda-lhe os prantos e o martírio duro,
E de todas, aquela que mais sofre
É a que tem o coração mais puro.

Somente tu és bem feliz... Já vê:
Que, se lutando com tristezas doudas,
Todas soluçam, é porque talvez
Tu nos roubaste as alegrias todas.

⁵³ Texto modificado: A moça também chora... um Áureo cofre.

AO LUAR⁵⁴

Astros celestes docemente louros
Giram no Espaço em luminoso bando,
Ouve-se ao longe um violão gemente
E mais ainda num trinar dolente
Canções serenas ao luar voando.

Quanta tristeza pela noute clara!
Quanta saudade pelo Azul boiando!
Cuida-se ouvir num dolorido choro
As preces tristes de um magoado coro
De almas penadas ao luar rezando.

O Céu parece uma igrejinha antiga
Que a Lua branca vai alumando...
E estas estrelas muito além dispersas,
São rosas brancas no Infinito imersas,
Monjas benditas ao luar chorando.

⁵⁴ Poema musicado pelo norte-rio-grandense Heronides de França (1860-1926), considerado “um dos mais completos compositores modinheiros do RN” (GALVÃO, 2001, p. 20). Compõe o cancionário tradicional de Auta de Souza (GOMES, 2013). Há um registro da escritora Palmira Wanderley de a canção ter sido ouvida em serenata, acompanhada de cavaquinho e violões (WANDERLEY, 1956).

Os pirilampos pelas montas⁵⁵ tristes
Voam calados e sutis brilhando...
Lembram descrenças a bailar sombrias,
Ilusões mortas de passados dias,
Almas de loucos ao luar passando.

Flocos de nuvens pela Esfera adejam⁵⁶
Barcos de neve pelo Azul formando...
Semelham preces que se vão da terra,
Almas mimosas que este mundo encerra
De criancinhas ao luar sonhando.

Eles parecem também velas brancas
Soltas, à toa, pelo Mar vogando...
Leves e tênues, a correr, imensas,
Pétalas de lírios pelo Ar suspensas,
Aves saudosas ao luar chalrando.⁵⁷

Ai! quem me dera ser também criança!
Ai! quem me dera andar também voando!
Fazer dos astros um barquinho amado,
Nele vagar por todo o Céu dourado...
As minhas dores ao luar cantando!

⁵⁵ Não foi possível determinar se a autora escreveu ‘montas’ ou ‘mantas’. No caso de ‘montas’, os significados são: valor, soma, montante, lance. Sendo ‘mantas’, tem os significados: camada humífera; acumulação de detritos vegetais nos solos de florestas, vala na terra feita para plantio de videiras. Em *Horto* foi grafado ‘moitas’.

⁵⁶ Ato de adejar; de bater as asas para se manter no ar.

⁵⁷ O mesmo que chilrear.

DESALENTO.⁵⁸

Quando o meu pensamento se transporta
 Às praias d'além-mar,
Sinto no peito uma tristeza imensa
 Que me manda chorar.

É que vejo morrer uma por uma
 Santas aspirações,
E voar com os pássaros saudosos
 As minhas ilusões.

Não julguei que o mundo fosse um túmulo
 De sonhos juvenis
Sorrindo acreditei que aqui na terra
 Podia ser feliz...

Enganei-me – a tristeza que me oprime
 O coração sem luz,
Como do Sol o derradeiro raio
 Nos braços de uma Cruz;

⁵⁸ Poema musicado pelo norte-rio-grandense Cirineu de Vasconcelos (1867-1939), sendo uma “canção popularíssima nas serenatas e saraus da velha Natal” (GALVÃO, 2001, p. 29). Integra o cancionero tradicional de Auta de Souza (GOMES, 2013).

A trêmula saudade que entristece
E faz desfalecer,
Esta agonia lenta que me inspira
Desejos de morrer... –

Tudo me diz que é a vida é o desengano,
A morte da Ilusão,
E o mundo um grande manto de tristezas
Que enluta o coração.

93⁵⁹

⁵⁹ No manuscrito está grafado, em tinta mais clara ou a lápis, '18' antes do ano '93'.

Desalento.

Quando o meu pensamento se transporta
 Ao praias d'alm. mar,
 Sinto no peito uma tristeza immensa
 Que me manda chorar.

É que vejo morrer uma por uma
 Santas aspirações,
 E voar com os passaros sandaços
 As minhas illuções.

Não julguei que o mundo fosse um tremulo
 De sonhos juvenis,
 Sorriundo acreditai que aqui era terra
 Podia ser feliz...

Enganei-me - a tristeza que me opprime

Figura 3 – Poema *Desalento* (Manuscrito, p. 60-61)

O aragoão com luz,
 Como do Sol o derradeiro raio
 Nos braços de uma Cruz;

A tremula sanidade que entristece
 E faz desfalecer,
 Esta agonia lenta que me inspira
 Desejos de morrer...

Quêdo me diz que é a vida é o desenganar,
 A morte da Ilusão,
 E o mundo um grande campo de tristezas
 Souo inclito o aragoão

1899

PÁGINA TRISTE

*Ah! Vem, vem ter comigo
Deixa os que te não seguem;
Terás em peito amigo
Lágrimas que te reguem,
Espaços em que floresças.*

G. DIAS⁶⁰

Há muita dor por este mundo afora,
Muita lágrima à toa derramada,
Muito pranto de mãe angustiada
Que vem saudar o despontar d'aurora!

Alma inocente só de amor cercada
A criancinha a soluçar descora:
Talvez no berço onde um infante chora
Também, ó Dor, tu queiras, desolada,

Erguer um trono, procurar guarida...
Foge do berço! não magoes a vida
Dest'ave implume, lirial botão.

Queres um ninho, um carinhoso abrigo?
Pois bem! procura-o neste seio amigo,
Dentro em minh'alma, aqui no coração.

⁶⁰ Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), poeta maranhense. Trecho do poema *A saudade*.

MORTA⁶¹

(À memória de minha amiga Laura da S. Beltrão)⁶²

Dos braços da mãe querida
Desceu Laura à sepultura;
Morreu na manhã da vida
Criança ainda e tão pura!

Não viu desbrochar-lhe⁶³ n'alma
A aurora dos quinze anos,
Fugiu inocente e calma
Ao mundo cheio de enganoso.

Temeu, pobre mariposa!
O encanto louco das brasas,
Pois na friez⁶⁴ de uma lousa
O arcanjo não queima as asas.

⁶¹ Cascudo (2008, p. 165) comenta que há um conjunto de poemas em que Auta se refere a crianças (vivas e mortas). Esse é um deles.

⁶² No manuscrito aparece riscada a dedicatória a Laura da S. Beltrão, e consta abaixo, a lápis, “A Jael Beltrão”.

⁶³ O mesmo que desabrochar.

⁶⁴ O mesmo que frieza.

De todo o choroso dia
Só nos ficou na lembrança
Como visão fugidia
Daquela virgem criança:

Um caixãozinho funéreo,
Abismo de nossas dores –
Conduzido ao cemitério
Como uma cesta de flores.

A ALGUÉM⁶⁵

Partiu-se o fio branco e delicado
Dos sonhos de minh'alma desditosa,
E as contas do rosário assim quebrado
Caíram como folhas de uma rosa

Debalde eu as procuro lacrimosa,
Estas doces relíquias do Passado,
Para guardá-las na urna perfumosa,
Do meu seio no cofre imaculado.

Ai! se eu ao menos uma só pudesse
Destas contas achar que me fizesse
Lembrar um mundo de alegrias doudas...

Feliz seria... mas minh'alma atenta
Em vão procura uma continha benta:
Quando partiste m'as⁶⁶ levaste todas!

⁶⁵ Em *Horto* esse poema foi intitulado *À alma da minha mãe*.

⁶⁶ Pela ortografia atual, o termo seria grafado 'mas', isto é, a junção do pronome 'me' com o pronome 'as' (construção bastante empregada no português do século XIX). Porém, considerada a possível confusão com a conjunção 'mas', optou-se por manter a grafia utilizada pela autora.

DOLORAS⁶⁷

Já vão caminho do cemitério
Meus louros sonhos em visões negras;
E vão-se todos no Azul sidéreo
Como uma nuvem de toutinegras.⁶⁸

A noite de ontem levei chorando
Todo o passado de meus amores...
E o dia ainda me achou rezando
No imenso terço de minhas dores.

Vejo na vida longo deserto
Sem doce oásis de salvação;
Dentro em minh'alma douda, chorosa,
De pobre moça tuberculosa
Cheio de medo, trêmulo, incerto,
Bate com força meu coração.

E assim morrendo, coitada, aos poucos,
Convulsa e fria, louca de espanto,
Solto suspiros, soluços roucos,
Olhando as cruzes do Campo santo.

⁶⁷ Em *Horto*, este poema aparece intitulado *Dolores*.

⁶⁸ Tipo de ave.

Porque me lembro que muito breve
Leva-me a ele tanta dor física...
E dentro em pouco, branco de neve,
Verão o esquife da pobre tísica.

CANTANDO...

(A meu irmão H. Castriciano)⁶⁹

Tão mimosa estrela
No Céu ontem vi,
Que minh'alma ao vê-la
Pensou logo em ti.

Pensou em ti, santo!
Vendo-a assim brilhar...
Parecia o encanto
De teu doce olhar.

De teu olhar puro,
Meu celeste amor!
Onde o meu futuro
Vai boiando a flor.

⁶⁹ Refere-se a Henrique Castriciano de Souza (1874-1947), irmão de Auta. Na juventude, foram companheiros de ofício poético, e Auta, uma assídua frequentadora de sua biblioteca (CASCUDO, 2008, p. 61-62). Após a morte de Auta, foi esse irmão que organizou e publicou a 2ª edição de *Horto*, em 1910, inserindo alguns poemas retirados de *Dálias* e de publicações na imprensa, além de dois inéditos, escritos dias antes de a poeta falecer (CASCUDO, 2008, p. 134).

Vai boiando à toa
Sem querer parar,
Qual pena que voa,
Suspensa no Ar.

Suspensa voando
Como um Querubim
Que passa cantando
Pelo Azul sem fim.

Pelo Azul se esconda
Quem deseja amar,
Qual nuvem ou onda
No Céu ou no Mar.

No Céu anoitece
Ninguém vê o Sol...
Mas que importa? A Prece
É um rouxinol.

Rouxinol que chora
Mas sempre a cantar:
Quando nasce a Aurora
Também canta o Luar.

Também canta amores
Um'alma sem luz...
(Nunca viste flores
Aos pés de uma Cruz?)

Aos pés de Maria,
Como é bom rezar!
Que casta ambrosia
Se espalha no Altar!

Se espalha no lábio
Sem gosto de fel
O doce ressábio
De um favo de mel.

De um favo tão doce
Como o teu olhar,
Pois nele encarnou-se
Mimosa a brilhar...

Mimosa e tão clara
A estrela que eu vi!
A luz que me aclara,
Quando penso em ti.

POBRE FLOR!

Deu-ma um dia uma antiga companheira
Do meu tempo feliz de adolescente,
E os meus lábios roçaram docemente
Pelas folhas da nívea feiticeira.

Como se afaga uma ilusão primeira,
Um sonho estremecido e resplendente,
Eu beijei-lhe a corola rescendente
Inda mais do que a flor da laranjeira.

Como eu amava-lhe o sedoso brilho!
Tinha-lhe quase essa afeição sagrada
Da jovem mãe ao seu primeiro filho.

Dei-lhe no seio uma pousada franca...
Mas, ai! depressa ela murchou, coitada!
Doce e mísera flor cheirosa e branca!

UM SONHO.

Tudo era calmo... Junto, ao pé do altar
Meu coração rezava docemente
E um círio branco triste a soluçar
Dizia à flor num murmurar dolente:

“Vê minha irmã, aqui na solidão
Dorme Jesus, sozinho, abandonado...
Não sente palpitar um coração
Que lhe traga um sorriso abençoado.

Ele diz: vinde a mim vós que chorais
E o vosso pranto mudarei em flores,
Eu quero recolher os vossos ais
No cofre onde descansam minhas dores.

Fala Jesus e o mundo não responde...
O homem ri-se nos salões ruidosos,
E aqui dorida nossa voz esconde
A mágoa funda dos que vão chorosos.”

Calou-se o círio e a rosa entristecida
Entreabrindo o cálice perfumado
Murmurou numa prece indefinida
De mãe que pede pelo filho amado:

“Quero o meu leito aqui perto ao Sacrário
Minha tumba nos braços dessa Cruz;
É tão doce subir para o Calvário
Beijando a terra onde pisou Jesus!

E depois?... Quando a luz te consumir
Cairão minhas folhas ressequidas,
Outros círios e rosas hão de vir
Redizer nossas queixas doloridas.”

Assim falou a rosa e desfolhada
Tombou chorando sobre a pedra fria;
Da pobre vela reduzida ao nada
Lágrimas apenas no altar se via.

.....⁷⁰

Eu acordei... Uma tristeza infinda
Lembrou do sonho a imaginária dor,
E do meu leito eu escutava ainda
Gemer o círio e soluçar a flor.

1893

⁷⁰ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

MEU PAI.^{71 e 72}

Desce meu pai, a noute baixou mansa,
Nem uma nuvem se vê mais no Céu,
Aninharam-se aqui no peito meu
Onde chorando a negra dor descansa.

Quando morreste eu era bem criança,
Balbuciava sim o nome teu,
Mas deste rosto santo que morreu
Já não conservo a mínima lembrança.

A noite é clara... e eu aqui sentada
Tenho medo da Lua embalsamada
Vara-me o frio a alma comovida.

Se lá no Céu também se sofre assim
Ó vem sentar-te aqui perto de mim
Tua benção, meu pai, me dará vida!

1893

⁷¹ Auta tem dois poemas com esse título. Um foi publicado na 1ª edição de *Horto*, e este foi publicado somente na 2ª edição do livro, então organizado por Henrique Castriciano de Souza (1874-1947), seu irmão.

⁷² Eloy Castriciano de Souza (1842-1881), pai da poeta, faleceu tuberculoso quando ela ainda não completara 5 anos. Auta já havia perdido a mãe, dois anos antes, e vivia com seus irmãos e os avós maternos num Arraial no Recife (CASCUDO, 2008, p. 52-53).

A TI...⁷³

Imagem santa que entrevejo em sonho
Sempre, sempre a cantar.
Criatura inocente, anjo risonho,
Que me ensinaste a amar;

Meu doce amor! Calhandra maviosa
Que canta dentro em mim...
Minha esperança tímida e formosa,
Meu sonho de marfim!

Amaranto do Céu, flor encantada,
Mimoso colibri;
Minha açucena pálida e magoada,
Meu níveo bogari...

Gota de orvalho a tremular num lírio
Que inda começa a abrir...
Ó tu que apagas meu cruel martírio
E que me fazes rir;

⁷³ Em *Horto* este poema foi intitulado *À Eugênia*. Trata-se de Eugênia Bandeira de Albuquerque Mello, uma grande amiga de colégio de Auta. A ela dedicou alguns poemas.

Madressilva entreaberta, lira de ouro,
Celeste beija-flor;
Minha camélia, meu sorriso louro,
Amor de meu amor;

Guarda estes cantos que só dizem mágoa
E tristezas sem fim...
Deixa-os no seio como a gota d'água
No cálix de um jasmim.

28
A ti...

Imagem santa que entrevejo em sonho
Sempre, sempre a cantar.
Criatura inocente, anjo risinho,
Sue-me enenaste a amar;

Meu doce amor! Calhandra maviosa
Sue canta dentro em mim...
Minha esperança tímida e formosa,
Meu sonho de marfim!

Amarantho de Cés, flor encantada,
Mimosa colibri;
Minha asneira pallida e magoada,
Meu nívco bogary...

Gotta de orvalho a tremular no um lyrio

Figura 4 – Poema *A ti* (Manuscrito, p. 77-78)

Que inda começa a abrir...
 O' tu que apagas meu cruel martyrio
 E que me fazes rir;

Madresilva entreaberta, lysa de ouro,
 Celeste beija-flor;
 Minha camelia, meu sorriso louro,
 Amor de meu amor;

Guarda estes cantos que se dizem magna
 E histórias sem fim...
 Vêsa-os no seio como a gotta d'agua
 No calice de um jasmin.

RECUERDO^{74 e 75}

(A Chiquinha Pinheiro)⁷⁶

Findava o mês de Maio envolto em preces
O doce mês das orações formosas...
Iam com ele as encantadas messes
Dos perfumes, dos sonhos e das rosas.

Era muito à tardinha, o Sol poente
Em berço de ouro adormecia além...
Os pássaros trinavam docemente,
Passava a brisa a chilrear também.⁷⁷

⁷⁴ Conforme Cascudo (2008, p. 169), “Auta escreveu 14 versos mas só publicou [em *Hor-tó*] os 3 primeiros. Ao fim da terceira quadra, em 1899 (os versos são possivelmente de 1895), a letra fina e firme da poetisa riscou um definitivo fim, anulando as onze quadras restantes [...]”.

⁷⁵ No manuscrito há diversas palavras riscadas com alterações escritas acima, em tinta clara ou a lápis. Optamos por reproduzir o texto original informando as alterações em notas.

⁷⁶ Tratava-se de uma amiga de Macaíba que costumava acompanhar a poeta em algumas de suas viagens em busca de melhores climas nas crises de tuberculose (CASCUDO, 2008, p. 169). Essa dedicatória está escrita a lápis ou com tinta mais clara.

⁷⁷ Estrofe modificada: Era muito à tardinha, as aves mansas / Voavam todas em formosos pares / Como se fossem virginais crianças / Que andassem rindo a percorrer os ares!

Eu murmurava ao ver assim voando⁷⁸
Aquelas aves para os brandos ninhos:
“Ah! Quem me dera só andar cantando
Sempre criança como os passarinhos!”

Fim⁷⁹

E enquanto estava neste ledó encanto
A contemplar a noute que descia,
Enquanto preso de um delírio santo
Todo o meu ser chorava e estremecia;

Vi que chegavas para mim, criança,
Tendo nos olhos um lampejo doce,
E me dizias numa voz tão mansa
Como se o eco de um suspiro fosse:

“Em que tu pensas, meu amor do Céu!
Que mágoa funda no teu seio existe?
O mundo inteiro vendo o pesar teu
Se envolve em sombra e vai ficando triste

Em que tu cismas? Vês? Até as flores
Pedem ao Céu que lhes conceda o orvalho
Para sentir as tuas grandes dores
E vão chorando a tremular no galho.

⁷⁸ Texto modificado: E eu murmurava ao ver assim voando.

⁷⁹ Após as três primeiras estrofes encontramos a palavra ‘Fim’, a lápis ou em tinta clara, e as demais estão riscadas com largos traços perpendiculares tanto para a direita quanto para a esquerda.

Não penses na tristeza... As tardes belas
Levam no seio todos os abrolhos...
Ergue a cabeça e deixa que as estrelas
Venham brilhar na noute de teus olhos.

O que vale na vida um sonho amado!
O que vale na terra uma ilusão!
Sonha querida, e que este sonho alado
Erga nas asas o teu coração...”

E te calaste. Ao longe se extinguia
Do Sol poente o derradeiro raio.
Meu Deus! como era triste esta agonia,
O último adeus do desolado Maio!

E eu vi descer pelo teu rosto ardente
Convulso o choro em copioso fio...
E tive pena deste olhar dolente
Banhado em pranto a tiritar de frio...

Lírio Celeste! O pranto de tu'alma
Foi para mim um raio de Esperança.
De minhas mágoas na tristeza calma
Ele semelha um arco de aliança.

Deixa cair o teu olhar bendito
Sobre minh'alma como um pálio⁸⁰ aberto...
Que importa a Dor? Meu coração aflito
Vê nos teus olhos um futuro certo.

⁸⁰ Manto.

E quando um dia eu me ausentar da terra
Quero-te junto a mim triste a chorar...
A agonia da Morte não me aterra
Se eu vir o Céu na luz de teu olhar.

Recuerdo

(4 Chiquindia Pinheiro)

Fundava o mez de Maio envolto em flocos
 O doce mez das graças formosas ...
 Tão com elle as encantadas mezes
 Nos perfumes, dos serlios e das rosas.

Era muito a tardinha, a ^{aves manias} ~~sol~~ ^{fronte}
~~voar por todas com formosos pares~~
~~em beco de ouro adormecia além...~~
~~Como se fossem virgins e crianças~~
~~de passarem finarai docemente,~~
~~que andassem vindo a percorrer os ares!~~
~~passar a buca a chitar também.~~

Eu murmurava ao ver assim vando
 Aquellas aves para os brandos ninhos:
 « Ah! quem me dera só andar cantando
 Sempre criança como os passarinhos! »

Fim

Comquanto estava n'este lido encanto

Figura 5 – Poema Recuerdo (Manuscrito, p. 79-82)

A contemplar a noite que descia,
 Enquanto preso de um delírio santo
 Todo o meu ser chorava e estremava;

Vi que chegavas para mim, criança,
 Vendo nos olhos um lampejo doce,
 E me dizias a' uma voz tão mansa
 Como se o echo de um suspiro fosse:

« Em que te pensas, meu amor do Céu!
 Que magua funda no teu seio existe?
 O mundo inteiro vendo o pesar teu
 Se envolve em sombra e vai ficando triste»

Em que tu seismas? Vês? Até as flores
 Pedem ao Céu que lhes conceda o orvalho
 Para sentir as tuas grandes dores
 E vão chorando a tremular no galho.

Não penses na tristeza ... As tardes bellas
 Levão no seio todos os abrothos ...

Ergue a cabeça e deixa que as estrellas
 Venhão brilhar na route de teus olhos.

O que vale na vida um sonho amado!

O que vale na terra uma illusão!

Sonha querida, e que este sonho abado

Erga nas azas o teu coração ... »

E te cabaste. Ao longe se estinguia

No Sol poente o derradeiro raio.

Heu Deus! como era triste esta agonia,

O ultimo adeus do desolado Maio!

E eu vi descer pelo teu rosto ardente

Convulso o choro em torções fio...

E tive pena d'este olhar dolente

Banhado em pranto a teritar de frio...

Syrio Celeste! O pranto de tu' alma
 Foi para mim um raio de Esperança.
 De minhas maguas na tristeza calma
 Elle semelha um arco de alliança.

Veia cahir o teu olhar bendito
 Sobre minha' alma como um pallio aberto...
 Sue importa a Dor? Meu coração afflicto
 Vê nos teus olhos um futuro certo.

É quando um dia eu me ausentar da terra
 Quero-te junto a mim triste a chorar...
 A agonia da morte não me aterra
 Se eu vir o Céu na luz de teu olhar.

MINHA MÃE.⁸¹

Quantos anos já fazem que morreste,
Ó minha santa mãe estremecida!⁸²
À derradeira e sepulcral guarida
Quantos anos já fazem que desceste!

Bem cedo quis roubar-te a nosso afeto
A mão tremente da impiedosa sorte,
No entanto eu não creio em tua morte
Anjo celeste, meu amor dileto!

Às vezes qual um'asa negra, escura,
Foge de mim a sombra da Amargura
Mas os meus sonhos de prazer etéreo...

Já não tendo em teu seio um doce abrigo,
Vão fenecer ao pé de teu jazigo
Na fria solidão de um cemitério!

1893

⁸¹ A mãe de Auta faleceu antes de a poeta completar 3 anos. Apesar da imensa gratidão à sua amada Dindinha, dedicada e amorosa avó materna que criou a ela e aos quatro irmãos, para Cascudo (2008, p. 165), “a grande figura humana para ela é a mãe, a mãe embalando o filho, afeição sagrada, ‘doce esperança do meu viver’”.

⁸² Uma das acepções de ‘estremecida’ é ‘muito amada’.

FLORES.

(A Leopoldina e Rosa de V. Monteiro)

Quando começa a raiar
O dia cheio de amor,
Eu gosto de contemplar
O coração de uma flor

Desmaiada e tremulante,
Pendendo triste do galho
Tendo o pistilo brilhante
Embalsamado de orvalho:

A rosa só me parece
Assim tão casta e sem véu,
Um anjo pedindo prece,
Um'alma voando ao Céu.

Do jasmim puro e mimoso
A corola embranquecida
É como o seio formoso
De uma criança adormida.

Eu levo inúmeras horas
A contemplar estas flores,
As violetas, auroras,
Saudades, lindos amores.

Pois como as florinhas belas
Que se embalam docemente,
Assim pura como elas
Vive minh'alma contente.

EXTINTO.

Não me perguntes se te amei nem quanto
Meus pobres olhos hão por ti chorado...
Ai! não queiras saber se foste amado
Entre sorrisos, se da dor no pranto.

Não queiras não. Eu te adorava tanto,
Que o meu amor em tempo já passado
Maior era que o mundo e tão sagrado
Como as ondas do Mar sereno e santo.

Hoje não te amo mais. Quero desfeito
Todo um passado que me trouxe ao peito
Dores eternas, lágrimas sem fim...

Quanto chorei por ti! Às vezes penso
Que além no Azul talvez o Céu imenso
Em noites sem luar não chore assim!

AO MEU BOM ANJO

Dizem que a vida não é mais que um sonho,
Meu Deus, quero sonhar!
Empresta-me, anjo bom, as tuas asas,
Guarda no seio a minha fronte em brasas,
Ensina-me a voar!

Vamos... vamos... assim... fuge comigo!
Procuremos além um doce abrigo
Na pátria dos arcanjos...
A vida é sonho e como um sonho passa:
Pois bem! vamos viver no Céu da graça,
Meu Deus, como dous anjos!

Vamos fugir do mundo tenebroso
Labirinto de dores...
Mensageiro divino vem comigo,
Quero sonhar, viver, rezar contigo
No Éden só há flores!

Minh'alma – casta rola abandonada –
Desfalece sozinha pela estrada
Não pode mais voar...
Empresta-lhe, anjo bom, as tuas asas:
Sinto estalar-me o coração em brasas,
Cansado de chorar.

Assim voando pelo espaço em fora
E vendo a meu lado a toda a hora,⁸³
Quero – fugindo deste mundo agreste
Unida ao seio teu,
Embalada por ti, anjo celeste, –
Buscar meu ninho pelo azul do Céu!

94

⁸³ O verso apresenta inserção do pronome 'te' em tinta mais clara ou a lápis. Texto modificado: E vendo-te a meu lado a toda a hora.

NUNCA MAIS.⁸⁴

..... *Il n'est plus dans mon coeur
Une fibre qui n'ait résonné sa Douleur.*

LAMARTINE – *Harmonies*.⁸⁵

Que é feito de meu sonho, um sonho puro,
Feito de rosa e feito de alabastro,
Quimera que brilhava como um astro
Pela noute sem fim do meu futuro!

Que é feito de meu sonho, o cofre aberto
Que recebia as pérolas de meu pranto;
Gotas de orvalho, folhas de amaranto,
Perdidas na soidão⁸⁶ do meu deserto!?

Ele passou como uma nuvem passa
Roçando o Azul em flor do firmamento...
Tudo se foi e apenas o tormento
Sobre minh'alma triste inda esvoaça.

⁸⁴ Poema musicado pelo norte-rio-grandense Heronides de França (1860-1926), considerado “um dos mais completos compositores modinheiros do RN” (GALVÃO, 2001, p. 20). Compõe o cancionero tradicional de Auta de Souza (GOMES, 2013).

⁸⁵ Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869) foi um escritor, poeta e político francês. Verso do Poema *Hymne à la douleur*, da obra *Harmonies poétiques et religieuses*, publicada em 1830.

⁸⁶ Grafia arcaica de *solidão*.

Meu casto sonho! Lá se foi cantando
Talvez em busca de uma pátria nova...
Deixou-me o coração como uma cova
E dentro dele o meu amor chorando.

Nunca mais voltará. O que lhe importa
Esta morada lúgubre e sombria?!
Não pode agasalhar uma alegria
Minh'alma, pobre morta!

ESTRADA AFORA...

Ela passou por mim toda de preto
Pela mão conduzindo uma criança...
E eu cuidei ver ali uma Esperança
E uma Saudade em pálido ducto.

Pois quando a perda de um sagrado afeto
De lastimar esta mulher não cansa,
Numa alegria descuidosa e mansa,
Passa a criança, o beija-flor inquieto.

Também na Vida: o gozo e a desventura,
Caminham sempre unidos, de mãos dadas,
E o berço às vezes leva a sepultura...

No Coração, um horto de martírios!
Brotam sem fim as ilusões douradas,
Como nas campas desabrocham lírios.

PELO PASSADO.

(A M^a... E Souto)⁸⁷

Era um dia de Maio... Encheu-se o Templo
De grande multidão:
Mas só rezavam aqueles que queriam
A paz do coração.

Eu era deste número; ajoelhei-me,
Fiz o sinal da Cruz...
Estava muito triste e desejava
Conversar com Jesus.

Ao pé de seu santo Tabernáculo
Comecei a chorar...
Lembrava-me da infância que fugira
Para nunca voltar.

E repassei na mente atribulada,
Assim nessa atitude,
Os sonhos líricos e perfumosos
De minha juventude.

⁸⁷ Consta no manuscrito uma dedicatória em tinta muito clara que impediu a identificação precisa do nome.

Porém se o triste lábio murmurava
Sentidas orações,
Eu ouvia o soluço angustiado
De minhas ilusões.

De minhas ilusões que se partiam,
Dolentes e chorosas,
Como os anjos voando deste mundo
Às plagas luminosas.

E enquanto assim aos pés do Redentor
Choviam meus lamentos...
Já no Templo de todo se extinguia
A luz dos círios bentos.

1894

VERSOS LIGEIROS

(A uma moça)

Eu acho tão feiticeira
A Lourencinha da esquina
Com o seu recato de freira
Muito morena e franzina;

Que fico toda encantada
Quando na Igreja a contemplo,
Pois cuido ver uma fada
Ajoelhada no Templo.

Doce nuvem cor-de-rosa
Parece que a Deus se eleva.
Daquela boca mimosa,
Daquele olhar cor de treva.

É sua prece que voa,
Indefinida e tão mansa,
Como um hino que ressoa,
Como uma voz de criança.

A trança de seu cabelo,
(Como ela é negra, Jesus!)
Semelha um lindo novelo
Tão preto que já reluz.

Tem a boquinha vermelha
Como uma rosa entreabrindo...
(É um favo de mel de abelha
Aquela boca sorrindo.)

E a mim o que mais encanta
É o eco de sua voz:
Parece ter na garganta
Um bando de rouxinóis.

Minh'alma nunca se cansa
De vê-la assim tão divina,
Sempre formosa e criança
Com o seu perfil de menina.

Às vezes eu olho-a tanto,
Com tanta veneração,
Que fico muda de espanto,
Depois da contemplação.

É verdade que não faz
Mal nenhum se a fito assim...
Mas, Deus! se eu fosse rapaz
O que diriam de mim?!...

BENDITA.

Bendita sejas, minha Mãe, bendito
Seja o teu seio imaculado e santo
Onde derrama as gotas de seu pranto
Meu dolorido coração aflito.

Ó minha Mãe, ó anjo sacrossanto,
Bendito seja o teu amor, bendito!
Ouve do Céu o amargurado grito
Cheio de dor de quem soluça tanto.

E deixa que repouse em teus joelhos
A minha frente ouvindo os teus conselhos
Longe do mundo, ó sempiterna dita!

Envia lá do Céu no teu sorriso
A morte que levou-te ao Paraíso...
Bendita sejas, minha Mãe, bendita!

POEMETO.⁸⁸

Dadá tinha um filhinho muito louro,
Tão louro como um raio de luar...
Aquele criancinha era o tesouro,
O encanto abençoado de seu lar.⁸⁹

Dadá amava-o tanto que no mundo⁹⁰
Su'alma em cousa alguma achava brilho,
Nada alterava-lhe o amor profundo:⁹¹
Só via o berço onde dormia o filho.⁹²

Quanto cuidado e que afeição tão santa!
A areia onde de dia ele corria⁹³
Se ela pudesse, (ah! se não fosse tanta!)
Mesmo dentro do seio a guardaria.

⁸⁸ Este poema foi publicado na 2ª edição do *Horto*, sob o título *Dadá*. No manuscrito há diversas palavras riscadas com alterações escritas acima, em tinta mais clara ou a lápis. Optamos por reproduzir o texto original informando as alterações em notas.

⁸⁹ Texto modificado: O imaculado encanto de seu lar.

⁹⁰ Texto modificado: Dadá o amava tanto que no mundo.

⁹¹ Texto modificado: Nada alterava aquele amor profundo

⁹² Texto modificado: Só via o berço onde sonhava o filho.

⁹³ Texto modificado: A areia onde brincando ele corria.

Desejava que a terra fosse um ninho
Habitado por ela e os seus amores,
Queria ainda que o formoso anjinho⁹⁴
Só visse o Céu e só pisasse em flores.

Pois se ele era o sorriso de seus olhos
Desde que o esposo para Além se fora!⁹⁵
Se era a luz que surgia entre os abrolhos
De su'alma tristonha e sofredora!...

Sorrindo a mãe dizia olhando a terra
E o casto manto azul de lá do Céu:
“Sois muito lindo, mas nenhum encerra
Cousa mais linda do que o filho meu.”

E tinha bem razão... O seu Laurinho
– Aquela criatura tão franzina! –
Guardava lírios brancos no rostinho
E uma rosa na boca pequenina.

Não consentia que ele um só minuto
Do regaço materno se afastasse⁹⁶
– Era um contraste o seu pesado luto
N'alvura virginal daquela face! –

E se, às vezes, a gárrula criança
Disparava a correr jardim afora,
Dadá pensava que sua esperança
Ia fugindo ou que morria a aurora...

⁹⁴ Texto modificado: Queria mais que o buliçoso anjinho.

⁹⁵ Texto modificado: Desde que o esposo para o Além se fora!

⁹⁶ Texto modificado: Dos cuidados maternos se afastasse.

Então cismava cheia de receio
Como se o seu filhinho mais não visse;
E, se o alcançava, comprimia-o ao seio
Temerosa que ainda lhe fugisse.

Se ele morresse o que seria dela:
– Dadá cuidava às vezes tristemente –
Se essa criança era como a estrela
Que guiava os reis Magos no Oriente?

Ficaria sozinha, pobre mãe!
Chorando o louro anjinho estremecido?
Oh! não! mil vezes não! Ela também
Iria atrás do filho tão querido.⁹⁷



E entre esperanças e temores francos
Lauro crescia cada vez mais lindo;
Quando sorria os seus dentinhos brancos⁹⁸
Lembravam à gente um bogari⁹⁹ abrindo.



⁹⁷ No manuscrito essa estrofe está circundada a lápis.

⁹⁸ Texto modificado: Quando falava os seus dentinhos brancos.

⁹⁹ Flor branca muito perfumada do arbusto do mesmo nome.

Um dia ao acordar Lauro queixou-se
De que o corpinho todo lhe doía...
A mãe cercou-o de um carinho doce,
O seu filhinho de que sofreria?

E ele chorava que fazia pena
Naquela alegre e límpida manhã
Pálida a face como uma açucena
E o róseo lábio a murmurar: mamá!

Dadá beijava aquela mão querida,
Os pés e o rosto e todo o corpo e a boca...¹⁰⁰
Queria ver se lhe incutia a vida
Naqueles beijos que lhe dava, louca!

O triste pobrezinho soluçava
Entre as carícias do materno afago,
E em seus olhos a morte esvoaçava
Como uma pomba à tona azul de um lago.¹⁰¹

E antes do Sol pender para o horizonte¹⁰²
O Querubim cessava de existir...
E alguém ainda lhe osculava a fronte:
Era Dadá a soluçar e a rir.

Estava louca. D'ora em diante a vida
Que lhe traria ao ninho seu deserto?
Lauro morrerá... branca flor pendida
Tombara murcha num esquite aberto!

¹⁰⁰ Texto modificado: Os pés e o rosto e o peito nu e a boca...

¹⁰¹ Texto modificado: Bem como uma corvo a tona azul de um lago (conforme o original).

¹⁰² Texto modificado: E antes do Sol pender sobre o horizonte.

Ela bem vira quando carregaram
O meigo arcanjo dentro de um caixão...
Almas cruéis! Do seio lho arrancaram
E com ele também seu coração.



Há muitos anos que isto sucedeu
E, entretanto, o que da morte a salva,
É que Dadá quando contempla o Céu
Diz que seu filho está na estrela d'Alva.

JESUS.

(A Emília Maria Alves Guerra)¹⁰³

Eu vos adoro, ó Salvador bendito,
Expirando no cimo do Calvário
Sobre a Cruz, negro leito mortuário
Que vos dera um povo ruim, maldito!

Parece que vos vejo soluçante
Lutando com as dores da agonia,
Ao passo que no auge da alegria
Gritava aquela turba delirante:

“És filho de Deus? desce e nós creremos,
Salva-te: só assim abraçaremos
essa estranha doutrina que pregaste”

Ouçõ então que exclamais amargurado
Dos braços desta Cruz, trono sagrado,
“Meu Pai, meu Pai, por que me abandonaste!”

1895

¹⁰³ Essa dedicatória está riscada no manuscrito.

A...

Tu fizeste de meu peito,
Ó meu anjo, ó meu amor!
Um ninho vasto e desfeito,
Um santuário de dor.

Desfolhaste a santa criança
Que eu tinha no coração
Envolveste em treva imensa
A minha doce ilusão.

Meu peito é hoje deserto
Qual uma cela de monge,
Vivendo de ti tão perto
Parece que está bem longe.

E tu deixaste isolado
Meu seio nu de esperanças,
Como um ninho abandonado,
Uma casa sem crianças.

Por isso quero voar
Além, muito além, além...
Pra ver se acho um lugar
Onde não veja ninguém

Talvez então eu chorasse
Vivendo longe de ti,
Mas que tinha se encontrasse
A paz que fugiu-me aqui?

Vou sepultar dentro d'alma
A história do meu amor;
Quero só viver em calma,
Embalando minha dor.

Mais vale um peito magoado,
Chorando sofrer a sós,
Que ver o ente adorado
Passar zombando de nós.

À MEMÓRIA DE UMA AVE.

Quando morre uma criança
Se diz que o pálido anjinho,
Voou como uma esperança,
Foi para o Céu direitinho.

Mas nossa mente se cansa
A voar de ninho em ninho
Interrogando a lembrança
Quando morre um passarinho.

Só eu se alguém diz que a vida
De uma avezinha querida
Se extingue como um clarão:

Ponho-me a rir pois, divina,
Ouço cantar em surdina
Tu'alma em meu coração.

NA JUDEIA¹⁰⁴

(Imitando a *Transfiguração* de G. Crespo)¹⁰⁵

Tinha Jesus no olhar o azul doce dos mares
E no cabelo louro os raios estelares.

No seu sorriso em flor alguma cousa havia
Dos beijos virginais dos lábios de Maria.

Seu passo era tão leve e sua voz tão mansa
Como deve ser leve um sonho de criança.

Ele vinha do Céu dizer ao mundo inteiro:
“Eu sou filho de Deus, Messias verdadeiro.”

O povo soluçava ouvindo a voz dolente
Do pálido Jesus, tão doce e paciente!

E Maria também, lembrando a profecia
Do velho Simeão, da espada da agonia;

¹⁰⁴ Área montanhosa da região sul de Israel. Foi província do Império Romano e muito disputada por vários povos.

¹⁰⁵ Antonio Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883), jurista e escritor fluminense, autor do poema *Transfiguração*, que consta da obra *Miniaturas*, de 1871.

Soluçava de dor fitando os olhos castos
No rosto de seu filho, em seus cabelos bastos.

Mas Jesus a sorrir falava à turba imensa,
Silenciosa a escutar de sua voz suspensa;

E a palavra de luz em seus lábios descia,
Como o pranto de dor nos olhos de Maria.

VISITA A UM TÚMULO¹⁰⁶

(À minha boa tia M^a Concordia de Souza)¹⁰⁷
(1893)

Quando fui ver o pálido jazigo
Onde dormem os restos de meus pais,
O dia começava a entristecer-se,
Já murchavam as flores divinais...
E a brisa que soprava leve e fria
Anunciava a noute que descia.

Senti apoderar-se de minh'alma
Uma mágoa profunda e dolorosa,
Havia alguma coisa de solene
Naquela atmosfera vaporosa...
E eu senti que a vida me fugia
Na luz etereal que além morria.

¹⁰⁶ Segundo Cascudo (2008, p. 123), Auta referia-se ao “túmulo da Matriz [de Macaíba] onde estavam os ossos de seus pais”. Auta não levou o poema para o *Horto*, e foi Cascudo que o publicou em caráter inédito na biografia que escreveu sobre ela em 1961, mas não na íntegra, suprimindo as duas primeiras e as três últimas estrofes (SOUZA, 2009, p. 256-257). Décadas depois, os restos mortais da poeta foram trasladados do cemitério do Alecrim, em Natal, para o jazigo da família, na Matriz de Macaíba. Na visita ao túmulo dos pais que a levou ao poema, Auta “jamais pensaria estar descrevendo e olhando seu próprio sepulcro”, escreve Cascudo (2008, p. 124).

¹⁰⁷ Tia paterna (CASCUDO, 2008, p. 123).

Quando cheguei ao pé da Igreja entrei
Pela porta que então mostrou-me abrigo,
O Sol embalado em leito de ouro
Parecia chorar também comigo...
E descia e descia pra o poente
Olhando as tristes brumas do Oriente.

Ajoelhei-me então perto da lousa,
Nela pousei os lábios convulsivos...
Ai! a doce friez daquela campa
Em mim achava ecos expressivos...
Era tão fria em sua santa calma
Que me gelou todas as fibras d'alma.

E rezei pelas duas vidas justas
Que ali dormiam o sono derradeiro:
Minha mãe! um'alma cristalina!
Meu pai! um astro que passou ligeiro!
E chorei porque veio-me a lembrança
Dos beijos que me deram em criança.

Ah! se eu pudesse recostar ainda
No seio maternal a minha fronte
E rever através de seus olhos ternos
A aurora de um rútilo horizonte...
Eu seria feliz como em pequena
Quando esta vida me sorria amena.

Com os olhos molhados da saudade
Que me partia o coração de dor,
Foi que deixei o derradeiro ninho
De quem na vida só me teve amor.
Lá no Céu já sorriam peregrinas
As primeiras estrelas vespertinas.

E pus-me a caminhar entristecida,
Enquanto as auras num chorar aflito,
Vinham de longe, das cerúleas¹⁰⁸ plagas,
Da solidão imensa do Infinito
Trazer-me – como os astros soluçavam! –
A saudade dos mortos que choravam.

¹⁰⁸ Da cor do céu, azulada.

AO MAR

Ontem à tarde ao pé de ti sentada
Eu pus-me a contemplar-te, ó mar bravio!
Pensava que acolhida em tuas ondas
Talvez minh'alma não tivesse frio!

Contei-te uma por uma as cruas dores
De minha vida toda de saudade
Quis afogar as minhas mágoas fundas
No leito azul de tua imensidade.

Como seria bom morrer aí,
Moça, inocente, tendo n'alma em flor
Um mundo virgem de sagradas crenças
Todo banhado no ideal do Amor!

Me darias então a sepultura
Nestas espumas, murmurossas, belas,
E a noute, se mirando em tuas águas,
Me cobriria o Céu de mil estrelas.

Ao pé de ti, como um soluço brando,
Sinto fugir-me, pouco a pouco, a vida...
Chorai vagas, por mim! dobrai finados
Bem como os sinos de risonha ermida!

No mausoléu augusto do Oceano
De outros dobres minh'alma não precisa;
Por súplica mortuária só desejo
O soluço do vento que desliza.

Ao menos, eu aí esqueceria
A atroz desilusão que me devora,
Num instante seria satisfeita
Como uma flor ao despontar d'aurora.

Dezembro – 1893

QUADRAS

Arcanjo! este choro teu
Faz reviver meu amor
Como o sereno do Céu
Caindo sobre uma flor.¹⁰⁹

E¹¹⁰ como a flor destinada
A não viver nem um dia,
Bendiz a gota nevada
Que, lá do Céu, Deus envia...

Eu presa do mesmo encanto
Desta tristeza na calma,
Também abençoo o pranto
Que vem do Céu de tu'alma

¹⁰⁹ Essa estrofe está circundada a lápis ou tinta clara.

¹¹⁰ Sobre o 'E' há uma marcação ilegível.

MÁGOAS.¹¹¹

No teu olhar cheio da luz chorosa
Que envolve o Espaço quando a tarde expira,
Boia uma doce mágoa lacrimosa,
Uma saudade indefinida gira...

Quem dera que eu soubesse, flor do Céu!
Por que a tristeza nos teus olhos geme...
Mas... não sabes dizer onde nasceu
A gota branca que em teu cílio treme?¹¹²

Embora afirmes que não tem começo
A dor sem fim que no teu seio existe,
Queres, assim, eu muito bem conheço,
Fazeres crer que já nasceste triste.¹¹³

E falas a sorrir: “Essa dolente
Tristeza amarga que me empana o olhar,
É como a onda que chora eternamente
E jamais pode se afastar do Mar....”

¹¹¹ Abaixo do título há uma anotação a lápis: “A Júlia”, que foi usada como título no *Horto*. No manuscrito há diversas anotações em tinta clara ou a lápis. Optamos por reproduzir o texto original informando as alterações em notas.

¹¹² No manuscrito, a estrofe está circundada. Foi suprimida no *Horto*.

¹¹³ Texto modificado: Fazer-me crer que já nasceste triste.

Mas, se então fito-te a carmínea boca¹¹⁴
E vejo rubro um lábio que sorri,¹¹⁵
Logo me vem uma incerteza louca¹¹⁶
À mente e ao coração, se és tu quem ri.

Pois é tão mansa a chama destes olhos
Envoltos na carícia do sorriso,
Que eu penso que teus cílios são abrolhos,
Abrolhos rodeando um paraíso.

¹¹⁴ Texto modificado: Mas, se te fito a umedecida boca.

¹¹⁵ Texto modificado: E vejo rubro o lábio que sorri.

¹¹⁶ Texto modificado: Logo pergunto num cismar de louca.

HOJE.

Fiz anos hoje... quero ver agora
Se este sofrer que me atormenta tanto,
Me não deixa lembrar a paz, o encanto,
A doce luz de meu viver de outrora.

Tão moça ainda eu não conheço aurora,
Foge-me a vida no correr do pranto...
E, como a nota que despede um canto
Perdida esvai-se pelo Espaço em fora...

Voa minh'alma as plagas do Passado,
Em busca ainda desse ninho amado
Onde risonha descansou sem medo...

Mas, qual! A sorte caprichosa, esguia,
Mata-me sempre no fatal degredo...
Minha ventura só durou um dia!

12-9-94¹¹⁷

¹¹⁷ Aniversário de 18 anos da poeta.

MEU CORAÇÃO.

Meu coração é como a noite escura
Cercada só de dores adormidas,
É como um negro túmulo vazio
Onde repousam esperanças idas.

Meu coração é como a folha murcha
Que o vento frio desligou da flor,
É como um'ave que se vê sozinha,
Sem lar, sem pão, sem vida e sem amor.

Meu coração é como a nota triste
Que se evola dos sinos magoados
Quando da Igreja nas serenas torres
A gemer, a gemer, dobram finados.

Meu coração é como a nuvem negra
Que cobre a terra nas manhãs geladas,
É uma pálida andorinha morta
Num leito frio de ilusões passadas.

1893

A VOLTA DO SERTÃO

É tempo de voltar. O inverno finda
E as avezinhas se mudando estão...
É preciso deixar a terra linda,
As singelas casinhas do sertão.

É forçoso partir, embora ainda
Sinta estalar de dor o coração,
E a alma cheia de saudade infinda
Sozinha chore em triste solidão.

Vamos meu peito não soluces tanto...
Oculta bem o teu sentido pranto,
Não tenhas pena de quem fica aqui.

Olha, amanhã, quando inda fores perto,
Alguém contente sorrirá decerto
E nem sequer se lembrará de ti!

Junho de 93

NO ÁLBUM DE DOLORES

Escuta-me bem, Dolores,
Não queiras meu nome aqui:
Ele não é colibri
Para viver entre flores.

Tu'alma, irmã de Jesus,
Como consente ficar
Sobre a mesa de um altar
Um pobre círio sem luz?

Meu triste nome choroso
Quer uma outra habitação:
Guarda-o no teu coração,
Lírio celeste e formoso!

Rasga esta folha, Dolores,
Não deixes meu nome aí:
Ele não é colibri
Para viver entre flores.

FORÇA DO DESTINO

Minh'alma treme como a mariposa
Que se atira na chama, alucinada...
De cada vez que o meu olhar se poussa
Nos olhos teus, ó criatura amada!

E em vez da sombra onde o olhar repousa
Buscar, fugindo ao fogo que devora,
Minh'alma louca como a mariposa
Se atira mais à chama que a enamora!

MELANCOLIA.

Sinto no peito o coração bater
Com tanta força que me causa medo;
Será a Morte, meu Deus? Mas é tão cedo
Deixai-me inda viver.

Tudo sorri por este campo em flor,
– O Amor e a Luz vão pelo Céu boiando –
Só eu vagueio a suspirar chorando
Sem Luz e sem Amor.

Lutando sempre com uma dor cruel,
Cheia de tédio e desespero às vezes;
Minh'alma já tragou até as fezes
O cálice de fel.

.....¹¹⁸

E o coração no seio a palpitar,
Numa agonia de quem não tem crença
Pulsa com a força indefinida, imensa,
Dos vagalhões no Mar.

¹¹⁸ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

PELOS POBREZINHOS.

(1893)

Ó mães celestiais, puras, formosas,
Pombas sem fel, virgíneos corações!
Ouvi o grito forte e soluçante
Que dos plainos azuis, qual astro errante,
Vem despertar divinas comoções.

É o extremo soluço de Maria,
O grito agudo de Jesus pequeno,
Eles imploram a compaixão dos crentes
Para estes pobres, pequeninos entes,
Para as crianças de sorriso ameno.

Abri o peito aos puros sentimentos,
Almas de luz, ó criaturas mansas,
Beijai as ternas frentes cor-de-rosa
E enxugai a lágrima perfumosa
Que pela face rola das crianças.

Ouvi, ó Mães, o choro angustiado
Da criancinha que vos vem pedir,
Em nome do filhinho, casto, amado,
O louro anjinho, branco, imaculado,
Que em vosso seio se agasalha a rir.

E vós, ó virgens, que aprendestes meigas,
Os bons e doces pensamentos são;
Não recuseis a vossa esmola pura
A pequenina e santa criatura
Que vos estende as descarnadas mãos.

E vós também, ó louras criancinhas,
Vós que sonhais as ilusões sem fim.
Vós que do mundo a dor não conheceis
E que sorrindo ainda adormeceis
Em lindos berços, todos de cetim:
Pedi, pedi, por vossas irmãzinhas
As pobres inocentes criancinhas.

A NOIVA.

Ela chegou da Igreja. Vagarosa
Vai ao braço do noivo conversando...
Grave, soa a orquestra acompanhando
Uma dança febril e langorosa.¹¹⁹

E a noiva passa assim, casta e nervosa,
A cabecinha pálida inclinando...
Da capela uma flor vem resvalando
Pela macia fronte perfumosa.

Quer tirá-la e, levando a mão ao rosto,
Sente-se presa de infantil desgosto
E fita sua mãe cheia de amor.

Ah! fora ela que, trêmula, divina,
Beijando-lhe a mãozinha alabastrina¹²⁰
À grinalda lhe atara aquela flor.

Janeiro de 1894

¹¹⁹ Lânguida, sem vigor.

¹²⁰ Relativo ao alabastro, muito branca.

NO CEMITÉRIO.

Não desperteis aqueles que aqui dormem
À sombra do cipreste solitário;
Respeitai a mudez dos que se foram
E descansam no leito mortuário.

Não deveis rir aonde¹²¹ os mortos choram
E as campas são cobertas de saudade...
Nem deveis olhar com indiferença
As pálidas grinaldas da amizade.

Aqui, repousa a virgem descuidosa
Que morreu na vigília do noivado;
Bem perto dorme a loira criancinha
O sono derradeiro e imaculado.

Além, descansa a mãe estremecida
E o filho sobre a campa se debruça...
A dous passos, no túmulo do esposo,
Reza a pobre viúva que soluça.

¹²¹ Conforme o original. De acordo com a norma gramatical mais aceita atualmente, o correto seria 'onde'.

E os finados escutam os gemidos
Dos entes que adoraram sobre a terra,
Eles sabem agonia de um suspiro
A dor profunda que uma mágoa encerra.

Choremos, sim... choremos... Estas lousas
Escondem restos de quem soube amar.
De joelhos oremos sobre os túmulos
Como se reza junto de um altar.

2-11-93.¹²²

¹²² Na tradição cristã, Dia de Finados.

★ ★ ★¹²³

Vem explicar-me uma cousa,
Criança doce e formosa,
Por que ocultas ao ver-me
A tua face mimosa?

E, se te olho por que mudas
A vista depressa assim?
Não te fito com maldade
Anjo, não corras de mim.

Acaso te aborreci
Quero me digas em quê,
E se não, criança louca,
Por que me foges, por quê?

Tu que não temes os maus,
Que desafias os céus,
Será possível que temas
Fitar teus olhos nos meus?

¹²³ Em algumas coletâneas póstumas de Auta o poema é intitulado *Vem explicar-me uma coisa*.

Por que me odeias criança,
Por que me foges, por quê?
Acaso te aborreci?
Dize-me, dize-me em quê.

Dezembro de 94

REMINISCÊNCIA.

Réstia de sol do meu amor desfeito
Vem aclarar o meu viver sombrio;
Meu coração, um've que tem frio,
Pede chorando o ninho de teu peito.

O pobrezinho triste e contrafeito
Voga do pranto no nevado rio...
De suas ilusões o róseo fio
Achou partido, em estilhaços feito.

Como ele treme sem achar abrigo!
A luz procura deste olhar amigo,
Aquece o triste contra o seio teu...

Mas não! Lembrei-me: o teu amor é morto
Não quero mais que tu me dê conforto...
– Eu tenho medo de quem já morreu...

O CORAÇÃO E O BEIJO.¹²⁴

Meu coração chorava e eu lhe dizia:

– Por que choras assim como criança?¹²⁵

E o triste a soluçar me respondia:

Ninguém pode viver sem Esperança.

– Resta-te a Fé. – A Fé? Mas o que é dela¹²⁶

Sem da Esperança as ilusões serenas?

Um Céu à noute sem nenhuma estrela,

Um'alma em flor sem um sorriso apenas...

– Mas tens a Caridade. – A Caridade?

Ah! sim! o vinho que embriaga a dor.

Mas eu não amo... Pois não é verdade

Que a Caridade é o que se chama Amor? –

.....¹²⁷

¹²⁴ No manuscrito há diversas anotações em tinta mais clara ou a lápis. Optou-se por reproduzir o texto original informando as alterações em notas.

¹²⁵ Texto modificado: Por que choras assim, pobre criança?

¹²⁶ Texto modificado: Tu tens a Fé. – A Fé? Mas o que é dela.

¹²⁷ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

Nisto passava uma criança linda,
Botão de lírio, imaculado e santo...
Meu coração que soluçava ainda
Sorriu ao ver o gracioso encanto.¹²⁸

E foi beijar-lhe os pequeninos lábios,
– Pétalas de rosa abrindo de manhã –¹²⁹
Onde adejavam céculos¹³⁰ ressábios¹³¹
Dos beijos de uma mãe ou de uma irmã.

.....

Compreendeu então o desolado,
A linguagem sublime de um arpejo:¹³²
Neste mundo de dores povoado¹³³
A Caridade pode estar num beijo.

¹²⁸ Texto modificado: Sorriu ao ver o melindroso (?) encanto. Não foi possível determinar a palavra que aparece a lápis.

¹²⁹ Texto modificado: – Folhas de rosa abrindo de manhã –.

¹³⁰ O mesmo que cerúleos: que tem a cor azulada do mar ou do céu.

¹³¹ No manuscrito, em tinta, consta ‘adejavão’, forma antiga de ‘adejavam’. A lápis, vê-se um ‘m’ substituindo o ‘o’ final.

¹³² Texto modificado: A linguagem sublime desse arpejo.

¹³³ Texto modificado: Neste mundo de lágrimas povoado.

A MONJA.

Casta e divina, imensamente pura,
Quando ela passa tão modesta e esquiva,
Nos traz à mente a imagem rediviva
De alguma santa na edênica planura.

O mundo inteiro só nos assegura
Que a moça freira se sepulta viva...
– Será porque da vida a glória altiva
Troca por cela pequenina e escura? –

– Não! Quando ela ora e a cabecinha bela
Nos mostra o rosto digno de uma tela
E do pincel angelical de Rubens...

Su'alma branca na de Deus se aninha,
Longe da terra e da paixão mesquinha
O coração da monja é um Céu sem nuvens.

A TRANÇA¹³⁴

(A Eloíra)¹³⁵

A linda trança dourada
Que eu vi Domingo à noitinha,
Guardava a maciez amada
Das penas de uma andorinha.

Parecia uma Esperança
Bordada com fios de ouro...
– Ó doce e mimosa trança,
Meu raio de Sol tão louro! –

Ventura, sonho, alegria,
Tudo se resume ali...
Para tecer serviria
O ninho de um colibri.

Era já noite e no entanto
A loura madeixa olhando,
Cuidei que cheio de encanto
O dia vinha raiando.

¹³⁴ Em *Horto* o poema aparece com o título *Trança loura*.

¹³⁵ Não foi possível determinar com exatidão o nome que aparece na dedicatória: Eloíra, Eloísa ou Elvira.

Deus fê-la numa redoma,
De beijos, de luz, de amor;
E deu-lhe o sagrado aroma
Da madressilva inda em flor.

Ah! sobre aqueles risonhos,
Dourados, macios folhos,
Quem dera embalar meus sonhos,
Quem dera cerrar meus olhos!

PÁGINA AZUL

(A Zulmira Rosa)¹³⁶

No país de minh'alma há um rio sem mágoas,
Um rio cheio de ouro e de tanta harmonia...
Que se cuida escutar no marulhar das águas
Do sussurro de um beijo a doce melodia.

Este rio é o meu sonho, um sonho azul e puro,
Como um canto do Céu, como um braço do Mar;
Loura réstia de Sol a rebrilhar no escuro,
Casta luz que cintila em torno de um altar.

De um altar que pulpita¹³⁷ e que sofre e que sonha,
Soletrando a cantar a linguagem do Amor...
Do altar do coração, a paisagem risonha
Onde nascem sorrindo as ilusões em flor.

Vem beber, meu amor, neste rio que é fonte,
E fonte de Esperança e lago de Quimera...
Vem morar num país que não tem horizonte,
Onde não chora o Inverno e só há Primavera.

¹³⁶ Dedicatória a lápis no manuscrito. Companheira de Auta no Colégio da Estância (CAS-CUDO, 2008, p. 139), no Recife, onde estudou em regime de internato, de 1887 a 1889.

¹³⁷ No manuscrito parece estar escrito 'pulpita'. Nos dicionários foi localizado somente o advérbio 'pulpitamente': do púlpito, à maneira do pregador. Em *Horto* foi publicado 'palpita'.

AO CLARÃO DA LUA.

(A meu irmão Eloy Castriciano)¹³⁸

O lírio

Lá nas alturas, modesta e loura,
Do Céu imenso na face nua...
A lua branca todo o Azul doura...

A nuvem

Ah! se eu pudesse mudar-me em lua!

O perfume

E aquela estrela tão pequenina
Que mal a gente consegue vê-la,
Como cintila, casta e divina!

A lua

Ah! quem me dera ser uma estrela!

A nuvem

O lírio branco cheio de orvalho
Olhando a lua em triste palor,
Formoso e triste treme no galho...

¹³⁸ Irmão mais velho de Auta, Eloy Castriciano de Souza (1873-1959), jornalista, escritor e político. Foi senador da República por três mandatos, entre 1914 e 1937.

A estrela

Ah! quem me dera ser uma flor!

O Céu

Perfume doce boia nos ares...
Virá nas asas de um vagalume?
Será da terra? Será dos mares?

O orvalho

Ah! quem me dera ser o perfume!

O pirilampo

A nuvem mansa no Azul esparsa
Voa depressa como a penugem
Solta das asas de alguma garça...

O lírio

Ah! quem me dera ser como a nuvem!

O Poeta

Terno instrumento suspira ao longe
Numa cadência melodiosa...
Será na cela piedoso monge?

A criança (sonhando)

Ah! quem me dera ser uma rosa!

A noite

O sonho vive dentro em meu seio,
Gárrulo e meigo, doce e risonho,
Cheio de luz e de aurora cheio...

O perfume

Ah! quem me dera ser como o sonho!

A madrugada

Ouvem? As aves já vêm cantando
As estrelinhas tomam seu véu...
É tempo de irmos também chegando...

O coração

Ah! quem me dera subir ao Céu!

REZANDO¹³⁹

Róseo menino
Feito de luz
Lírio divino,
Santo Jesus!

Pobre inocente,
Branco jasmim,
Meu cravo olente
Cor de marfim.

Entre as palhinhas,
Pequeno amor:
Das criancinhas
Tu és a flor.

Cabelo loiro,
Olhos azuis:
És meu tesouro,
Manso Jesus!

¹³⁹ Poema musicado cuja composição é de autoria não identificada. A canção foi também conhecida como *Róseo menino*, “[...] cantada em solenidades religiosas durante as festas natalinas” (GALVÃO, 2001, p. 43). Integra o cancionário tradicional de Auta de Souza (GOMES, 2013).

Estrela pura,
Santo farol...
Flor de candura,
Raio de Sol...

Dá-me a esperança
Num teu olhar...
Loura criança
Me ensina a amar.

Sonho formoso
Cheio de luz,
Jesus piedoso,
Meu bom Jesus;

Como eu te adoro,
Pequeno assim!
Jesus, eu choro
Tem dó de mim.

No doce encanto
De um riso teu,
Jesus tão santo!
Leva-me ao Céu.

Em ti espero
Mostra-me a luz...
Leva-me, eu quero
Tê ver, Jesus!

Noite de Natal¹⁴⁰

¹⁴⁰ “Na noite do Natal de 1896, em Macaíba [...]” (CASCUDO, 2008, p. 163).

Rezando.

Rosas meninos
Feitos de luz.
Serpis divinos,
Santo Jesus!

Pobre innocente,
Branco jasmim,
Men cravo olente
Côr de marfim.

Entre as palhinhas,
Pequeno amor:
Das creancinhas
Eu és a flor.

Figura 6 – Poema Rezando (Manuscrito, p. 148-150)

Cabello loiro,
 Olhos azues:
 És meu thezouro,
 Manso Jesus!

Estrelta pura,
 Santo pharol...
 Flôr de candura,
 Raio de Sol...

Dá-me a esperança
 N'um teu olhar...
 Soura serança
 Me ensina a amar.

Sombra formoso
 Cheio de luz,

Jesus piedoso,
 Meu bom Jesus;

Como eu te adoro,
 Segue-me assim!
 Jesus, eu choro
 Vem do' de mim.

No doce encanto
 De um riso teu,
 Jesus tão santo!
 Leva-me ao Céu.

Em ti espero...
 Mostra-me a luz...
 Leva-me, eu quero
 Beber Jesus!

AGONIA DO CORAÇÃO^{141 e 142}

“Estrelas fulgem da noite em meio
Lembrando círios loiros a arder...
E eu tenho a treva dentro do seio...
Velai-vos astros! eu vou morrer...”¹⁴³

Ao longe cantam. São almas puras
Cantando antes de adormecer...”¹⁴⁴
E o eco triste sobe às alturas...
Moças! não cantem, que eu vou morrer...”¹⁴⁵

As mães embalam o berço amigo
Doce esperança de seu viver...
E eu vou sozinho para o jazigo...
Chorai, crianças! que eu vou morrer...”¹⁴⁶

¹⁴¹ Comenta Cascudo (2008, p. 88) sobre o poema: “Na Vila de Nova Cruz escreve ‘Agonia do coração’, outro poema que se derramou em reproduções manuscritas e na imprensa do norte. Anos depois, o maior violonista da época, Heronides de França (1860-1926), daria solfa de irresistível popularidade pela penetrante beleza melancólica da melodia”. Foi o primeiro poema de Auta a ser musicado, em 1897. Há notícias de que a música teria sido cantada para Auta pelo compositor, o que fez a poeta cair em prantos (GALVÃO, 2001).

¹⁴² No manuscrito há diversas palavras riscadas com alterações escritas acima, em tinta clara ou a lápis. Optamos por reproduzir o texto original informando as alterações em notas.

¹⁴³ Texto modificado: Astros! velai-vos, que eu vou morrer!

¹⁴⁴ Texto modificado: Cantando à hora do adormecer...

¹⁴⁵ Pontuação final modificada de reticências para exclamação.

¹⁴⁶ Pontuação final modificada de reticências para exclamação.

Pássaros tremem no ninho santo
Pedindo a graça do alvorecer...
Enquanto eu parto desfeito em pranto...
Aves! suspirem, que eu vou morrer...¹⁴⁷

De lá do campo cheio de rosas
Vem um perfume de entontecer...
Meu Deus! que mágoas tão dolorosas...
Flores! fechai-vos que eu vou morrer...”¹⁴⁸

¹⁴⁷ Pontuação final modificada de reticências para exclamação.

¹⁴⁸ Inclusão de vírgula após “fechai-vos” e pontuação final modificada de reticências para exclamação.

À LUZ DE TEU OLHAR.¹⁴⁹

Nada me digas, olha-me somente

L. GUIMARÃES JÚNIOR¹⁵⁰

Cheios de treva e luz teus olhos têm a cor
Das noutes sem luar, meu prometido amor!
E eu amo tanto a sombra e o brilho doce e puro
Dos grandes olhos teus, ó luz de meu futuro!
Como adora minh'alma os rútilos clarões
Do bando virginal de suas ilusões.

Não vês? É noute e o Céu nos mostra tanta luz
Que olhando para cima eu cuidei que Jesus
As estrelas formou de lúcidos novelos
Dos raios ideais do sol de seus cabelos...
E assim no teu olhar, tão negro meu jasmim!
Uma estrela se fez do nosso amor sem fim.

Deixa brilhar a estrela, a estrela loura e mansa
Que nos há de guiar à pátria da Esperança.

¹⁴⁹ Em *Horto* o título foi alterado para *Olhos de santa*.

¹⁵⁰ Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior (1847-1898), escritor e diplomata carioca. Verso do poema *Êxtase*.

Olha-me sempre assim...no teu olhar formoso,
Minha noute e meu sol, ó Querubim piedoso!
Eu quero ver à toa, eu quero ver boiar,
Como se fosse um lago o teu mimoso olhar,
Todo um mundo sem fim de sonhos e quimera
Lírios desabrochando ao sol da Primavera.

LÍDIA

(A Ester M. de Albuquerque Mello)

Feliz de quem se vai na tua idade,
Murmura aquele que não crê na vida.
E não pensa sequer na mãe querida
Que te contempla cheia de saudade.

Pobre adorada! Se alegrar quem há de
Com tua sorte, rosa empalecida!
Branca açucena inda em botão caída
O que irás tu fazer na eternidade?

Foges da terra em busca de venturas?
Mas, meu amor, se conseguires tê-las,
Decerto não será nas sepulturas...

Fica entre nós, irmã das andorinhas,
Deus fez do Céu a pátria das estrelas,
Do olhar das mães o Céu das criancinhas.

À JOVITA¹⁵¹

Ó moça trigueira
Dos olhos escuros,
Tão lindos, tão puros,
Qual noite fagueira!

Criança morena,
Teus olhos rasgados
São céus estrelados
Em noute serena!

Que doces encantos
No brilho fulgente,
No brilho dolente
De teus olhos santos!

E eu vivo adorando,
Meu anjo formoso,
O brilho radioso
Que vão derramando;

Em chamas serenas,
Tão negros e puros
Teus olhos escuros,
Ó flor das morenas!

¹⁵¹ No *Horto* o título foi alterado para *Morena*.

OLHANDO O CÉU¹⁵²

I

Meu sonho dourado e leve
Que buscas tu a voar?
– Um ninho branco de neve
Onde me deixem cantar.

.....¹⁵³

E em busca das nuvens belas
Lá vai meu sonho a cantar...
Meu sonho cor das estrelas,
Meu sonho cor do luar.

II

Pergunto ao sonho, chorando,
Por que foges a cantar?
E ele responde, cantando:
Porque não quero chorar.

.....

¹⁵² No *Horto* o título foi alterado para *Cantiga*.

¹⁵³ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

E em busca das nuvens belas
Foi-se meu sonho a cantar...
Meu sonho cor das estrelas,
Meu sonho cor do luar.

NA CAPELINHA

(Lembrança do colégio)¹⁵⁴

Entrou na Igreja sorrindo
Coberta com um fino véu...
O seu rostinho era lindo
Como o da Virgem do Céu.

Foi ajoelhar-se contrita
Ao pé do sagrado altar
E com piedade infinita
Principiou a rezar...

Um doce sorriso veio
Encher-lhe a boca luz...¹⁵⁵
Uniu as mãos sobre o seio,
Fitou os olhos na Cruz...

O que dizia? Alguém pode
Adivinhar o que diz
A prece que ao lábio acode
Enquanto a gente é feliz?

¹⁵⁴ A poeta refere-se ao Colégio São Vicente de Paulo, no Recife, onde estudou de 1887 a 1889, dos 11 aos 13 anos.

¹⁵⁵ O verso apresenta inserção da preposição 'de' a lápis. Texto modificado: Encher-lhe a boca de luz...

Naquela idade pra que
Se reza... (saberei eu?)
A gente reza porque
Também se reza no Céu.

E ela tão meiga e tão pura
Que não conhecia o mal
E que guardava a ventura
No coração virginal...

Na sua fé de criança
Ingênua e cheia de amor,
Talvez pedisse a esperança
Para os que vivem na dor.

Talvez pedisse um sorriso
Para quem vive a chorar,
E a glória do Paraíso
Pra quem não sabe rezar...

E enquanto o lábio querido
Orava piedoso assim...
Do negro olhar comovido
O pranto rolou por fim.

E deslizaram sem calma
As lágrimas por sua tez,
Com o desconsolo de um'alma
Que chora a primeira vez.

Su'alma pura onde moram
A luz, a inocência e o bem,
Pedindo pelos que choram
Foi soluçando também.

E compreendendo o segredo
Daquela santa emoção,
Eu disse baixinho, a medo,
Falando a meu coração:

Benditos nós que sofremos
Varados por mágoa atroz...
Enquanto assim padecemos
Os anjos pedem por nós.

CAMINHO DO SERTÃO.¹⁵⁶

Tão longe a casa! Nem sequer alcanço
Vê-la através da mata. Nos caminhos
A sombra desce e sem achar descanso
Vamos nós dous, meu pobre irmão, sozinhos!

É noite já. Como em feliz remanso
Dormem as aves nos pequenos ninhos
Vamos mais devagar... de manso e manso,
Para não assustar os passarinhos.

Brilham estrelas. Todo o Céu parece
Rezar de joelhos a chorosa prece
Que ensina a Crença ao desespero e [à dor]¹⁵⁷

Ao longe a Lua vem dourando a treva
Turíbulo¹⁵⁸ santo para Deus [eleva]¹⁵⁹
O incenso agreste da jurema em flor.

¹⁵⁶ Cascudo (2008, p. 89) informa que o poema foi “publicado no n. 14 de *A Tribuna* [*A Tribuna do Congresso Litterario: revista quinzenal*], de 25 de dezembro de 1897” e que em *Horto* estaria “a redação definitiva com alterações do soneto divulgado por *A Tribuna*”. O poema foi musicado em três versões melódicas diferentes, cada qual por um compositor: uma pelo paraibano Eduardo Medeiros (1887-1961), outra por Abdon Álvares Trigueiro (1890-?) e uma terceira por Deolindo Lima (1885-1944), os dois últimos do Rio Grande do Norte. As versões de Trigueiro e de Lima participaram de um concurso promovido pelo Governo do Rio Grande do Norte pelo 1º Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Abdon Trigueiro ganhou o primeiro lugar (GALVÃO, 2001). Integra o cancionário tradicional de Áuta de Souza (GOMES, 2013).

¹⁵⁷ Não foi possível identificar com precisão o trecho assinalado.

¹⁵⁸ Vaso suspenso por correntes usado em igrejas para queimar incenso; incensório, incensário.

¹⁵⁹ Não foi possível identificar com precisão a palavra assinalada.

O QUE SÃO ESTRELAS...

(A Mercês Coelho)¹⁶⁰

Ai! quantas vezes eu cismo
À noite olhando as estrelas
Como quem sonda um abismo:
Meus Deus! o que serão elas?

E julgo que são pequenas
Almas gentis de crianças
Voando às plagas serenas
Como um bando de esperanças.

Caçoulas¹⁶¹ brancas,¹⁶² sagradas,
Cheias de amor e de encantos,
Hóstias formosas, nevadas,
Eucaristia dos santos.

Sonhos de moça partidos,
Desilusões de poetas,
Raios de luz desprendidos
Das asas das borboletas...

¹⁶⁰ No manuscrito a dedicatória original está riscada. O nome de Mercês Coelho aparece escrito acima, em tinta clara ou a lápis.

¹⁶¹ Vaso de porcelana ou metal onde se queimam incensos; defumador; também pode ser caçarola.

¹⁶² A palavra 'branca' está escrita a tinta acima da palavra 'doce', que foi riscada.

Doces¹⁶³ lírios transportados
Para uma encantada horta,
Sorrisos tristes, magoados,
De uns lábios de noiva morta.

Rútilos, lindos novelos
Formados da luz amena
Que aureolava os cabelos
Tão louros da Madalena.

Cada estrela, penso, encerra
Uma alma branca de rosa
Que os anjos levam da terra
Para a santa mais formosa.

Deve ser o Azul brilhante
O manto azul de Maria,
E cada estrela um diamante
Que neste manto irradia.

Ou talvez penas dispersas
De um'asa nítida de arcanjo...
Pupilas em luz imersas
Dos olhos castos de um anjo.

Parecem círios divinos
No Azul imenso e sem véu...
Ninhos de ouro, pequeninos,
Dos beija-flores do Céu...

¹⁶³ A palavra 'doces' está escrita a tinta acima da palavra 'brancos', que foi riscada.

.....
E enquanto cismo respondem
Os astros, brancos arminhos:
Nós somos berços que escondem
As almas dos passarinhos...

¹⁶⁴ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

CELESTE

(A uma criança)

Eu fiz do Céu azul minha esperança
E dos astros dourados meu tesouro...
Imagina por que, doce criança,
Nas noites de luar meus sonhos douro.

Imagina por que amo a luz mansa,
A luz que boia sobre um cílio de ouro...
E adoro o Mar sem fim, doce criança,
E tudo o que é azul, tudo o que é louro!

Imagina por que peço na morte
Um esquife todo azul que me transporte
Longe da terra, longe dos escolhos...

Imagina por que... mas, lírio santo!
Não digas a ninguém que eu amo tanto
A cor de teu cabelo e a de teus olhos.

LOLI

(Ao incomparável autor das *Carícias*,
Garcia Redondo)¹⁶⁵

Formosa e pura como um lírio puro
Na sua alvura virginal de neve
Loli no esquife pequenino e leve
Lá vai caminho do sepulcro escuro

Vai vestidinha como a Virgem santa
Mãe de Jesus, o doce Nazareno:
Mortalha branca de um alvor que encanta,
Manto estrelado cor do Azul sereno

Pálida a face faz lembrar tão linda
De um lírio murcho a palidez sem fim...
(Como é bonito amortalhado assim
Um lírio branco desbrochando ainda!)

O caixãozinho tem a cor divina
Do mundo imenso onde Jesus habita.
E o corpo frio da gentil menina
Repousa nele entre jasmims e fita.

¹⁶⁵ Manoel Ferreira Garcia Redondo (1854-1916), engenheiro, jornalista, professor e escritor carioca. Autor do livro *Carícias*, de 1895, que contém um conto intitulado *Loli*. O conto foi anteriormente publicado na revista *A Semana*, ano 5, n. 25, 20 jan. 1894. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/383422/per383422_1894_00025.pdf.

Seu cabelito perfumado e louro
Cobriram todo de cheirosas flores...
Traz-nos à mente sepultado em dores
Um encantado e virginal tesouro

Todos soluçam tristes contemplando
O esquife santo que caminha ali...
Beijos saudosos em formoso bando
Voam chorando a procurar Loli.

Ó criancinha, ó pequenina aurora!
Descerra as folhas, açucena amiga!
Rosa adorada que o tufão desliga
Da haste mimosa, quem te beija agora?

Mas já não ouve o pobre sonho morto...
Tão longe o esquife! ninguém mais o alcança...
Barco celeste vai levando ao porto
O corpo amado desta flor criança.

.....¹⁶⁶

E branca e branca como um lírio puro
Na sua alvura virginal de neve
Loli no esquife pequenino e leve
Lá foi caminho do sepulcro escuro.

¹⁶⁶ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

BOÊMIAS

Quando me vires chorar
Que sou infeliz não creias,
Eu choro porque no Mar
Nem sempre cantam sereias.

Choro porque no Infinito
As estrelas luminosas
Choram o orvalho bendito
Que faz desbrochar as rosas.

Do lábio o consolo santo
É o riso que vem cantando...
O riso do olhar é o pranto:
Meus olhos riem chorando.

O seio branco da aurora
Derrama orvalhos a flux...¹⁶⁷
O círio que brilha, chora:
A dor também fere a luz?

Teus olhos cheios de ardores
Animam rosas nas faces...
Que seria dessas flores
Me dize, se não chorasses?

¹⁶⁷ Flux: o mesmo que fluxo. A flux: em abundância, em grande quantidade.

Sou moça e bem sabes que
A moça não tem martírios...
Se chora muito é porque
Pretende imitar os lírios.

Enquanto eu viver no mundo
Meus olhos hão de chorar...
Ah! como é doce o profundo
Soluço eterno do Mar!

Do lábio o consolo santo
É o riso que vem cantando...
O riso do olhar é o pranto:
Os olhos riem chorando.¹⁶⁸

¹⁶⁸ O artigo 'Os' apresenta uma modificação a lápis para 'Meus': Meus olhos riem chorando.

DOLENTES¹⁶⁹ e 170

Quanta tristeza se encerra
Do mundo no escuro véu!...
Não quero morar na terra,
Me deixem subir ao Céu...

Me deixem subir ao Céu
Nos raios daquela estrela...
Minha mãe quando morreu
Pedi-me que fosse vê-la...

Eu quero subir ao Céu
Me mostra o caminho, estrela!

Não foste tu que guiaste
– Ó astro, lírio sem haste
Que vives chorando além... –
Com tua luz resplendente
Aos santos reis do Oriente
No caminho de Belém?

Pois, eu quero ver Jesus...
Me faz um brilho de luz.

¹⁶⁹ O título está riscado e acima, escrito a lápis, há outro título pouco legível, que aparenta ser *Saudade do Céu*.

¹⁷⁰ Trechos desse poema aparecem em dois poemas de *Horto*: *Aonde vai a lágrima* e *Chorando*.

Ah! que tristeza se encerra
Do mundo no escuro véu...
Não quero viver na terra,
Me deixem voar ao Céu!

Me deixa subir ao Céu
Como uma pena bem leve
Que fosse no seio teu,
Ó nuvem branca de neve!

Eu quero voar ao céu
Como uma pena bem leve¹⁷¹

Na terra se chora tanto
Que se Deus guardasse o pranto
Que o mundo inteiro derrama,
Dos astros lá no Infinito
O choro do pobre aflito
Podia apagar a chama.¹⁷²

Mas todo o pranto que desce
Por nossa face parece
Que Deus o transforma em prece...
E a prece, cheiroso incenso,
Nas asas do vento imenso
Se perde no Azul dos Céus
Buscando o seio de Deus.

Eu quero mudar-me em prece,
Ó auras levai-me aos Céus...¹⁷³

¹⁷¹ Essa estrofe está riscada no manuscrito, havendo abaixo uma frase ilegível.

¹⁷² Esses três últimos versos estão escritos acima dos versos originais, que foram rasurados. A caligrafia, escrita a lápis ou em tinta mais clara, parece diferente do restante da poesia.

¹⁷³ Essa estrofe aparece riscada.

CHORANDO....¹⁷⁴

(À alma santa de minha mãe)

Fazia noite... A tristeza
Tudo envolvia em seu véu...
Soluçava a Natureza,
Caía orvalho do Céu.

E naquela noite assim,
Tão tenebrosa e tão fria
A minha mãe se partia
Para o Céu azul sem fim.

Falou-me a chorar: filhinha,
O vício do mundo aterra...
Reúne tu'alma¹⁷⁵ à minha
Fujamos ambas da terra.

Beijou-me... e qual sonho doce
Sua vida evaporou-se.

.....¹⁷⁶

¹⁷⁴ No manuscrito os versos do poema estão colados em cima de outro texto.

¹⁷⁵ Não foi possível identificar com exatidão a letra inicial do pronome, se 's' ou 't'. Optou-se pela forma 'tua' devido à concordância com o verbo 'reunir'.

¹⁷⁶ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

Ó mãe! por que me deixaste
No mundo sem teu amor!
Sou como o lírio sem haste
Murchando triste inda em flor...

Podias me ter levado
Ao Céu contigo, divina!
Iria em teu seio amado;
Eu era tão pequenina!

Fiquei sozinha e perdida
Ó mãe! no mundo de abrolhos...
Na noite de minha vida
Derrama a luz de teus olhos!

Não tenho medo da morte...
Que deve levar-me a ti,
Ó minha estrela do Norte,
Meu celeste bogari!¹⁷⁷

¹⁷⁷ Abaixo há uma estrofe rasurada, ilegível.

~~Eu quero mudar-me em prece,
O' auras ledi-me aos céus...~~

Chorando....

(A alma santa de minha mãe)

Fazia noite.... A história
Fudo envolvia em seu véo....
Soluçava a Natureza,
Chia orvalho do Céu.

E n'aquella noite assim
Tão tenebrosa e tão fria ?
A minha mãe se frontia
Para o Céu azul sem fim.

Falhou-me a chorar: fútilinha,
O vício do mundo aterra....

Figura 7 – Poema Chorando (Manuscrito, p. 182-184)

Reune tu'alma a minha
 Fajamos ambas da terra.

Beijou-me... e qual sonho doce
 Sua vida evaporou-se.

O' mãe! porque me deixaste
 So mundo sem teu amor!
 Sou como o lysio sem haste
 Murchando triste inda em flor....

Podias me ter levado
 Ao Céo contigo, divina!
 Vria em teu seio amado;
 Eu era tão pequenina!

Fiquei sozinha e perdida
 O' mãe! no mundo de abrolhos....

Na noite de minha vida
 Derrama a luz de teus olhos!

7
 Não tenho medo da morte...
 Sue deve levar-me a ti,
 O' minha estrella do Norte,
 Men celeste bogary!

~~— — — — —~~
~~— — — — — !~~

SIMBÓLICAS.

(A Emília Guerra)¹⁷⁸

Quando Deus criou Além
As estrelas em cardume,
Na Terra criou também
As flores, mas sem perfume.

Um dia ao mundo de abrolhos
A Virgem pura desceu,
Com um manto da cor dos olhos,
E uns olhos da cor do Céu.

No Céu azul de seu manto
Brilhava um astro: Jesus...
E em seu olhar sacrossanto
Boiava a Inocência e a Luz...

“Maria! os anjos clamaram
A chorar, vendo-a partindo...
Tu levas nossa alegria....”
Mas da Terra lhe acenaram
As flores todas abrindo:
 Maria!

¹⁷⁸ A dedicatória aparece escrita em tinta clara ou a lápis.

E Ela deixou do Infinito
Os resplendentes fulgores,
Para acudir ao bendito
Aceno doce das flores

E teve pena de vê-las
Formosas mas sem ter brilho...
Olhou sorrindo as estrelas
Dos cabelos de seu filho.

Fora Ela que as fizera
Com a graça de seu sorriso,
Num dia de primavera,
Na glória do Paraíso.

E seus olhos procuraram
Algum oculto tesouro:
Para as flores que faria?
Quando, do Céu, a chamaram
Os Anjos todos em coro:
“Maria!”

Ia partir... Que lembrança
Podia deixar no campo?
Dera o sorriso à criança,
Estrelas ao pirilampo!

Nos meigos olhos perpassa
Não sei que lampejo doce...
E a Virgem cheia de graça
Do mundo triste evolou-se....

Mas, Ela que dera o encanto
Do riso sagrado à infância,
Da dobra azul de seu manto
Deixou cair a fragrância

Desde este dia na Terra
As flores sabem falar....
A voz da flor é a ambrosia
Que tanta¹⁷⁹ doçura encerra
Quando murmura ao luar:
“Maria!”

¹⁷⁹ Não foi possível identificar com exatidão a letra inicial da palavra, se ‘s’ ou ‘t’. Optou-se pela forma ‘tanta’ por sua adequação ao contexto.

ZIRMA

Foi em Dezembro no mês bendito
No mês de festa que ela partiu...
Desde este tempo do seio aflito
Minh'alma louca também fugiu!

Era tão grande minha agonia¹⁸⁰
Que quase morro de soluçar
Quando beijei-a na face, fria
Como uma concha que sai do Mar!

Corria a noite... (Me lembro tanto!)
Noite de lua, misteriosa...
Choravam astros no etéreo manto...
Meu Deus, que noite silenciosa!

A lua mansa no Céu vogava,
Como um barquinho n'água do rio...
E parecia que murmurava:
“No Céu formoso faz tanto frio!”

¹⁸⁰ Há modificações em tinta clara ou a lápis alterando o texto para: E foi tão grande minha agonia.

No esquife azúleo feito a capricho,
Por entre rosas de alvura tanta!
Deitaram Zirna como no nicho
Se guarda a imagem de alguma Santa.

O rosto branco da cor do gelo
Um doce lírio trazia à mente...
Na noite escura de seu cabelo
Nem um só astro resplandecente!

Ninguém diria que estava morto
O lábio aberto por um sorriso....
Na terra triste: que Desconforto!
Quanta alegria no Paraíso!

Como uma moça, pura e singela,
Que deixa o mundo para ser freira,
Toda de branco tinha a capela
Feita de flores de laranjeira.

Por sob o manto, formoso e leve,
Muito estrelado, de azul cetim,
Das mãos pequenas da cor da neve
Pendia o terço cor de marfim.

Subiu-me aos olhos em doudo assomo
O amargo pranto do coração,
Vendo-a tão linda vestida como
Nossa Senhora da Conceição.

Os olhos negros eram dous círios
Que se extinguiram no pé do altar...
Aqueles olhos, meus dous martírios,
Quem contemplava sem soluçar!

Ó pobre Zirna, nívea açucena,
Camélia branca murchada na haste
Por que fugiste da vida amena,
Por que tão cedo me abandonaste!

Eu precisava de teu carinho
Como de orvalho precisa a flor...
Embalde busco no meu caminho
O amparo doce de teu amor!

Anjo da guarda formoso e santo
Que me escondia nas suas asas,¹⁸¹
Quem é que agora me enxuga o pranto
Cilício eterno na face em brasas

Sem estes olhos que a morte cerra,
Sem o consolo de teu sorriso,
Como é que posso viver na terra,
Ó minha santa do Paraíso!

¹⁸¹ Há modificações em tinta clara ou a lápis alterando o texto para: Que me escondia nas tuas asas.

TUAS MÃOS.¹⁸²

Com estes dedos de fadas
– Tão formosos e pequenos –
As tuas mãos adoradas:
Me causam tantos martírios,
Que eu chamaria dous lírios
Se houvesse lírios morenos!

¹⁸² No *Horto* o poema é intitulado *As mãos de Clarisse*.

SIMPLES¹⁸³

Eu amo minhas lembranças,
Minhas saudades e dores,
Assim como amo as crianças,
Os passarinhos e as flores.

A tudo o que é fraco e triste
Devemos afeto e luz:
Pois nada no mundo existe
Tão grande como uma Cruz.

A criancinha que chora
É como o lírio ao nascer:
Um raio de sol implora
Para que chegue a viver.

E o raio de sol que damos
À pobre criança é o beijo....
O lábio que nós beijamos
Ressoa como um arpejo.

¹⁸³ No manuscrito há uma dedicatória em tinta clara ou a lápis, com o sobrenome ilegível: A M^a da Glória [...]. Cascudo (2008, p. 58) cita Maria da Glória Pena como uma das pessoas a quem Auta dedicou poemas. Pode ser a mesma pessoa.

O pequeno passarinho
Esmola também o amparo:
Protejamos o seu ninho
Como o tesouro mais raro....

As flores no vil degredo
Da terra, vivem um dia!
Vamos levá-las bem cedo
À doce virgem Maria....

Terão assim melhor sorte
Quando forem a murchar....
As rosas amam a morte
Que as desfolha ao pé do altar.

Ai! Tudo que é fraco e triste
Precisa de amparo e luz...
E nada no mundo existe
Tão triste como uma Cruz!

Por isso adoro as lembranças,
As amarguras e as dores,
Assim como amo as crianças,
As andorinhas e as flores.

SANCTA VIRGO VIRGINUM^{184 e 185}

Mater purissima
Mater castissima
*Mater inviolata*¹⁸⁶

Ó santa estremecida,
Formosa e imaculada!
Estrela abençoada
Do Céu de minha vida!

2

Rainha casta e santa
Das virgens do Senhor,
Eterno resplendor
Que o mundo inteiro encanta!

3

Tu és minha alegria,
Meu único sorriso,
Ó flor do Paraíso,
Angélica Maria!

¹⁸⁴ Consta no manuscrito a numeração, desordenada, das estrofes, à exceção da primeira.

¹⁸⁵ Latim: Santa virgem das virgens. Poema alusivo à Virgem Maria, mãe de Jesus. No título e na epígrafe há trechos em latim da *Ladainha de Nossa Senhora*.

¹⁸⁶ Latim: Mãe Puríssima, Mãe Castíssima, Mãe Imaculada.

4

Ai! quantas vezes, quantas!
A minha frente inclina
Orando a ti, divina!
Ó Santa entre as mais santas!

7

Amada criatura,
Me lança, enternecido,
O teu olhar unguido
De imácula doçura!

5

Enfeitam luz e flores
O pé de teu altar...
Imenso e eterno mar
Afoga as minhas dores!¹⁸⁷

6

Ó Virgem tão serena!
Tu és meu sonho doce,
Perfume que evolou-se
De um seio de açucena!

8

Ó Arco da aliança,
Celeste e branco lírio,
Me salva do martírio,
Senhora da bonança!

¹⁸⁷ Esta estrofe está riscada no manuscrito.

9

Envolve no teu véu
A minha triste sorte,
E mostra-me, na morte,
A porta de teu Céu!

1897

177
Sancta Virgo virginum,

Mater purissima.
Mater castissima.
Mater inviolata.

O' santo estremecida,
Formosa e immaculada!
Estrella abençoada
Do Céu de minha vida!

2
Princha casta e santa
Das virgens do Senhor,
Eterno resplendor
Que o mundo inteiro encanta!

3
Eu és minha alegria,
Meu unico sorriso,
O' flor do Paraíso,
Angelica Maria!

Figura 8 – Poema *Sancta Virgo virginum* (Manuscrito, p. 197-199)

4
Ai' quantas vezes, quantas!
A minha fronte inclina
Orando a ti, divina!
O' Santa entre as mais santas!

7
Amada creatura!
Me lança, intercedido,
O teu olhar ungião
De immacula Doçura!

5
Enfeitam luz e flôres
O pé de teu altar ...
Imoense e eterno mar
Afoga as minhas dores!

6
O' Virgem tão serena!
Tu és meu sonho doce,
Perfume que evolou-se

157
De um rio de assucena!

8

O' Arco da alliança,
Celeste e branco lyrio,
Me salva do martyrio,
Senhora da bonança!

9

Envolve no teu rio
A minha triste sorte,
E mostra-me, na morte,
A porta de teu Ceo!

1894
E

FANTASIA¹⁸⁸

Não brinques ao sol, menina!
É tão preto o teu cabelo,
Que exposto ao sol que ilumina
Jamais, jamais quero vê-lo.

Não sabes por que, Maria?
Do sol o brilhante açoite
Só vem à terra de dia
Porque não gosta da noite.

E eu temo que ao ver formoso
O teu cabelo, um tesouro!
O sol que é tão invejoso,
Não queira torná-lo loiro.

Loiro, Maria! o repouso
Onde descanso com a Cruz...
A doce sombra onde pouso
Meus olhos fartos de luz?

¹⁸⁸ No *Horto* o poema é intitulado *Ciúme*. No manuscrito a dedicatória está riscada e alguns versos apresentam rasuras. O poema parece estar escrito a lápis.

Não quero, flor de minh'alma,
Linda esperança em botão...
O dia não é que acalma
As mágoas do coração.

Quando a dor em fúria brusca
Lhe vem magoar o seio,
A treva da noite busca
Para chorar sem receio.

E a minha noite mais pura
No teu cabelo é que vejo,
Esqueço toda a amargura
Se a tua cabeça beijo?

.....¹⁸⁹

E agora, santa, avalia
Que pena teria eu,
Se chegasse a ver um dia
O teu cabelo, Maria!
Da cor dos astros do Céu!

¹⁸⁹ Conservou-se o pontilhado do manuscrito.

GOIVOS¹⁹⁰

(À memória de Irineu)¹⁹¹

Um dia.... (eu era menina)
Trouxeram-me um passarinho
Era uma ave pequenina
Roubada ao calor de um ninho.

Inda não era sol posto....
Quantos perfumes trazia
A aragem fresca e macia
Daquela tarde de Agosto!

Devagarinho, no solo,
Sentei-me a cantarolar,
E logo pus-me a embalar
O pobrezinho no colo.

Que tempo estive, não sei!
Do mundo inteiro distante,
O jardim naquele instante
Foi a terra que eu amei.

¹⁹⁰ Consta no manuscrito a numeração de algumas estrofes em algarismos romanos e arábicos. Alguns versos e numerações apresentam rasuras. O poema parece estar escrito a lápis.

¹⁹¹ Irineu Leão Rodrigues de Souza (1875-1887), irmão da poeta que morreu queimado num acidente com um candeeiro (CASCUDO, 2008, p. 55-56).

II

Depois.... a noite descia....
E eu senti dentro do seio
Não sei que vago receio
Da tarde que além morria!...

Numa gaiola pequena
Fui deitar o passarinho,
Fazendo lá dentro um ninho
De algodão frouxo e de pena.

Mas dias depois, ó dor!
Que grande desdita a minha!
No fundo da gaiolinha
Achei morto o pobre amor.

Tinha o biquinho entreaberto,
Qual se morresse a cantar,
E um par de asas aberto
Como se fosse voar.

Chorei sem hipocrisia
Como se chora em criança....
Era a primeira esperança
Que do seio me fugia.

III

Que anos já vão! Entanto
Só recordo entristecida
A hora em que vi sem vida
O meu pequeno encanto.

E daquele triste dia
Do tempinho de criança,
Conservo como lembrança
A gaiolinha vazia.

Lembrança ingênua e sagrada!
Carícia que se balouça
Dentre os meus sonhos de moça
Como relíquia adorada!

IV

Um dia destes, enferma,
Eu recordava, a chorar,
Um sonho que vi brilhar
Em minha vida tão erma.

E cheia de desconforto
Fui evocando o perfil
Serenos, meigo e gentil,
De meu irmãozinho morto.

I

Quando ouvi, muito baixinho,
Um grito, vago e dorido,
Como o saudoso gemido
De um'ave pedindo o ninho

3

Julguei sonhar... Mas desperta
Estava ainda e sozinha!
Aquele gemido vinha

Da gaiola deserta.¹⁹²

2

Quem ousaria no mundo
Penetrar na soledade
Onde gemia a saudade
Do meu coração no fundo?

4

Era o soluço choroso
Da ave que se partira
E de meu seio fugira
Em busca do Azul formoso!

★ ★
★

Mas... A gaiola vazia,
Que eu conservo noite e dia,
Não sabem? É o Coração...
E dentro dele que mora,
E dentro dele que chora
A alma de meu irmão!

¹⁹² Texto modificado: Lá da gaiola deserta.

ÍNDICE¹⁹³

	Pg.
Primeira página	7
Angelina	8
Passando	12
Teus anos*	13
Místico*	14
Renato	15
Talvez*	17
Mater*	18
À beira do Mar*	20
Olhos azuis	21
Pressentimento*	23
Minh'alma e o Verso	24
De longe...	29
Partindo	31
Antonieta*	32
Meu sonho	33
No Templo	36
Noemi	38
No álbum de uma amiga	39

¹⁹³ O Índice apresenta diversas rasuras: anotações com caligrafias diferentes a tinta e a lápis, números, riscos, frases e títulos riscados. Foram mantidas somente as informações supostamente originais.

* O poema consta somente no Índice do manuscrito *Dálias*, e não no corpo da obra.

Dia de inverno	40
Cantai!	41
Carlota*	44
Lágrimas	45
A morte de Helena	46
Soneto	48
Regina Coeli	49
O Beija-flor	53
Feliz	54
Ao luar	57
Desalento	60
Página triste ¹⁹⁴	
Morta	63
A alguém (alma de minha mãe)	65
Doloras	66
Cantando	68
Pobre flor!	72
Um sonho	73
Meu Pai	76
A ti...	77
Recuerdo	79
Minha mãe	83
Flores	84
Extinto	86
A meu bom anjo	87
Nunca mais	89
Estrada afora	91
Pelo passado	92

¹⁹⁴ A página apresenta um rasgo impedindo a visualização da numeração.

* O poema consta somente no Índice do manuscrito Dálías, e não no corpo da obra.

Versos ligeiros	94
Bendita	97
Poemeto	98
Jesus	104
A...	105
À memória de uma ave	108
Na Judeia	109
Visita a um túmulo	111
Ao Mar	115
Quadras	117
Mágoas	118
Hoje	12-
Meu coração	12-
A volta do sertão	12-
No álbum de Dolores	124
Força do destino	125
Melancolia	12-
Pelos pobrezinhos	128
A noiva	131
No cemitério	132
★★★	134
Reminiscência	136
O Coração e o beijo	137
A monja	139
A trança	140
Página azul	142
Ao clarão da lua	144
Rezando	148
Agonia do coração	151
À luz de teu olhar	153

De joelho	155
Lídia	159
À Jovita	160
Olhando o Céu	162
Na Capelinha	164
Caminho do sertão	168
O que são estrelas...	169
Celeste	172
Loli	173
Boêmias	176
Dolentes	179
Chorando...	182
Simbólicas	185
Zirma	189
Tuas mãos	193
Simple	194
Sancta Virgo virginum	
Goivos	
Fantasia	

Indice

Primeira pagina.	X		7
Angelina.	X	13	8
Tassardo.	X	18	12
Cous annos.	X	5	13
Mystico.	X	12	14
Renato.	X	15	15
Calvez.	X	28	17
Matix.	X	6	18
A beira do Mar.		16	20
Olhos azues.		19	21
Resentiments.		35	23
Spinh' alma e o Veso.		7	24
De longe ...		33	29
Partindo.		38	31
Antoniotta.			32

Figura 9 – Índice (Manuscrito, não paginado)

Meu sonho	30	12	33
No templo 2	X 34		36
Noemi	49	130	38
No album de uma amiga		23	39
Rea de inverno			40
Cantai!	42	26	41
Carlota	X	X	44
Lagrimeiras	X 14		45
A morte de Helena	50	22	46
Soneto	80		48
Regina Cali	5	X	49
O Beija-flor	64		53
Feliz	53	147	54
No luar 11	X		57
Desalento	75	X	60
Regina triste	82		61
Morta	54	12	63
A' atquem	24	148	65
uma a beirada			

<u>Doloras</u>	- 56	131	67
Cantando	- 8	X	68
Pobre flôr	- 88		72
Um sonho	X - 69	14	23
Meu Pai	- 32	6	26
A ti ...	- 41	121	27
Requerdo	- 31	128	29
Minha mãe	- 45		83
<u>Flôres</u>	- 51	14	84
<u>catirato</u>	- 90		96
A meu bom anjo	X - 55	16	87
Linca mais	- 45	24	89
Enxada a fora	- 4	14	91
Do passado	- 81	127	92
Dois ligeiros	X - 44	16	94
<u>Bondita</u>	- 146		97
<u>Correto</u>	-		98
Jesus	-		104

et...			100
A memoria de uma ave	- 70		708
Na Judia.	X - 25	113	100
Visita a um tumulo	- 72		111
No Mar.	X - 60	710	115
<u>Quadras.</u>		3271	118
<u>Magoa</u>		64	118
<u>Hoje.</u>	- 40	137	12
<u>Mae coraçao</u>	- #		12
<u>A volta do sertão</u>	- 24		12
<u>No album de Polaris.</u>	- 85	X / 4 / 30	124
Força de destino	- 27		125
<u>Melancolia.</u>	- 78	142	126
<u>Selos polissimos.</u>	- 2		128
<u>A nina.</u>	- 77	174	131
<u>No cemiterio.</u>	- 26	33	132
<u>***</u>	- 89	140	134
<u>Remissao</u>	- 86		136
<u>O Coraçao e o beijo</u>	- 76		137

Si essa seja ^{coron} a ~~grande~~ era ~~para~~ a ~~leitura~~ 193

na <u>monja</u>	- 84	50	139
na <u>trança</u>	- 23	49	140
na <u>Sagina azul</u>	- 37	118	142
na <u>do clarão da lua</u>	- 19	84	144
<u>Rezando</u>	27	7	148
<u>Agonia do coração</u>	X 10	15	151
na <u>luz de teu olhar</u>	114	119	158
<u>Das joelhas</u>	- 23	15	155
<u>Lealdade</u>	61	3 X 20	158
<u>na joia</u>	- 39	1 X	160
<u>Olhando o Céu</u>	2	- X	162
<u>Na Capelinha</u>	X 65	170	164
<u>Caminho do sertão</u>	- 74	1 X	168
<u>O que são estrelas...</u>	59	94	169
<u>Cedaste</u>	X 5		172
<u>Jôia</u>	- 66	175	173
<u>Bohemias</u>	- 62	36	176
<u>Doentes</u>	- 63	87 - 51	179
<u>Chorando</u>	68	145	181
<u>Simbólicas</u>	36	40 antes X X	182
<u>Uma</u>	48	2	185
<u>Quas mãos</u>	- 46	140	189
		39	193

Simples	79	/ 44	194
aneta	Veris	ingr	1/3
greta	11	4	209
<u>Phytolacca</u>		4	200

18 por
27 L.
5 A.

Canidia de cartas	10	Soneto	12	23
Estimote	33	Reza flor		
Polva flor	35			
A memoria de nome	17			24

FONTES CONSULTADAS

BARBOSA, Edgar Ferreira. A vida breve que foi canção. *In*: CASCU-DO, Luís da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Coleção Câmara Cascudo – Memórias e biografias. Natal: EDUFRN, 2008. p. 17-20.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Coleção Câmara Cascudo – Memórias e biografias. Natal: EDUFRN, 2008.

COSTA, Agenor José da. *Dicionário geral de sinônimos e locuções da língua portuguesa*: reunindo a sinonímia e as locuções de dezessete dicionários com seus significados nas ordens direta e inversa. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro : Biblioteca Luso-brasileira, 1960. 2 v.

DICIO: Dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: jan.-ago./2021.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: jan.-ago./2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, c1986.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. [S.l.: s.n.], 1913. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em: jan.-ago./2021.

FONSECA, L. Simões da. *Dicionario encyclopedico illustrado da lingua portuguesa*. 5. ed. melhor. Rio de Janeiro: H. Garnier, [c. 1900].

GALVAO, Cláudio. *Cancioneiro de Auta de Souza*. Natal: Fundação José Augusto/EDUFRN, 2001.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. *Auta de Souza: a noiva do verso*. Natal: EDUFRN, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. Reimpr. com alterações. Rio de Janeiro : Objetiva, 2004. xxxiii, 2922 p.

INFOPÉDIA: dicionários Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/>. Acesso em: jan.-ago./2021.

PINTO, Luiz Maria da Silva Pinto. *Diccionario da língua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

SILVA, Antonio de Moraes e. *Diccionario da língua portuguesa: recopilado de todos os impressos até o presente*. Lisboa: Typographia de M. P. de Lacerda, 1823.

ANEXO 1

CARTA A JULIETA¹

Barro Vermelho, 14 de março de 1900.

Boa Julieta

Há quantos dias não recebi a sua carta! Estamos na Quaresma, tempo de caridade, perdoe-me ainda esta falta.

Como passa de saúde com os seus? Eu vou passando regularmente, de uns oito dias para cá.

Depois que você escreveu-me perdi² uns dias bastante aborrecida.

Quando vem por aqui? estou pensando que não mereço esta honra. Anteontem estive na beira, em casa do D^r Chaves, do passar o Batalhão, pensei muito em você, mas não foi possível ir vê-la.

Adeus. Todos os meus enviam-lhe lembranças e ao Sn^o Mascarenhas a quem você me recomendará.

Aceite muitas saudades e um beijo da sua

Auta

P.S. Este soneto é para o “Oito de Setembro.” Adeus! Adeus!

¹ Carta encadernada entre as páginas 76 e 77 do manuscrito.

² Não há certeza de que essa palavra é ‘perdi’.

Barro Vermelho, 14 de Março de 1911

Boa Julieta

Na quantos dias não re-
cebi a sua carta! Estamos um
suavemente. Quer de caridade, fu-
sta - me ainda esta falta.

Como passa de saúde com
os seus? Eu vou passando regular-
mente, de uns oito dias para cá.
Deixo que você escreva me por
uns dias bastante aborrecido.
Quando vem por aqui? Estou
pensando que não mereço esta

honra. Ante-hontem estive na
beira, em casa do D^o Chaves,
de passar o Batalhão, pensei
muito em você, mas não
foi possível ir vel-a.

Adieu. Todos os
meus serviços - the lembranças
e ao Sr^o Mascarenhas e q^{ue}
você me recommendará.

Acite muitas saudades
e um beijo da ama

Jo
r. d.

P.S. Este soneto é para o "V.
de Setembro." Adieu! Adieu!

ANEXO 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LABIM - Laboratório de Imagens: digitalização de
documentos raros

DIGITALIZAÇÃO DO LIVRO “DHALIAS”

Descrição técnica

No dia 24 de fevereiro de 2021, realizamos, no Laboratório de Imagens, a digitalização do livro manuscrito Dhalias, de Auta de Souza, datado de 1893-1897. O trabalho foi realizado no escâner planetário Zeutschell OS 12000, seguindo as orientações do CONARQ, Conselho Nacional de Arquivos, na sua Resolução N° 31, de 28 de abril de 2010, que trata de uma recomendação para a digitalização de documentos arquivístico permanentes. O tipo do formato do arquivo digital foi feito em TIFF sem compressão, colorido, 24 bits e a resolução utilizada foi de 300 dpi.

O livro tem uma dimensão aproximada d 15x20 cm, com capa dura e cerca de 190 páginas, sendo que há lacunas no seu original: da página 16 passa para a 21; e da 155 para a 159.

A edição das imagens foi feita no programa ABBYY FinnerRider 15. Produzimos ao final arquivos de imagens, no formato TIFF e em PDF.

A digitalização do manuscrito foi solicitada por Anderson Tavares de Lyra e Carlos Castim, e pela diretora da Biblioteca do Senado, Margareth Lima. O livro fará parte de um projeto denominado “Coleção Escritoras do Brasil” que é um projeto desenvolvido por esta biblioteca, tendo como objetivo “promover o conhecimento e a leitura de escritoras brasileiras que foram esquecidas pelo cânone literário”.

O original, bem como os arquivos digitais serão entregues hoje ao Senhor Carlos Castim.

Natal, 02 de março de 2021.

Coleção Escritoras do Brasil

Esta coleção, iniciada em 2018, foi idealizada e tem a curadoria da Biblioteca do Senado Federal.

Títulos publicados:

- v. 1 – A mulher moderna
Josefina Álvares de Azevedo
- v. 2 – Ânsia eterna
Júlia Lopes de Almeida
- v. 3 – Opúsculo humanitário
Nísia Floresta
- v. 4 – Mármore
Francisca Júlia da Silva
- v. 5 – A judia Raquel
Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz
- v. 6 – Cancros sociais
Maria Ribeiro
- v. 7 – Um drama na roça
Carmen Dolores
- v. 8 – Dálias
Auta de Souza

Coleção Escritoras do Brasil
Biblioteca do Senado Federal
escritorasdobrasil@senado.leg.br

Secretaria de Editoração
e Publicações



A **Coleção Escritoras do Brasil** busca divulgar o trabalho intelectual das escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença nos cânones literários, valorizando, assim, as atividades, a produção e o pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Também visa preencher uma enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários.

As versões digitais das obras da **Coleção Escritoras do Brasil** estão disponíveis, para download gratuito, na Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF) e na página da Livraria do Senado.



9 786556 761817

Disponível online

